



UNIVERSIDADE FEDERAL DE
CAMPINA GRANDE



MESTRADO PROFISSIONAL DE
SOCIOLOGIA EM REDE NACIONAL

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES - CH
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS - UACS
MESTRADO PROFISSIONAL DE SOCIOLOGIA EM REDE NACIONAL -
PROFSOCIO**

KALINE GOMES FERNANDES

ESCOLA E REDES SOCIAIS: UMA REFLEXÃO POSSÍVEL

CAMPINA GRANDE – PARAÍBA

2020

KALINE GOMES FERNANDES

ESCOLA E REDES SOCIAIS: UMA REFLEXÃO POSSÍVEL

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Sociologia em Rede Nacional – PROFSOCIO ministrado no Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino de Sociologia.

Orientador: Professor Doutor Severino José de Lima

CAMPINA GRANDE - PARAÍBA

2020

F363e Fernandes, Kaline Gomes:
Escola e Redes Sociais: Uma reflexão possível / Kaline Gomes
Fernandes. – Campina Grande, 2020.
162 f.

Dissertação (Mestrado Profissional em Sociologia) – Universidade
Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2020.

"Orientação: Prof. Dr. Dr. Severino José de Lima".

Referências.

1. Redes Sociais. 2. Sociologia. 3. Juventude. I. Lima, Severino José
de. II. Título.

CDU 004.77(043)

KALINE GOMES FERNANDES

ESCOLA E REDES SOCIAIS: UMA REFLEXÃO POSSÍVEL

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Sociologia em Rede Nacional – PROFSOCIO ministrado no Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino de Sociologia.

Orientador: Professor Doutor Severino José de Lima

Aprovado em: 21/08 / 2020

BANCA EXAMINADORA

Professor Doutor Severino José de Lima (PROFSOCIO – CH – UACS - UFCG)
(Orientador)

Professora Doutora Maria Assunção Lima de Paulo (PROFSOCIO – CH – UACS – UFCG)
(Examinador interno)

Professor Doutor José Marciano Monteiro (PROFSOCIO – CH – CDSA – UFCG)
(Examinador externo)

Professor Mestre Maurino Medeiros de Santana (CH – UACS – UFCG)
(Suplente interno)

CAMPINA GRANDE - PARAÍBA

2020

Processo: 23096.025393/2020-08 Documento: 0963464



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
 MESTRADO PROFISSIONAL EM SOCIOLOGIA EM REDE NACIONAL
 Rua Aprígio Veloso, 882, - Bairro Universitário, Campina Grande/PB, CEP 58429-900

REGISTRO DE PRESENÇA E ASSINATURAS

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - TCC

Como parte das exigências para a concessão do grau de mestre, às 20:00 horas do dia 22 de Maio de 2020, totalmente através de videoconferência, realizou-se a sessão pública de defesa de TCC do aluno KALINE GOMES FERNANDES. O trabalho tinha como título "Escola e Redes Sociais: Uma reflexão possível".

Compunham a banca examinadora os professores (as) doutores Severino José de Lima (Orientador), a Profa. Dra. Maria de Assunção Lima de Paulo (Examinadora Interna), o Prof. Dr. José Marciano Monteiro (Examinador Externo). A candidata expôs oralmente a defesa via **videoconferência**, em seguida os membros da banca procederam à arguição. A sessão foi finalizada com a **APROVAÇÃO** por parte da banca examinadora.

Foi lavrada a presente ata, que é abaixo assinada pelos membros da referida banca e pela aluno e por mim, como coordenadora do PROFSOCIO/UFCG- CH-PRPG.

Prof. Dr. Severino José de Lima (Orientador)	KALINE GOMES FERNANDES (Orientando)
Profa. Dra. Maria de Assunção Lima de Paulo (Examinadora Interna)	Dr. José Marciano Monteiro (Examinador Externo)

Maria de Assunção Lima de Paulo

Coordenadora do PROFSOCIO/UFCG- CH-PRPG

Campina Grande, 21 de agosto de 2020.



Documento assinado eletronicamente por **MARIA DE ASSUNCAO LIMA DE PAULO, COORDENADOR(A)**, em 21/08/2020, às 12:05, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da Portaria SEI nº 002, de 23 de outubro de 2018.



Documento assinado eletronicamente por **JOSE MARCIANO MONTEIRO, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 25/08/2020, às 10:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da Portaria SEI nº 002, de 23 de outubro de 2018.



Documento assinado eletronicamente por **Kaline Gomes Fernandes, Usuário Externo**, em 26/08/2020, às 22:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da Portaria SEI nº 002, de 23 de outubro de 2018.



Documento assinado eletronicamente por **SEVERINO JOSE DE LIMA, COORDENADOR(A) DE GRADUACAO**, em 23/10/2020, às 23:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da Portaria SEI nº 002, de 23 de outubro de 2018.

*À minha eterna Mãe, pelo exemplo de mulher, de
força e de resistência que sempre me inspirou*

Agradecimentos

À Deus agradeço, por trilhar meu caminho e entregar meu destino nas mãos de pessoas tão especiais, meus pais...

Não poderia iniciar esta dedicatória sem realçar a insubstituível importância da minha família em minha vida. Pai e mãe, agradeço hoje e sempre por todo amor que me dedicaram e por toda educação que me proporcionaram. Vocês são exemplo de vida e meu alicerce de sustentação. Às minhas irmãs, agradeço pelo amor e amizade.

Ao meu esposo, que partilha comigo cada momento da minha vida e sempre me dá forças pra seguir em frente. Agradeço pelo amor, paciência e dedicação e companheirismo nas inúmeras noites acordadas estudando e trabalhando. Mas acima de tudo agradeço à Deus, por ter colocado em minha vida uma pessoa tão especial como você, Te amo.

À minha filha, que me acompanhou e sentiu junto comigo as dificuldades e alegrias. Me fez sentir o prazer da responsabilidade materna em ser espelho e lutar por dias melhores ao teu lado. Te amo infinitamente, minha valente.

Ao meu orientador, professor Xangai, um ser humano incrível, pela contribuição imensurável e o apoio de sempre. Diante de tantas limitações que surgiram ao longo desse período, buscou sanar minhas dúvidas e orientar no melhor caminho possível.

À Escola Cidadã Integral Maria José de Souza, pelo apoio, contribuição e organização para que a realização de um sonho meu. Em especial à gestão, aos amigos de trabalho e aos alunos que, ao longo desse período, me ouviram, me aconselharam e abrilhantaram minha pesquisa.

Aos companheiros da turma do Profsocio, verdadeiros guerreiros e irmãos, ao lado de vocês os dias foram mais leves e divertidos.

...OBRIGADA!

“Apenas os que dialogam podem construir pontes e
vínculos” (Papa Francisco)

RESUMO

A interação dos jovens com o universo virtual tornou-se frequente no ambiente escolar e tem gerado inúmeras transformações culturais, políticas e educacionais, além do que ganhou maior ênfase diante da expansão do Covid-19 que ocasionou nas suspensões das aulas presenciais. Esse cenário nos leva ao objetivo de estudar os impactos das redes sociais na educação e, particularmente, numa escola pública, identificando e analisando como os jovens estudantes usam e como pensam essas redes sociais, considerando os alunos do Ensino Médio do município de Montadas - PB. De modo a compreender como essa forma de pensar e o hábito do uso podem impactar em seu processo formativo educacional sob a perspectiva sociológica. Para isso, fizemos uma análise da literatura que trata das transformações experimentadas pela sociedade contemporânea através do quadro conceitual dialogando com as importantes influências teóricas acerca da discussão desse fenômeno, como: Zygmunt Bauman, Manuel Castells, Raquel Recuero e Pierre Lévy e verificamos em perspectiva histórica como os estudos vieram avançando em termos conceituais e metodológicos desde a popularização da tecnologia WEB 2.0. Além disso, apresentamos as contribuições de Bauman no que se diz respeito aos aspectos teórico-metodológico, de modo a promover o diálogo vivo, como prática sociológica, com as experiências e as vivências dos estudantes, compreendendo os saberes da vida cotidiana pelos mesmos durante todo o processo da pesquisa, observando atentamente o comportamento no ambiente escolar e fazendo uso de reuniões de grupos focais, entrevistas semiestruturadas via WhatsApp e aplicações de questionários na sala de aula e nas plataformas digitais como procedimentos metodológicos para o desenvolvimento da pesquisa. Apresentando, ainda, as limitações e problemas enfrentados devido à crise sanitária e a implantação do ensino remoto que desafiou seu desenvolvimento. O frequente uso do aparelho smartphone intensificou as visitas nas plataformas digitais, inclusive nas redes sociais, sobretudo para atender as necessidades estudantis em tempo de pandemia, dividindo o acesso à internet, antes exclusivo para a manutenção de suas relações sociais, agora com as atividades escolares. Cabendo a Sociologia, portanto, a vocação de identificar no mundo vivido as possibilidades de produção de conhecimento a partir da reflexão da vida cotidiana e estimular a liberdade de escolha diante dos problemas e dos dilemas vivenciados, especialmente no contexto escolar com a eclosão do mundo virtual através das redes sociais.

Palavras-chave: Redes Sociais, Sociologia, Juventude

ABSTRACT

The interplay of young people with virtual space became frequent in school environment and has created countless cultural, political and educational changes, besides it obtained more emphasis due the expansion of Covid-19 which caused the suspension of face-to-face classes. This scenario lead us to the aim of studying the impacts of social network in the education and, particularly, at a public school, identifying and analyzing how young students use and how they think about these social networks, considering high school students in the municipality of Montadas – PB. For the purpose of understand how this mindset and the habit of using it can impact in their educational formative process from a sociological perspective. For this, we made a literature analysis that attend to the changes lived by the contemporary society through the conceptual framework, debating with important theoretical influences about this phenomenon discussion, such as: Zygmunt Bauman, Manuel Castells, Raquel Recuero e Pierre Lévy and we verified in historical perpective how studies evoluated about conceptual and methodological terms since popularization of WEB 2.0 technology. Furthermore, we introduced contributions of Balman with the regard to theoretical-methodological aspects, to promote living dialogue, as a sociological practice, with the students experiences and exposures, to understand the knowledges of daily life by them during the whole research process, mindfully observing the behavior in the school environment and making use of focus group meetings, semi-structured interviews by WhatsApp and applying questionnaires in the classroom and on digital platforms as methodological procedures to the research development. Also introducing the limitations and problems faced because of health crisis and the implementation of remote learning which challenged its development. The frequent use of smartphone device enhance the visits in digital plataforms, including social networks, mainly to attend the students demand in pandemic times, dividing internet access, previously only to maintaining their social relationships, now with school activities. Therefore, Sociology has the vocation to identify in the lived world the possibilities of knowledge production based on the reflection of everyday life and to stimulate freedom of choice in the face of the problems and dilemas experienced, especially in the school contexto with the emergence of the virtual world through social networks.

Keywords: Social Networks, Sociology, Youth

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Quadro de Pesquisadores de Todos os Níveis de Formação Recuperados pela Palavra “Redes” e pela Expressão “Redes Sociais” em cada área de atuação.....	50
Quadro 02: Número de Pesquisas Recuperadas pelo Google por palavras-chave em março de 2006 (só no Brasil).....	52

LISTA DE TABELAS

Tabela 01: Faixa Etária dos Alunos matriculados no ano letivo de 2020.....	133
Tabela 02: Conteúdos buscados nas mídias digitais pelos alunos entrevistados nos grupos fociais.....	138
Tabela 03: Sites com maior frequência dos estudantes	140

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01: Porcentagem de alunos que residem na zona rural e urbana.....	134
Gráfico 02: Quais os instrumentos utilizados para realizar as atividades na plataforma digital.....	148
Gráfico 03: Grau de satisfação com o uso da plataforma.....	149

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APL – Arranjo produtivo local

ASA – Articulação do Semiárido Brasileiro

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento de C&T e Inovação

GTA – Grupo de Trabalho Amazônico

IBICT – Instituto Brasileiro de Ciência e Tecnologia

IC – Inteligência Competitiva

MIT - Massachusetts Institute Technology – USA

NUPEF - Núcleo de Pesquisa, Estudos e Formação de Rede de Informações para o Terceiro Setor

ONG – Organização Não-Governamentais

ONU – Organização das Nações Unidas

TDIC - Tecnologias Digitais da Informação e Comunicações

TIC - Tecnologias da Informação e Comunicação

UNISINOS – Universidade do Vale do Rio dos Sinos

UNIVALI – Universidade do Vale do Itajaí

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	17
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	22
2.1 QUADRO CONCEITUAL.....	22
2.1.1 CAPITALISMO.....	23
2.1.2 GLOBALIZAÇÃO.....	29
2.1.3 MODERNIDADE.....	31
2.1.4 PÓS-MODERNO E MODERNIDADE LÍQUIDA.....	34
2.1.5 MÍDIAS SOCIAIS.....	38
2.1.6 REDES SOCIAIS.....	39
2.2 ESTADO DA ARTE DA PESQUISA SOBRE REDES SOCIAIS.....	46
2.2.1 REDES SOCIAIS E TECNOLOGIAS SOCIAIS: PESQUISA SOBRE ESTADO DA ARTE DE 1996-2006.....	48
2.2.2 REPERCUSSÕES DAS REDES SOCIAIS NA SUBJETIVIDADE DOS USUÁRIOS.....	75
2.2.3 USOS E APROPRIAÇÕES DAS REDES SOCIAIS ON-LINE POR JOVENS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO E FUNDAMENTAL.....	81
3. METODOLOGIA: AS CONTRIBUIÇÕES DE ZIGMUNT BAUMAN.....	90
3.1 A SOCIOLOGIA COMO PRÁTICA DO DIÁLOGO.....	93
3.2 PRA QUE SERVE A SOCIOLOGIA?.....	100
3.2.1 O QUE É?.....	100
3.2.2 POR QUE FAZER SOCIOLOGIA?.....	104
3.2.3 COMO FAZER SOCIOLOGIA?.....	108
3.2.4 QUAL É O ALCANCE DA SOCIOLOGIA?.....	123
4. OS CAMINHOS DE NOSSA PESQUISA.....	126
4.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA DE CAMPO.....	127
4.2 UNIVERSO DA PESQUISA.....	129
5. JOVENS ESTUDANTES E REDES SOCIAIS: USOS, PENSARES E SIGNIFICADOS.....	134
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	152

7. REFERÊNCIAS.....156
8. APÊNDICE.....161

INTRODUÇÃO

A interação dos jovens com o universo virtual se tornou tema de estudo em virtude de nossa trajetória profissional no ambiente escolar, onde vivenciamos diariamente desafios. Deparamo-nos com limitações e superações frente ao fato da tecnologia digital ter provocado inúmeras transformações no âmbito das relações sociais, sobretudo na educação.

Ao longo de uma década vivida nos corredores de diferentes escolas, ora sob o comando de sala de aula, ora sob a gestão da escola, presenciamos inúmeras situações de mudanças comportamentais entre os jovens estudantes que muito se distancia das práticas que eram comuns em nossa época enquanto estudante do ensino básico.

Atuando como professora de Sociologia e Filosofia numa escola de tempo integral, observamos alunos diariamente pouco se relacionando com os colegas da mesma sala, consumindo o curto tempo de intervalo entre as aulas para fazer uso de aparelhos de smartphone, não interagindo, assim, com o colega que partilha ao seu lado do tempo escolar e do mesmo espaço físico. Comunicam-se com a turma através do grupo do WhatsApp com maior frequência que pessoalmente e fazem deste aplicativo um recurso didático para registros fotográficos do conteúdo das aulas, partilhar resultados de atividades e organizar tarefas coletivas, especialmente atividades extra-classe¹ simultaneamente que interagem através de jogos, ouvem músicas, assistem filmes/séries e compartilham figurinhas.

O aparelho de smartphone se tornou o frequentador assíduo da escola, muito além do caderno, do livro e da farda. Tornou-se um instrumento pedagógico para ampliação do conhecimento através da universalização tecnológica e digital. Personagem esse que firmou laços nesse processo de ensino e aprendizagem e que não há indícios de sua provável saída, ou seja, “veio para ficar”.

A virtualização das relações se estendeu para os professores, que também se fazem presentes nas redes sociais junto aos alunos. A sala de aula se expandiu para além dos muros da escola e a comunicação ganhou uma aliada, a tecnologia digital. Distribuição de material de multimídia complementar para aula, gravação de áudio para compreensão do conteúdo e lembretes de atividades vindouras são exemplos dos motivos que essa interação virtual vem se tornando corriqueira entre eles. Além disso, tornou-se ainda mais vívida com o isolamento

¹ Divisão de grupos para organização e distribuição da merenda escolar nos horários das refeições, acolhimentos diários são atribuições dos alunos nas escolas cidadãs integrais.

social em consequência da crise sanitária mundial decorrente da expansão do novo Coronavírus.

Com o uso das plataformas digitais e a migração do ensino para o formato remoto, a comunicação se estreitou ainda mais, porém, tornou ainda mais visível a desigualdade social. O acesso à internet e a aquisição de dispositivos móveis com capacidade de memória digital para o armazenamento de conteúdos chegam a um número limitado de estudantes, assim como a facilidade e o entrosamento com esse formato de ensino que dificulta e impossibilita a continuidade dos estudos.

Nossa experiência enquanto professora observando as situações que estão surgindo na rotina diária dos jovens estudantes, nos levou a perceber a obsolescência da escola diante dos avanços que a tecnologia da comunicação vem oferecendo e tem se tornando comum entre os alunos fora das salas de aula. As possibilidades de comunicação e de acesso à informação são inúmeras, porém pouco utilizadas e apropriadas pela escola durante o processo de ensino e aprendizagem.

A cada ano um novo grupo de alunos adentra a escola e com eles uma bagagem de novas experiências é incorporada ao nosso dia a dia escolar. Como se trata de uma escola de Ensino Médio, os alunos novatos experimentam de um ritual de passagem que marca sua trajetória estudantil, ou seja, com a saída de uma escola infanto-juvenil para uma experiência mais madura numa escola com horários, corpo docente e disciplinas diferenciadas das até então vistas. Em suas bagagens uma nova demanda de natividade digital, com práticas e perspectivas fortemente incorporadas no mundo virtual.

Essa perspectiva se aproxima do que Dayrell & Carrano (2014) afirmam de que os estudantes são denominados de sujeitos com múltiplas trajetórias e experiências de mundo, oriundas de redes de relacionamentos produzidas nos novos espaços-tempos da internet, do mercado de consumo, de grupos culturais juvenis ou intergeracionais, de grupos religiosos e de culturas criativas e periféricas, capazes de transformar o universo escolar e provocando novos desafios à escola que precisa atender a essa nova demanda de estudantes e necessidades peculiares e reais.

Nesse sentido, “não existe uma cultura única” (ROCHA; TOSTA, 2009, p. 131) na escola, por isso é preciso dar sentido e importância às suas mais diferentes formas de manifestações e consolidação em torno das práticas e saberes produzidos. “[...] A cultura da escola é constituída de um mundo social que tem características próprias, seus ritmos e seus próprios ritos, sua linguagem, seu imaginário, seus modos de regulação e de transgressão, seu regime próprio de produção e de gestão de símbolos” (ROCHA; TOSTA, 2009, p. 131).

Dessa maneira, estabelecemos como questão norteadora da pesquisa: Como estudar os impactos das redes sociais na educação e, particularmente, numa escola pública sem identificar e analisar como os jovens estudantes usam e como pensam essas redes sociais, considerando os alunos do Ensino Médio do município de Montadas - PB.

Contudo, tentamos sondar quais dispositivos e com que frequência são utilizados por eles, bem como quais as redes sociais e por qual universo de saberes eles apresentam interesse no que diz respeito ao uso das tecnologias dentro do contexto escolar. Trata-se de uma inquietação pessoal sobre o tema, mas também, acreditamos que contribuiremos através dessa pesquisa para o âmbito acadêmico e social dando relevo à importância que há no uso das tecnologias digitais no ambiente escolar, sobretudo no campo da sociologia, cujo acervo das principais plataformas digitais de publicações de pesquisa sobre essa temática encontra-se atualmente em quantidade reduzida, especialmente na área do ensino de Sociologia na Educação Básica.

À luz de Zygmunt Bauman (2010), busquei dialogar com os estudantes sobre o uso das redes sociais e como eles as enxergam na rotina diária, além de entender como esse uso reflete no cotidiano escolar. Trata-se de compreender os saberes da vida cotidiana por meio das experiências e vivências relatadas pelos mesmos durante todo o processo da pesquisa, observando atentamente o comportamento no ambiente escolar e fazendo uso de reuniões de grupos focais, entrevistas semiestruturadas via WhatsApp e aplicações de questionários na sala de aula e nas plataformas digitais como procedimentos metodológicos para o desenvolvimento da pesquisa.

Os jovens, por sua vez, são nativos digitais aptos a desenvolver habilidades cognitivas e relacionais no ciberespaço, nascidos e criados durante uma revolução científico-tecnológica da informação, aonde suas relações sociais se confundem com as relações virtuais e obedece a lógica da interconexão. As redes sociais virtuais se consolidam através da interação e agregam à vida real desses atores características incomuns aos relacionamentos físicos e reais típicos das sociedades na modernidade sólida.

Com o avanço da Web 2.0, as mídias digitais favorecem a mobilidade na rede e possibilitam a interação entre os usuários. Através dos computadores e dos dispositivos móveis com acesso à internet, uma série de novas práticas culturais, políticas e sociais surgem e torna-se aqui o que Pierre Lévy denomina de “cibercultura”. É possível, então, no cerne dessa revolução tecnológica, encontrar mudanças significativas no modo como é circulado e produzido o saber no mundo online e que estão sendo ignorados pela escola.

Todo esse contexto resulta das transformações econômicas, políticas, sociais e culturais decorrentes da revolução científica tecnológica proporcionada pelo processo de globalização. Tais mudanças correspondem a uma fase do capitalismo neoliberal que tem como uma de suas características a predominância do capital financeiro. Essas transformações têm desencadeado crises, seja econômica, ambiental e agora sanitária; mas não se pode deixar de considerar que tudo isso tem como pano de fundo o campo da ciência e tecnologia.

Mediante uma análise da literatura que trata das transformações experimentadas pela sociedade contemporânea, observa-se que elas se caracterizam pela abrangência planetária, chamada de globalização, arrastando em seu rastro de mudanças, povos e culturas em todos os cantos do planeta.

Para compreender melhor essas transformações, procuramos dialogar com uma vasta literatura sobre o tema delimitado de autores mais conhecidos no âmbito acadêmico pelas análises que fazem sobre essas mudanças. Além disso, eles ajudaram a entrar no universo da revolução cibernética, o que nos permitiu fazer uma leitura a partir da historicidade de sua evolução. Todo o processo de globalização desenvolvido na terceira fase do sistema capitalista desencadeou uma transformação brutal, não apenas no setor econômico, mas na concepção de Estado com novas perspectivas mercadológicas, na formação do indivíduo enquanto cidadão e habitante de uma localidade e nômade virtual nas suas inter-relações afetivas e profissionais.

Nesse sentido, versar sobre as contrariedades nos modos de vida entre os ditos períodos da modernidade sólida para a modernidade líquida nos revela as transformações sociais baseadas nos princípios econômicos que fragilizaram os laços humanos, sobretudo com o avanço tecnológico e a virtualização das relações através das redes sociais.

Esse trabalho tem como hipótese teórico-metodológica mostrar que as contribuições de Bauman (2010) são as mais adequadas para dar conta do estudo sobre o fenômeno das redes sociais e seus impactos nos jovens estudantes do Ensino Médio. Para o teórico, a prática sociológica deve ser um diálogo vivo com as experiências e vivências dos atores sociais, no caso de nossa pesquisa, especificamente, dos estudantes, principalmente quando se aborda questões que estão ligadas às subjetividades humanas.

Nesse sentido, o objetivo geral desse trabalho é analisar como os jovens estudantes do Ensino Médio de uma escola pública do município de Montadas/PB usam e o que pensam sobre as redes sociais. Compreendendo, portanto, como essa forma de pensar e o hábito do uso podem impactar em seu processo formativo educacional sob a perspectiva sociológica.

Além dessa Introdução, este trabalho está estruturado em mais quatro capítulos. A saber, no segundo capítulo intitulado “Referencial Teórico” que se divide em dois subtópicos: 2.1. Quadro Conceitual e o 2.2. Estado da Arte da Pesquisa Sobre Redes Sociais. No subtópico “Quadro Conceitual” é tratado conceitos gerais e processos históricos que no seu conjunto contribuem para compor o cenário macrosociológico no qual está situado o fenômeno que abordamos no âmbito local e da vida cotidiana. São eles: capitalismo e capitalismo parasitário, modernidade e modernidade líquida, cibercultura, mídias e redes sociais da internet e etc. Em síntese, são apresentadas as principais influências teóricas na discussão sobre o fenômeno abordado: são emblemáticas as contribuições de Zygmunt Bauman (2010), Manuel Castells (2003; 2008; 2010), Raquel Recuero (2009) e Pierre Lévy (1999; 2000). Já no segundo subtópico “Estado da Arte da Pesquisa sobre Redes Sociais” verificamos em perspectiva histórica como os estudos vieram avançando em termos conceituais e metodológicos desde a popularização da tecnologia WEB 2.0 até os dias de hoje e como ela vem impactando na vida cotidiana de nossa juventude estudantil.

No terceiro capítulo “Metodologia: as Contribuições de Zygmunt Bauman” são apresentados os pressupostos metodológicos que guiaram a nossa pesquisa de campo: o diálogo vivo com a experiência humana, colocando sob reflexão o senso comum de nossa vida cotidiana. Já no quarto capítulo “Os Caminhos de Nossa Pesquisa” descrevemos os procedimentos metodológicos, os seja os métodos para levantar dados específicos e para dialogar com os jovens estudantes, sem deixar de apresentar e discutir problemas enfrentados na execução da pesquisa e como foi possível superar barreiras e decorrentes lacunas ditadas pelas circunstâncias de uma crise sanitária de repercussões globais. Finalmente, o quinto capítulo intitulado “Jovens Estudantes e Redes Sociais: Usos, Pensares e Significados”, apresentamos a pesquisa e partimos com a análise dos dados e dos prováveis resultados. Nas “Considerações Finais” apresentamos os resultados observando se os objetivos traçados nesse transcurso investigativo foram alcançados, como também, a confirmação das hipóteses de trabalho, entre elas, a descoberta da importância da proposta de Bauman, de uma perspectiva metodológica dialógica posta em prática por uma Sociologia comprometida com a liberdade dos seres humanos. São apresentadas, também, os limites e as lacunas da pesquisa, sem deixar de sublinhar a sua relevância teórica e possíveis avanços, além de sugestões para aprofundamentos e ampliação da pesquisa no campo das redes sociais e as suas repercussões na vida cotidiana dos jovens estudantes, questionando o senso comum e elevando as experiências do *Lebenswelt* (do mundo vivido) a um novo patamar de compreensão e de superação em termos de conhecimentos.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo está dividido em duas seções/dois subtópicos. O primeiro, chamamos de “Quadro Conceitual”, que aborda conceitos complexos, já que ao mesmo nomeia processos históricos de largas repercussões econômicas, sociais, ambientais e culturais. Embora tratados separadamente, a sua sequência e ao final o seu conjunto termina desenhando um certo cenário macro ao qual é possível falar da importância histórica da revolução das chamadas tecnologias da informação e da comunicação (as TIC) e por meio delas o fenômenos das redes sociais da internet. Trabalhando o valor heurístico de conceitos com um nível de abstração maior, fomos afinando em sequência cadenciada tais termos que na verdade designam processos, até atingirmos aqueles termos ou conceitos capazes de ser apreendidos concretamente na experiência da vida cotidiana e no questionamento de seu senso comum, como é o caso das redes sociais. Já no segundo subtópico intitulado “Estado da Arte da Pesquisa sobre Redes Sociais” trazemos uma revisão bibliográfica no intuito de estabelecermos um ponto de partida para o nosso estudo proposto sobre redes sociais, ou seja, em que patamar estão as pesquisas sobre os tema em termos de avanços tanto teóricos como metodológicos de abordagem do fenômeno em estudo, no caso aqui as redes sociais da internet.

2.1 Quadro Conceitual

Para compreender o papel das redes sociais em meio às mudanças na sociedade, sobretudo entre os jovens na contemporaneidade, é preciso percorrer o caminho que o sistema capitalista e suas ramificações desencadearam nas mais diferentes formas de relações humanas, suas provocações e contornos com a tecnologia. Cabe aqui uma breve discussão sobre os principais conceitos que envolvem o fenômeno tecnológico das redes sociais, o percurso que o capitalismo percorreu ao longo dos séculos criando e se adaptando a uma série de transformações sociais, econômicas e culturais em proporções globais.

2.1.1 Capitalismo

Compreendido como um sistema econômico e social que tem como finalidade última o acúmulo de capital e a propriedade privada, o capitalismo surge na Europa no século XVI logo após o declínio do feudalismo. Para entender esse fenômeno é preciso considerar as três fases de sua existência e consolidação: a comercial, industrial e financeiro. O capitalismo tornou-se desde sua gênese objeto de estudo de diferentes cientistas sociais em diferentes épocas e em diferentes circunstâncias.

O controle da economia por parte do Estado o protecionismo e o metalismo marcou a primeira fase do capitalismo denominado de pré-capitalista ou comercial, enquanto que na fase industrial, a revolução tecnológica e política foram definidoras do processo de mudança, inicialmente com a Revolução Industrial e logo em seguida com a Revolução Francesa, potencializando as mudanças políticas, econômicas e sociais.

No período industrial, o poder passou a se concentrar nas mãos da burguesia que intensificou o comércio, cujo princípio norteador era o liberalismo econômico, onde se propagava o Estado mínimo e a não intervenção do Estado na economia. Nesse momento, o aumento da produtividade, a diminuição dos valores das mercadorias e acúmulo de riquezas eram aspectos relevantes que movia os modos de produção da indústria, porém, sob precárias condições de trabalho, baixos salários e altas jornadas de trabalho.

Das leituras realizadas nesse período histórico, destaque para dois importantes cientistas clássicos da sociologia, Max Weber (1864-1920) e Karl Marx (1818-1883), que problematizaram e inspiraram inúmeros outros a analisar os reflexos sociais e políticos que esse sistema interferiu e fez surgir novas relações sociais moldadas economicamente. Enquanto Weber compreende o capitalismo a partir de fatores externos à economia, que “se constitui a partir da herança de um modo de pensar as relações sociais legadas pelo movimento da Reforma na Europa: do protestantismo de Lutero e mais ainda do calvinismo” (CATANI, 1981, p. 07), Marx segue uma perspectiva histórica, definindo o capitalismo não apenas como um sistema de produção de mercadorias, mas também, como “um determinado sistema no qual a força de trabalho se transforma em mercadoria e se coloca no mercado como qualquer objeto de troca” (1981, p. 08), em que a sociedade se divide entre classes sociais antagônicas e que necessita uma da outra para sua sobrevivência.

Nos estudos de Weber, ao tentar entender o capitalismo em diferentes sociedades, destaca o elemento diferenciador que o capitalismo ocidental exerce comparado ao Oriente, porém identifica aspectos que lhes são similares, tais como a formação de um mercado de trabalho formal livre e o uso racional de contabilidade. Para ele, “o capitalismo moderno pode ser caracterizado como um vasto complexo de instituições interligadas que trabalham com base mais na prática econômica racional do que na especulativa” (CATANI, 1981, p. 12).

Em sua obra “A Ética protestante e o espírito do capitalismo”, Weber investiga os princípios éticos da teologia protestante e identifica nela aspectos relevantes do capitalismo, percebendo na vida religiosa e vivência espiritual da doutrina protestante que levavam seus seguidores a “organizarem uma maneira de agir religiosa com afinidade à maneira de agir econômica, necessária para a realização de um lucro sistemática e racional [...]” (CATANI, 1981, p.14), no qual o trabalho profissional deveria ser valorizado como meio de salvação humana, contrapondo a uma concepção medieval cristã do trabalho como maldição.

Essa concepção weberiana atribui ao calvinismo os princípios éticos de valorização do trabalho e valorização positiva da riqueza gerada por esse trabalho, como forma de render glórias a Deus no cumprimento de suas funções laborais. O capitalismo, portanto, “seria a cristalização objetiva destas premissas teológicas e éticas, segundo as quais o homem, em virtude de seu trabalho e da riqueza criada por esse trabalho, encontra um modo sensível e concreto de conquistar a salvação individual” (CATANI, 1981, p. 16), esse aumento laboral resultaria no acúmulo de riqueza, no aumento do capital que seria, justamente, o objetivo do próprio capitalismo.

Sob o ponto de vista de Marx, o sistema capitalista é responsável pela divisão social a partir da propriedade privada, definindo como “um modo de produção cujos meios estão nas mãos dos capitalistas, que constituem uma classe distinta da sociedade” (CATANI, 1981, p.17). Nela, a propriedade privada, a divisão social do trabalho e a troca são características fundamentais para uma sociedade produtora de mercadorias, mercadoria essa cuja natureza é dupla, seja ela pelo valor de troca ou de uso e no qual seu valor será determinado pelo tempo socialmente necessário para sua produção. Na lógica do pensamento de Marx, a força de trabalho humana também se torna mercadoria no sistema capitalista, pois “todas as coisas tornam-se mercadorias ao serem trocadas por produtos de igual valor, a força de trabalho torna-se também mercadoria ao ser trocada por dinheiro” (CATANI, 1981, p. 29).

Para Marx há um ciclo vicioso do capitalismo, denominado de mais-valia, em que o “assalariado vende sua força de trabalho para sobreviver, e o capitalista lhe compra a força de trabalho para enriquecer” (CATANI, 1981, p.30), pois o valor pago ao trabalhador não condiz

com o valor produzido, sendo, portanto, superior ao que foi gasto, gerando assim sua riqueza. Ou seja, a burguesia apropria-se, através da mais-valia, da riqueza gerada pela classe trabalhadora.

Segundo Marx, a Revolução Industrial foi crucial para a ascensão do capitalismo, devido a uma série de inovações tecnológicas voltadas para a produção em potência mecânica, inicialmente pela energia hidráulica e depois a vapor, com mudanças decisivas nas relações capitalistas de produção, antes não existentes, mas, sobretudo, pela existência de certos níveis de acumulação capitalista com a substituição da força de trabalho assalariada por máquinas cada vez mais aperfeiçoadas.

Inúmeras transformações no campo da indústria foram determinantes na criação de grandes indústrias modernas, com necessidades específicas de mobilidade – a estrada de ferro foi um marco dessa revolução - e características de concentração muito maior de capital, no qual resultou em um processo irreversível no seio do capitalismo. Além disso, o enfoque dado à tecnologia mais adiante, com a junção entre a ciência, indústria e tecnologia, “aliança essa precipitada e acelerada pela colaboração, característica da economia de guerra, entre cientistas e militares” (CATANI, 1981, p. 50). Tratava-se de investimentos no campo da eletrônica e da informática através da criação de computadores. Essa fase do capitalismo foi denominada de revolução técnico-científica.

A partir do século XX, com o fim da Segunda Guerra Mundial, o capitalismo ganhou novas características, mais robusta e atraente para os grandes investidores. A união entre bancos e grandes empresas foi decisiva para obtenção de maiores lucros e expansão do capitalismo financeiro. A globalização foi palco para a internacionalização da concorrência, do avanço tecnológico e do monopólio comercial, produzindo riqueza para as grandes empresas através da especulação na bolsa de valores.

Em todas as fases, o capitalismo se apresenta como um sistema de manipulação do indivíduo, coisificando a uma mera mercadoria. Justamente na transição entre a segunda e terceira fase, a sociedade passou por mudanças importantes, segundo Bauman (2010, p. 29), se desfazendo da fase sólida de produtores para a fase líquida de uma sociedade de consumidores, “a fonte primária de acumulação capitalista se transferia da indústria para o mercado de consumo”.

A globalização, por sua vez, teve importância fundamental na intensificação da competição entre o mercado de capital, trabalho e mercadorias, e pela propagação das modernas formas e modos de produção e de comércio. Nessa transição de produtores a consumidores, “as tarefas envolvidas na comodificação e recomodificação do capital e do

trabalho passaram por processos simultâneos de desregulamentação e privatização contínuas, profundas e aparentemente irreversíveis, embora ainda incompletas” (BAUMAN, 2008, p. 15).

Nas fases do capitalismo parasitário, especialmente retratada na sociedade de consumo, “ninguém pode se tornar sujeito sem primeiro virar mercadoria, e ninguém pode manter segura sua subjetividade sem reanimar, ressuscitar e recarregar de maneira perpétua as capacidades esperadas e exigidas de uma mercadoria vendável” (BAUMAN, 2008, p. 20). É na transformação do consumidor em mercadoria que o capitalismo se apropria de símbolos direcionados para subjetividade humana, pois o processo de compra e venda fundamenta-se na construção da identidade desse indivíduo, moldado pela liberdade da escolha, do prazer e pela satisfação.

Ao tratar sobre capitalismo, Bauman (2010, p. 08-09) aponta para seu poder de mutação e suas inúmeras crises ao longo da história não sinalizam para seu fim, apenas para o esgotamento de uma de suas sucessivas pastagens. Afirma ser um sistema parasitário,

[...] como todos os parasitas, pode prosperar durante certo período, desde que encontre um organismo ainda não explorado que lhe forneça alimento. Mas não pode fazer isso sem prejudicar o hospedeiro, destruindo assim, cedo ou tarde, as condições de sua prosperidade ou mesmo de sua sobrevivência.

Dentre as mutações sofridas pelo capitalismo, o Estado possuiu importante participação para criação de novos pastos através de políticas assistencialistas para os ricos, que garantiria a sobrevivência dos capitalistas. Com a propagação e convencimento do crédito para satisfação de desejos antes inexistentes, o capitalismo se manteria vivo com a forte contribuição do Estado. De acordo com Bauman (2010, p. 29),

Para manter vivo o capitalismo, não era mais necessário ‘remercadorizar’ o capital e o trabalho, viabilizando assim a transação de compra e venda deste último: bastavam subvenções estatais para permitir que o capital vendesse mercadorias e os consumidores as comprassem. O crédito era o dispositivo mágico para desempenhar (esperava-se) esta dupla tarefa.

A arte de viver em dívidas tornou-se uma habilidade incentivada pelo próprio Estado que agora adquire características capitalistas quando garante disponibilidade contínua de crédito e a habilitação para obter tais créditos. Essas novas condições se tornaram mais claras e comuns na sociedade líquida de consumidores, atípico comportamento nas sociedades sólidas de produtores. Sendo, portanto, fonte primária de acumulação capitalista da transição

entre o processo industrial para o mercado consumidor na modernidade líquida. O envolvimento estatal resultou no alargamento da sociedade de consumo, atribuindo ao consumidor à responsabilidade e administração de suas aquisições e consumo versados sob código e legislação específica.

Ao adquirir novas perspectivas, o Estado impulsiona a Economia através das fortes pressões sofrida pelas empresas, no intuito de proteção econômica e social, gerando o que Bauman (1999, p. 66) denomina de nova desordem mundial. Para ele,

[...] ninguém parece estar no controle agora. Pior ainda – não está claro o que seria, nas circunstâncias atuais, ‘ter o controle’. Como antes, todas as iniciativas e ações de ordenação são locais e orientadas para questões específicas; mas não há mais uma localidade com arrogância bastante para falar em nome da humanidade como um todo ou para ser ouvida e obedecida pela humanidade ao se pronunciar. Nem há uma questão única que possa captar e teleguiar a totalidade dos assuntos mundiais e impor a concordância global.

Essa nova desordem mundial foi gerada pela globalização, cujo “caráter indeterminado, indisciplinado e de autopropulsão dos assuntos mundiais” (BAUMAN, 1999, p. 67) condicionou a falta do controle, a ausência da administração central. Não há, portanto, um consenso global sobre os rumos que a humanidade deve seguir e por qual caminho percorrer. Não há uma universalização sobre as questões mundiais, pois esse termo caiu em desuso. A globalização acaba por se vincular aos efeitos globais, desvinculando totalmente as ideias de iniciativas e empreendimentos globais que favorecesse a um todo, a uma universalização de oportunidades, a uma coletivização.

O Estado perdeu sua soberania, disponibilizando seu papel controlador para nova ordem mundial, sendo preciso construir alianças com outros Estados para preservar sua capacidade de policiar a lei e a ordem, no entanto, sendo incapaz de suportar tamanha pressão do mercado global. De acordo com Bauman (1999, p. 73),

Graças à nova ‘porosidade’ de todas as economias supostamente ‘nacionais’ e à condição efêmera, ilusória e extraterritorial do espaço em que operam, os mercados financeiros globais ‘impõem suas leis e preceitos ao planeta. A globalização nada mais é que a extensão totalitária de sua lógica a todos os aspectos da vida’. Os Estados não têm recursos suficientes nem liberdade de manobra para suportar a pressão.

Caberia ao Estado disponibilizar ações que garantam o orçamento equilibrado, “policiando e controlando as pressões locais por intervenções estatais mais vigorosas na

direção dos negócios e em defesa da população” (BAUMAN, 1999, p.74), no entanto, a defesa dos processos produtivos e garantia dos interesses de organizações empresariais foi o papel desempenhado por ele para prevenir um colapso entre a Nação e as empresas.

Essa desorganização se deve ao livre mercado, às políticas de especulação, ao capital global e à fragilidade do Estado, de forma a garantir a estabilidade financeira dessas empresas. Isso resulta, na atualidade, na liberdade que elas possuem de fazer qualquer manobra econômica e o Estado ser apenas um mero espectador, pois a “separação entre economia e política e a proteção da primeira contra a intervenção regulatória da segunda, o que resulta na perda de poder da política como um agente efetivo” (BAUMAN, 1999, p. 76). Portanto, a liberdade das empresas globais conduziu a consequências claras de que reunir questões sociais numa efetiva ação coletiva seria impossível, pois a desigualdade social tornou-se ainda mais gritante com a globalização, elevando ainda mais a riqueza dos ricos em detrimento da pobreza da grande maioria da população. Para ele (1999, p. 80),

Jamais se suspeitaria pelos informes que o rápido enriquecimento e o rápido empobrecimento brotam da mesma raiz, que a ‘imobilidade’ dos miseráveis é um resultado tão legítimo das pressões ‘glocalizantes’ quanto às novas liberdades dos bem-sucedidos para os quais o céu é o limite.

A imobilidade dos miseráveis é nítida quando nos deparamos com discursos que legitimam o modelo de mundo globalizado, economicamente ativo, tecnológico concomitantemente desigual e de extrema exclusão dos menos favorecidos. A pobreza não passa de um processo de degradação social que ultrapassa os aspectos financeiros, mas enfraquecem os vínculos sociais, os laços afetivos e familiares.

Na obra “Modernidade Líquida”, Bauman distingue as fases do capitalismo entre o pesado, modo fordista de produção e capitalismo leve, presente na sociedade moderna-líquida, na qual aponta ser um modelo mais amigável com o consumidor. Ao tratar da individualização do homem diante do capitalismo, o teórico (2001, p. 83) afirma que,

O capitalismo leve, amigável como consumidor, não aboliu as autoridades que ditam leis, nem as tornou dispensáveis. Apenas deu lugar e permitiu que coexistissem autoridades em números tão grande que nenhuma poderia se manter por muito tempo e menos ainda atingir a posição de exclusividade.

Na cultura da oferta proporcionada pelo capitalismo parasitário, as normas inexistem. O que há é uma cultura de sedução, de relações públicas, de criação de necessidades, de

desejos e exigências, cultura essa criada para uma sociedade de consumidores, cujo objetivo crucial é a elevação da condição de consumidor em mercadoria vendável. “[...] Os membros da sociedade de consumidores são eles próprios mercadorias de consumo, e é a qualidade de ser uma mercadoria de consumo que os torna membros autênticos dessa sociedade” (BAUMAN, 2008, p. 76).

O consumo passa a ter relação forte com a felicidade, com um estilo de vida e até com a dignidade humana. O consumo liga-se com a realização do desejo humano, é a comprovação de uma vida bem sucedida, na qual a quantidade de aquisições e as sensações emocionantes nada garante a satisfação plena, pois sempre haverá um recorde a se alcançar.

2.1.2 Globalização

O fenômeno da globalização, por sua vez, é um processo irremediável e irreversível. Nele as barreiras temporais e espaciais se fragilizam e a mobilidade torna-se um processo atrativo comum a todos. A noção de local e global também incorporam novas atribuições e leva a punições aqueles que resistem às transitoriedades dos vínculos, numa perspectiva fortemente econômica. Porém, a globalização não possui na sua gênese aspectos exclusivamente econômicos, mas também político, tecnológico e cultural e que permite uma interconexão que ao mesmo tempo em que é global, é local e cotidiana.

A mobilidade passa por uma escala de hierarquização social baseada nos padrões econômicos, sociais e políticos que ultrapassa a esfera local e passa a agir na esfera mundial. Nesse sentido, a distância já não possui tanta importância, pois geograficamente o espaço já não possuem fronteiras como antes, estas agora se dão simbólica e socialmente. Como o próprio Bauman (1999, p.19) afirma, “longe de ser um ‘dado’ objetivo, impessoal, físico, a ‘distância’ é um produto social; sua extensão varia dependendo da velocidade com a qual pode ser vencida”, onde o progresso constante dos meios de transportes que marcou a história moderna teve decisiva participação, proporcionando viagens ainda mais rápidas e superando as fronteiras e limitações do contato com o estranho.

Além da velocidade dos meios de transporte que pôs fim a geografia em termos de espaço, segundo Bauman (1999, p. 21-22), é possível destacar também o desempenho e avidez do transporte de informação pelos meios de comunicação através das novas tecnologias, dispersando o controle dessas informações por parte dos seus portadores físicos. Afirma que,

A separação dos movimentos da informação em relação aos movimentos dos seus portadores e objetos permitiu por sua vez a diferenciação de suas velocidades; o movimento da informação ganhava velocidade num ritmo muito mais rápido que a viagem dos corpos ou a mudança da situação sobre a qual se informava.

Num movimento polarizado, a velocidade das informações fez encurtar as distâncias e impactou de forte maneira as interações sociais. Por um lado intensificou as relações sociais em escala mundial através da conectividade, além de proporcionar a locomoção e adaptação fora de sua localidade, por outro, distanciando e isolando-se como garantia de segurança atrás de muros e monitoramento de patrulha ambulante e/ou tecnologias remotas ligadas a estações de segurança.

Esse processo de transformação é tido por Bauman como responsável pela precarização e desintegração dos laços humanos, causadas pela solidão e os medos contemporâneos construindo cidades baseadas no lema segurança, mas numa dinâmica associada muito mais ao perigo do que mesmo à própria seguridade. Antes preocupado com os males externos, as cidades agora lutam contra o inimigo interno, dentro de casa através de muros de sistema de monitoramento.

Ao colocar em xeque a geografia do espaço, a globalização minimizou a distância permitindo o tráfego de mercadorias, informação, capital e pessoas, reduzindo o isolamento e facilitando o acesso. No entanto, todo esse fluxo de contato não homogeneizou a cultura, pelo contrário, “a globalização promove diversidade e possibilidades que as culturas locais não experimentariam sem o acesso, por exemplo, à tecnologia, especialmente na área dos meios de comunicações” (COSTA, 2004, p. 259).

Na verdade, no processo de globalização encontramos a forte presença da mundialização da cultura, a universalização simbólica de práticas e costumes, a partir da comercialização de produtos que são socializados, compartilhados e reproduzidos em escala variada de acordo com cada sociedade, dentre essas práticas destacamos a utilização do jeans como padrão de vestimenta alterando modos de vida e estilo e a popularização dos alimentos *fast-food* como prática de refeições rápidas.

Segundo Costa, a globalização formou uma cultura global e uma rede de significados mundial capaz de ser compreendida por inúmeras pessoas em vários países, através do fornecimento de novos elementos e significações das diversas culturas que se conectam às inúmeras novidades desse processo. Porém, não conduziu ao processo de homogeneizar as culturas locais, graças a seu papel diversificador, sendo assim, “essas redes de significados

locais são capazes de reinterpretar as influências trazidas pela cultura global” (COSTA, 2004, p. 265).

Todo esse processo de propagação de culturas, valores e práticas massificadas pela tecnologia, característica típica do fenômeno da globalização e da mundialização cultural, o livre comércio de grandes potências empresariais, nos leva a identificar o poder da revolução tecnológica que expandiu em diferentes setores além do comercial, da comunicação, política e social das nações. Trata-se de um período histórico que é marcado por mudanças não apenas econômicas, mas que estão fortemente vinculadas a transformações sociais, políticas e culturais.

2.1.3 Modernidade

Surgida em torno de 1500, a Modernidade é considerada um momento histórico marcado pelo ideário ou visão de mundo voltado para a crença na transformação através da ciência e da razão, constitui-se por diversos eventos ao longo da Idade Moderna simultaneamente e como uma mudança de mentalidade que rompia com o pensamento dominante da Idade Média.

Os eventos históricos que marcaram o século XV representaram para humanidade um processo embrionário de pensamento moderno e de destruição do pensamento até então vigente, o pensamento medieval. As Grandes Navegações, a Reforma Protestante e o Renascimento das cidades, burgos e as feiras comerciais foram acontecimentos de transformações de cunho político, social e econômico, no qual rompeu com a supremacia religiosa de pensamento e promoveu a descoberta do novo mundo.

Como consequência dessas mudanças, a humanidade viu surgir uma fé individualizada em detrimento daquela institucionalizada e tradicional da Igreja Católica Apostólica Romana, o êxodo rural, a criação do dinheiro, da unidade de peso e de medida pressupondo o tipo de pensamento racional e de controle. Além disso, com o surgimento do capitalismo e suas revoluções tecnológicas e industriais que vinculou o trabalho à noção de dignidade humana, o controle do tempo através dos relógios e a divisão do trabalho. A Revolução Francesa e o Iluminismo provocaram a maturação da mentalidade religiosa e metafísica para uma racionalidade humana, promovendo a crença na ciência, na autonomia e no progresso.

Não há unanimidade entre os historiadores e cientistas sociais quanto ao surgimento e durabilidade da Modernidade, mas há uma vasta literatura sobre as transformações ocorridas

nesse período histórico e sobre os reflexos que esse evento fez lançar sobre os indivíduos que vivenciaram os processos iniciais e os que sofreram as consequências. Nessa literatura encontramos inúmeros estudiosos que atribuíram nomenclaturas aos novos processos de mudança advindos das transformações no campo do trabalho, da ciência, nas relações comerciais e desencadearam comportamentos diversos na sociedade, desde suas relações interpessoais, culturais e religiosas.

Para Bauman (2001, p. 16), “a modernidade começa quando o espaço e o tempo são separados da prática da vida e entre si, e assim podem ser teorizados como categorias distintas e mutuamente independentes da estratégia da ação”, se distanciando do período pré-moderno e adquirindo novas formas de relações, de maneira mais voraz e sem medidas, através, sobretudo, dos meios artificiais de transporte por meio da tecnologia.

Denominado por ele de modernidade sólida, onde a rigidez e a solidificação caracterizavam as relações sociais, a ciência e o pensamento. As relações eram duradouras e mantidas tradicionalmente; a ciência e os pensadores tinham um compromisso sério com a busca da verdade. Os valores e a moralidade eram instrumentos fortes de coerção mantidos pela rigidez das instituições.

Ao fazer uma releitura da obra de Freud², Bauman em seu livro “O mal-estar da pós-modernidade”, faz uma severa crítica aos comportamentos humanos na sociedade contemporânea. Para ele, Freud tinha a seguinte mensagem: “Você ganha alguma coisa, mas, habitualmente, perde em troca alguma coisa” (1998, p. 07), ao tratar dos padrões de comportamento das pessoas dentro das sociedades modernas e relacioná-las com as sociedades pós-modernas.

Na leitura de Bauman, termo civilização, muito comumente usado por Freud, é substituído por modernidade. Daí que só seria possível a construção da civilização, caso se renuncie ao próprio instinto, ou seja, a civilização impõe alguns sacrifícios a exemplo da sexualidade e da agressividade do homem. Para ele (1998, p. 08), os prazeres da vida civilizada, vêm acompanhados de sofrimento e da satisfação com o mal-estar e a aceitação da ordem. “O homem civilizado trocou um quinhão das suas possibilidades de felicidade por um quinhão de segurança”. A essa noção, Bauman diz ter sofrido uma alteração com o homem da pós-modernidade, pois trocou a segurança pela felicidade.

A noção de mal-estar da modernidade está ligada ao excesso de ordem e a escassez da liberdade, pois “dentro da estrutura de uma civilização concentrada na segurança, mais

² O mal-estar na civilização (1930).

liberdade significa mais mal-estar. Dentro da estrutura de uma civilização que escolheu limitar a liberdade em nome da segurança, mais ordem significa mais mal-estar” (BAUMAN, 1998, p. 09). Diferente da pós-modernidade que provém de uma espécie de liberdade de procura do prazer que tolera uma segurança individual na sua pequenez.

A era moderna acaba por se estabelecer como uma nova ordem, um novo começo, derivado do cuidado, do mudar a maneira como as coisas costumavam ser. “De fato, pode-se definir a modernidade com a época, ou o estilo de vida, em que a colocação em ordem depende do dismantelamento da ordem ‘tradicional’, herdada e recebida” (BAUMAN, 1998, p. 20). O que desencadeia num mundo constantemente em movimento, instável e estranho. Nesse caso, “fazer alguma coisa em torno do estranho passa a ser o verdadeiro centro das preocupações com a organização” (BAUMAN, 1998, p.21). A ordem tornar-se um sonho, a pureza uma utopia.

Toda sociedade produz estranhos e produz da sua própria maneira, com suas características peculiares, sejam elas: cognitivas, morais ou estéticas. Com limitações subjugadas pela própria sociedade que causam a experiência do mal-estar como a mais dolorosa e menos tolerável.

Os estranhos precisam ser combatidos para garantir a ordem, e para isso o Estado soube se restabelecer, se viu como a fonte, o defensor e o único a garantir uma vida ordeira. “Os estranhos exalavam incerteza onde a certeza e a clareza deviam ter imperado” (BAUMAN, 1998, p. 28). Nessa guerra, duas alternativas foram desenvolvidas, uma era antropofágica, que consistia na aniquilação do estranho, tornando-o semelhante através da assimilação, “abafar as distinções culturais ou linguísticas; proibir todas as tradições e lealdades, exceto as destinadas a alimentar a conformidade com a ordem nova e que tudo abarca” (BAUMAN, 1998, p.29). A outra estratégia era antropolêmica, na qual os estranhos eram banidos do mundo ordeiro, excluído, impedido de toda comunicação, marginalizado da sociedade.

Na identificação do estranho, a construção da identidade seja ela individual ou coletiva se faz como projeto de vida, “havia, assim, um vínculo firme e irrevogável entre a ordem social como projeto e a vida individual como projeto, sendo a última impensável sem a primeira” (BAUMAN, 1998, p. 31) como característica das sociedades modernas. No entanto, nas sociedades pós-modernas, não é possível encontrar um terreno estável, e os projetos de vida individuais estão condicionados às incertezas que se estabelecem como permanentes e irreduzíveis, fazendo com que “a imagem do mundo diariamente gerada pelas preocupações

da vida atual é destituída da genuína ou suposta solidez e continuidade que costumavam ser a marca registrada das ‘estruturas’ modernas” (BAUMAN, 1998, p.32).

A concepção de modernidade líquida se institui com as transformações advindas posteriormente entre as décadas de 60 e 80, quando as mudanças obtiveram proporções maiores e incorporaram aspectos de subjetividade antes não vislumbrados, causando incertezas, instabilidades e desordens em todos os setores da sociedade, sejam eles político, econômicos, culturais, nas relações interpessoais, na qual “há pouca coisa, no mundo, que se possa considerar sólida e digna de confiança, nada que lembre uma vigorosa tela em que se pudesse tecer o itinerário da vida de uma pessoa” (BAUMAN, 1998, p. 36).

2.1.4 Pós-Moderno e Modernidade Líquida

O modelo de desenvolvimento da humanidade baseado na linearidade do pensamento iluminista em defesa da razão e da ciência foi corrompido com a pós-modernidade. Considerada um período de transformações sociais, culturais, artísticas, filosóficas, científicas e estéticas, a pós-modernidade é um fenômeno que está entre os assuntos mais discutidos no campo das ciências sociais, especialmente, quanto ao seu surgimento e suas características. Para alguns teóricos, seu apogeu se deu após a Segunda Guerra Mundial, com a insatisfação gerada entre as pessoas com os horrores vivenciadas nesse período questionando práticas que se norteavam em princípios iluministas.

Há teóricos que apontam esse período como iniciado ou consolidado no final da década de 80 com o fim da bipolaridade promovida pela Guerra Fria. Com uma estrutura social, política e econômica aprimorada para uma Nova Ordem Mundial baseada na pluralidade e na globalização. As inovações tecnológicas somadas à internet e movidas pelo sistema capitalista contribuíram para um novo cenário que substituiu as práticas da modernidade e consolidou os princípios que define a sociedade pós-moderna. Esse momento também é denominado da terceira fase do capitalismo.

São características da pós-modernidade a eclosão de sentimento de individualidade, hedonismo, narcisismo e imediatismo, a prática do *carpe diem*, o uso da conectividade como mistura da vida real e do mundo virtual, a valorização da subjetividade, da pluralidade e multiculturalismo como consequência da globalização, a banalização dos valores, fragmentação do pensamento e a descentralização. Estes são aspectos que marcam a ruptura

com a era moderna de pensamento linear e cartesiano, de valorização do coletivo e de instituições sociais, a busca da ordem e do progresso que já não representam os membros da sociedade no século XX em diante.

Essa nova época é visualizada por Bauman não como uma cisão com a modernidade, de algo que viria a ser posterior à modernidade, mas uma continuação traçada de maneira diferente. Ele se torna um crítico da pós-modernidade. Para ele o que aconteceu foi a passagem de uma sociedade de produção por uma consumista, onde as angústias específicas dessa nova fase, configurada por ele por tempos líquidos, são fluídas e de veloz mutação que emerge o individualismo, a insegurança e a efemeridade das relações.

Ao fazer um contraponto com a era moderna, Bauman classifica como o período das relações sólidas como aquela enrijecida pelas normas e padrões, concreta e impregnada de certo totalitarismo e estabilizada pela resistência. A rigidez e a solidificação eram característica das relações humanas, da ciência e do pensamento, nesse período. A semente da sociedade líquida foi plantada no Capitalismo Industrial, quando a economia passou a sobressair sobre as relações sociais e humanas, abrindo espaço para a fragilidade e maleabilidade dos laços entre as pessoas e as instituições conduzindo para a lógica do consumo.

Ao batizar de modernidade líquida, Bauman reconhece a contemporaneidade como o momento que se diferencia da era moderna, onde se predominava a segurança em detrimento da liberdade. Na sociedade modernamente líquida é a insegurança, a instabilidade e o medo que prevalece nas relações.

Quando aponta a metáfora do fluído como característica das relações estabelecidas nessa geração, a durabilidade e resistência não fazem parte desse novo modelo de sociedade e menciona o magnata da tecnologia. Conforme Bauman (2001, p. 22),

[...] Bil Gates, no entanto, não sente remorsos quando abandona posses de que se orgulhava ontem; é a velocidade atordoante da circulação, da reciclagem, do envelhecimento, do entulho e da substituição que traz lucro hoje – não a durabilidade e a confiabilidade do produto.

Bauman aponta que na efemeridade das relações, a mesma facilidade que é construída, também é destruída. Essa transitoriedade acaba por caracterizar esse modelo de sociedade, onde a instabilidade, a fragmentação, a descentralização e a multiplicidade descrevem como são estabelecidos os comportamentos e os valores na modernidade líquida, independente da classe social, do gênero e da etnia. Afirma o autor (2001, p. 23) que,

[...] Numa notável reversão da tradição milenar, são os grandes e poderosos que evitam o durável e desejam o transitório, enquanto os da base da pirâmide – contra todas as chances – lutam desesperadamente para fazer suas frágeis, mesquinhas e transitórias posses durarem mais tempo. Os dois se encontram hoje em dia principalmente nos lados opostos dos balcões das megaliquidações ou de vendas de carros usados.

A sociedade de consumo é o que caracteriza as relações na modernidade líquida. A durabilidade e permanência são princípios inúteis de convívio e de manutenção na sociedade, onde a líquida racionalidade moderna do consumo promove o fenômeno da globalização e norteia as relações, sobretudo com o uso da tecnologia.

Na sociedade de rede é criada uma teia de conexões que substituem a intimidade das relações, onde, para Bauman (2003, p. 12), “em vez de relatar suas experiências e expectativas utilizando termos como ‘relacionar-se’ e ‘relacionamentos’, as pessoas falam cada vez mais em conexões, ou ‘conectar-se’ e ‘ser conectado’. Em vez de parceiros, preferem falar em ‘redes’”. De modo que, as redes facilitam não apenas a conexão, mas, sobretudo, a desconexão. Para ele, a sobrevivência de uma depende da outra. Na rede, elas são escolhas igualmente legítimas, gozam do mesmo status e têm importância idêntica. Em outras palavras, Bauman (2018, p. 69, *grifos do autor*) afirma que,

[...] a maior parte das pesquisas sociológicas a esse respeito mostra que a maioria dos usuários recorre à internet atraída não tanto pela oportunidade de *acesso* quanto pela de *saída*. Essa segunda oportunidade se revelou até agora mais aliciante; é amplamente usada mais para construir um refúgio que para derrubar paredes e abrir janelas; para recortar uma zona de conforto toda para si, longe da confusão do caótico e desordenado mundo da vida e dos desafios que ele apresenta ao intelecto e à tranquilidade de espírito.

Como característica comum à contemporaneidade, as relações se tornaram virtuais, contrariando os antigos relacionamentos humanos, formada sob a medida para o líquido cenário da vida moderna, “em vez de servir à causa de ampliar a quantidade e melhorar a qualidade da integração humana, da compreensão, da cooperação, da solidariedade recíprocas, a web facilitou as práticas de isolamento, separação, exclusão, inimizade e conflito” (BAUMAN, 2018, p. 70). Conduziu os indivíduos a uma realidade distante e discrepante da geração precedente na busca de relações efêmeras e intensas, formada e/ou moldada pela proximidade virtual. Nela, nos deparamos com diversos aspectos de distanciamento entre as gerações, a exemplo da comunicação e da construção e manutenção dos vínculos a partir da conexão. “A proximidade virtual e a não virtual trocaram de lugar: agora a variedade virtual é

que se tornou a ‘realidade’” (BAUMAN, 2003, p. 84), a vida real deu espaço ao mundo virtual, ao mundo cibernético.

As relações virtuais se estabeleceram na vida moderna, instaurada numa ambivalência entre o fluído e o intenso “em que se espera e se deseja que as possibilidades românticas surjam e desapareçam numa velocidade crescente e em volume cada vez maior” (BAUMAN, 2003, p. 12) com a ilusória ideia de que garantirá a satisfação completa do ser humano não só naquele instante, mas também no decorrer de sua jornada terrena. A internet ocupa o papel de coadjuvante nesse cenário, que possibilita a construção de identidades a partir da junção entre a mente o corpo e propicia a compreensão do eu ontologicamente e suas múltiplas representações, conforme Illouz (2011, p. 116, *grifos da autora*),

[...] enquanto o eu pós-moderno implica que não existe um eu nuclear, apenas uma multiplicidade de papéis a desempenhar, o eu postulado pela conjunção entre a psicologia e a tecnologia da internet é ‘ôntico’, no sentido de presumir a existência de um eu nuclear que é permanente e pode ser captado por uma multiplicidade de representações. A internet faz reviver na plenitude o antigo dualismo cartesiano entre a mente e o corpo, e é na mente que se situa o único *locus* real do pensamento e identidade.

Nesse contexto, a tecnologia da internet celebrou as bodas entre a psicologia e o consumismo, de modo a interferir diretamente no eu, fazendo com que as relações perdessem seu caráter romântico genuinamente interpessoal e espontâneo e tornando-se o melhor negócio no mercado consumidor. Passou a atribuir nomenclaturas tipicamente econômicas, a exemplo de benefícios, lucratividade e vantagens, e adotou uma maneira racional de escolhas, inclusive da escolha do parceiro. O amor romântico que era caracterizado pela espontaneidade, agora, através da internet, segue a lógica líquida da racionalidade moderna do consumo. “Enquanto o amor romântico tradicional está intimamente ligado à atração sexual – em geral provocada pela presença de dois corpos materiais, físicos -, a internet se baseia numa interação textual incorpórea” (ILLOUZ, 2013, p. 129). Ganhando, por sua vez, precedência sobre a atração física tradicional. A interferência da internet tornou-se inevitável para manter os relacionamentos vividos, dando a entender que sua presença e parceria são essenciais.

Havendo, portanto, uma mudança na padronização do romance romântico e sensível através da internet, permutando e seguindo princípios do consumo de massa, com escolhas ilimitadas, racionais, seletividade e de busca da efetividade. No entanto, tamanho investimento não impediria o desencadeamento de decepções provenientes da intensidade e constância do uso dessas plataformas de relacionamento.

Por fim, sob o ponto de vista da socióloga marroquina em questão, os valores e esferas sociais estão presentes de maneira indissociável na formação das relações em rede. A interatividade e a conectividade se consolidam tomando como referências valores oriundos das relações tradicionais de contato e sociabilidade. Nesse sentido, não há o empobrecimento da vida pessoal e afetiva, mas do surgimento de novas possibilidades de relacionamentos.

2.1.5 Mídias Sociais

Para entendermos melhor a era da informação através das tecnologias digitais advindas com a globalização nas sociedades contemporâneas, é necessário compreender algumas nomenclaturas e derivações presentes no mundo virtual, que serão aqui brevemente esclarecidas. Nesse sentido, precisamos padronizar as definições das mídias sociais para que evitemos confusões posteriores.

As mídias são instrumentos ou meios de comunicação social tradicionalmente conhecida como a televisão e o rádio e popularizada no Brasil entre as décadas de 40 e 50, cuja atribuição ligava-se à comunicação de mão única ausente de interlocução. Essas mídias se popularizaram no formato de tecnologia analógico, cujo processo de transmissão se dava por pulsações eletrônicas e tinha como principais exemplos de dispositivos tecnológicos o mimeógrafo, a máquina de datilografia, o vídeo e a fita cassete, o vinil, o cinema, o telefone fixo, o livro e especialmente, o aparelho da televisão.

Seu declínio ocorreu em decorrência do surgimento da tecnologia digital e do barateamento que esse sistema representava diante do sistema eletrônico analógico. A internet e uma série de inovações e novidades tomaram conta das mídias de maneira avassaladora e desenfreada. Com o advento da internet e a expansão da tecnologia, as mídias digitais ganharam espaço e permitiram a interação entre as pessoas.

As mídias digitais, segundo Lorenzo (2011), são mídias eletrônicas ou meios de veiculação/comunicação baseadas em tecnologias digitais, não necessitando produzir conteúdo, a exemplo dos softwares, internet, intranet e MSN. Trata-se, portanto, de um veículo de comunicação que se utiliza da tecnologia digital para existir, além de garantir a interação dos usuários, a propagação de informação de forma ágil e simultânea.

Ao passo que as mídias sociais são “sites da internet construídos para permitir a criação colaborativa de conteúdo, a interação social e o compartilhamento de informações” (TELLES,

2011, p.19). Este, por sua vez, está inserido nas mídias digitais, haja vista manter as relações interpessoais através dos meios eletrônicos digitais. Esses sites permitem o compartilhamento de opiniões, de ideias, de experiências e perspectivas, em diferentes formatos, seja em texto, imagens, áudio ou vídeos, provocando nos usuários o sentimento de verdadeiros consumidores e destinatários dessas informações. Segundo Han (2018, p. 36),

Hoje não somos mais destinatários e consumidores passivos de informação, mas sim remetentes e produtores ativos. Não nos contentamos mais em consumir informações passivamente, mas sim queremos produzi-las e comunica-las ativamente nós mesmos. Somos simultaneamente consumidores e produtores.

Ao utilizar-se desses espaços digitais, as pessoas absorvem informações e se expressam também de maneira sincrônica, interação e se expõe, sobretudo através das redes sociais. Mesmo sendo uma ferramenta recente de comunicação, as mídias sociais não têm um público específico, nem uma faixa etária e não é determinada para um gênero em específico. Assim, conforme destaca Han (2018, p. 57),

A mídia digital não tem idade, destino e morte. Nela, o tempo mesmo é *congelado*. Ela é uma mídia atemporal. A mídia analógica *padece no tempo*. A *paixão* é a sua forma de expressão: ‘não apenas a foto partilha do destino do papel (efêmero), ela não é nem um pouco menos mortal, mesmo quando ela é fixada em um material mais duro.

A internet acaba tornando visível e público a individualidade para uma plateia abstrata e anônima, na verdade para uma agregação de eus particulares. “Na internet, o eu *psicológico privado* torna-se uma representação pública.” (ILLOUZ, 2011, p.113, *grifos da autora*). Além disso, torna o eu uma mercadoria para ser exibida publicamente, pronta para ser analisado, avaliado e atribuído valor aquém dos seus valores genuínos. A privacidade na era digital perdeu o sentido sólido de ser, o compartilhamento de informações, imagens e dados viraram moeda de troca entre plataformas de relacionamentos, atribuindo valores mercadológicos às inúmeras informações distribuídas diariamente na rede.

2.1.6 Redes Sociais

Como resultado de um avanço tecnológico, as mídias sociais digitais ultrapassam as gerações, adaptaram e criaram necessidades, uma verdadeira revolução promovida pela

tecnologia que modificou a comunicação entre as pessoas nas empresas e na educação. Os inúmeros espaços de multimídia geraram as redes sociais, fenômeno esse difundido e consolidado na virada do século e que se estabeleceu como modelo de lazer, trabalho e negócio.

As redes sociais, por sua vez, estão contidas nas mídias sociais, pois eles são ambientes para reunir, para estabelecer a conexão e a interação entre as pessoas. São ambientes cujo foco é agrupar as pessoas, os chamados membros, que, uma vez inscritos, podem expor seu perfil com dados, como fotos pessoais, textos, mensagens e vídeos, além de interagir com outros membros, criando lista de amigos e comunidades (TELLES, 2011).

Marteletto (2001, p. 72) acrescenta ao conceito de redes sociais a representação de “um conjunto de participantes autônomos, unindo ideias e recursos em torno de valores e interesses compartilhados”. Para ela, o estudo sobre as redes de conexões passou a ser compreendido, nas últimas décadas, como instrumento organizacional, apesar das pessoas viverem em redes desde o início da humanidade.

Segundo Recuero (2009), durante todo o século XX a ciência se debruçou sobre estudos a respeito das redes sociais como um fenômeno que vem causando mudanças dentro da sociedade. Tais agrupamentos complexos instituídos pelas interações sociais que compreende a formação individual, coletiva e tecnológica através da interatividade digital. Sendo ainda hoje objeto de estudo e passível de análise, devido ao seu poder de mobilidade e transitoriedade que interferem não apenas nas estruturas sociais, mas nos mais variados grupos humanos e impactando individualmente.

No estudo sobre as redes sociais, é importante trazer para a conversa duas importantes referências dentro da discussão sobre o paradigma informacional, Manuel Castells e Pierre Lévy, que contribuíram de maneira decisiva na discussão sobre o fenômeno das redes sociais. Para Manuel Castells (2003; 2008; 2010), a democratização do acesso ocorrida na era da informação não garantiu uma uniformização de conteúdos pautada na veracidade e na ética e tem causado, na verdade, mais desinformação. Enquanto que Pierre Lévy (1999) aposta que o uso das mídias sociais como instrumento de comunicação pode desenvolver uma perspectiva mais humanista diante dos problemas sociais, políticos e culturais.

Segundo Castells (2003; 2008; 2010), a sociedade contemporânea está vivenciando uma nova realidade, provocada pela revolução tecnológica. As tecnologias digitais de informação e de comunicação mobilizam as redes que envolvem todos os âmbitos da atividade humana, numa interdependência multidimensional e proporcionam dinâmicas de organização sociais com frequente inserção no processo informacional. O desenvolvimento

tecnológico surge, portanto, nessas sociedades, como ferramentas de produção, utilizadas para criação e renovação de conhecimento.

Essa nova realidade observada por Lévy é interpretada por “cibercultura”, que compreende uma nova forma de conexão utilizando a internet para a comunicação, socialização, organização e fácil acesso e transporte de informação e conhecimento presente no ciberespaço. Este, por sua vez, representa a estrutura, também conhecida como rede, que a internet proporciona, ausente de delimitação de espaço físico no qual ocorrem as conexões virtuais. “Ele tem vocação para interconectar-se e combinar-se com todos os dispositivos de criação, gravação, comunicação e simulação” (LÉVY, 2000, p. 104). Segundo o teórico (1999, p. 17),

O termo [ciberespaço] especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informação que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo ‘cibercultura’, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço.

Para o entusiasta do fenômeno tecnológico, a “cibercultura” é o principal canal de comunicação e suporte de memória da humanidade no contexto das sociedades contemporâneas e que possibilita a criação de novas interações entre culturas individuais e coletivas no ciberespaço. Trata-se, portanto, de um “universo sem totalidade, pois ao mesmo tempo em que promove a interconexão generalizada, comporta a diversidade de sentidos, dissolvendo a totalidade” (LÉVY, 1999, p. 111).

Nesse sentido, essas tecnologias de inteligência estão indissociáveis da realidade social, gerando um novo padrão de conexão entre diferentes contextos sociais e exposição de realidades e fantasias. Além disso, ocasionando uma série de fluxos de informação, hipertextos e nas redes os contatos transversais entre os indivíduos se proliferam de maneira anárquica. As redes sociais, por sua vez, se tornam uma forma democrática de acesso com alcance em escala ilimitada, potencializando-se com a expansão do uso das tecnologias da inteligência.

Historicamente, as mudanças provocadas por verdadeiras revoluções, sobretudo na comunicação, iniciaram na Grécia no século V a.C., quando a comunicação oral evoluiu para a escrita através do alfabeto. Com a tecnologia, nos deparamos com uma nova revolução, a transposição da cultura da escrita para a multimídia e que provocou mudanças no campo social, político, cognitivos e refez a comunicação através de novas simbologias, significados e

novas formas de escritas através do mundo digital. Pensando nos dispositivos utilizados nesse processo revolucionário da comunicação, Castells (2008, p. 457-458) afirma que,

[...] a informação sobre o que procurar e o conhecimento sobre como usar a mensagem será essencial para se conhecer verdadeiramente um sistema diferente da mídia de massa personalizada...O poder unificador cultural da televisão direcionada às massas (da qual apenas uma pequena elite cultural havia escapado no passado) agora é substituído por uma diferenciação socialmente estratificada, levando à coexistência de uma cultura da mídia de massa personalizada com uma rede de comunicação eletrônica interativa de comunidades auto-selecionadas.

Em pouco tempo, as máquinas de escrever foram substituídas pelo computador, a televisão com canais abertos e sistema de sinal analógico foi dando espaço ao digital e aos serviços de cabo e *streaming* e a telefonia fixa perderam sua funcionalidade em virtude da praticidade e multifuncionalidade das linhas móveis de telecomunicação. Esse processo histórico marcou a evolução tecnológica desses dispositivos, porém não garantiu uma uniformização nos acessos, estratificando e selecionando os usuários. Aos poucos, as tecnologias de informação e de comunicação substituíram muitos meios e mecanismos que estabeleciam as relações pessoais e interpessoais, formais e informais, materiais e imateriais e dificultaram ainda mais àqueles que por ventura resistiram aos recursos, os marginalizando.

A “cibercultura” retoma a troca de mensagens ocorridas nas sociedades orais, no entanto, em uma órbita completamente diferente. A interconexão é a nova universalidade da comunicação que tornou obsoleto a autossuficiência dos textos, de uma fixação e interdependência das significações. Veiculadas agora pelas comunidades virtuais, fazendo “uso socialmente mais rico da informática comunicacional consiste, sem dúvida, em fornecer aos grupos humanos os meios de reunir suas forças mentais para constituir coletivos inteligentes e dar vida a uma democracia em tempo real” (LÉVY, 2000, p. 62).

A sociedade em rede, por sua vez, é uma estrutura social pautada nas relações de consumo, produção e experiência. Nela, as redes sociais são transportadas para a plataforma digital de forma “interpessoais, em sua maioria baseadas em laços fracos, diversificadíssimas e especializadíssimas, também capazes de gerar reciprocidade e apoio por intermédio da dinâmica da interação sustentada” (CASTELLS, 2008, p. 446). As dimensões de tempo e espaço se materializam na vida humana e sua definição se reconfigura para atender uma nova realidade virtual dos integrantes dessa nova ordem social. A informação quanto mais relevante e com maior capacidade de se reter, transportar e usar, mais pertinente é sua inclusão na rede, do contrário, facilmente deletada.

Estudar as redes sociais na sociedade contemporânea em tempo de sociedade líquida “é estudar os padrões de conexões expressos no ciberespaço. É explorar uma metáfora estrutural para compreender elementos dinâmicos e de composição dos grupos sociais” (RECUERO, 2009, p. 22). Elementos esses que possibilitam inúmeras leituras, sobretudo quando as práticas virtuais dos membros ficam registradas, deixando rastros que permitem a padronização da comunicação e interação entre eles, ou seja, deixando um fluxo de informações e trocas sociais.

Para que as redes sociais se estabeleçam, elas precisam de três elementos, que são: os atores, conexões e o capital social. Os atores podem ser representados por pessoas, instituições ou grupos que precisam interagir e manter-se ligados em rede, construir laços para estabelecer uma conexão. A atuação desses atores molda as estruturas sociais, através da interação e da constituição dos laços sociais (RECUERO, 2009), enquanto que o capital social engloba o valor que cada conexão tem dentro desse sistema.

O estudo sobre os atores é de extrema relevância, pois se trata de representações e extensão do espaço social desses indivíduos e, além disso, as redes são espaço de expressão e de construção de impressões, onde de forma narcisista, os membros se expõem na busca da satisfação pessoal pela visibilidade como consequência direta do fenômeno da globalização, que exacerba o individualismo.

A conexão como segundo elemento formador das redes sociais, pode ser percebida de diversas formas. Em geral, elas são constituídas de laços sociais que “são formados através de interações sociais entre os atores. De certo modo, as conexões é o principal foco do estudo das redes sociais, pois é sua variação que altera as estruturas desses grupos” (RECUERO, 2009, p. 30). Sendo assim, ao garantir a comunicação entre os pares, a interação se subdivide em duas formas: síncrona e assíncrona.

No âmbito do ciberespaço, a interação de forma síncrona se estabelece pelo WhatsApp, por exemplo, quando as mensagens instantâneas são lançadas na rede e a expectativa de resposta é quase que imediata, os interlocutores estão presentes no mesmo momento temporal, diferentemente do assíncrono, como o e-mail e o fórum, por exemplo, em que não há sincronia temporal para a efetiva comunicação. Para Recuero (2009), essa diferença se dá devido à construção temporal causada pela mediação da comunicação no envio de mensagens e a reciprocidade em sua resposta.

A interação tem a função de gerar e manter relações complexas no espaço cibernético através do computador, porém, atualmente como muito mais frequência pelo smartphone, gerando relações sociais e conseqüentemente laços sociais. Estes são difíceis de serem percebidos pela internet. “No entanto, a partir da observação sistemática das interações, é possível perceber

elementos como o grau de intimidade entre os interagentes, a natureza do capital social trocado e outras informações que auxiliam na percepção da força do laço que une cada par” (RECUERO, 2009, p. 43).

Os laços sociais podem surgir através das redes sociais digitais, como também, podem ser uma extensão do laço advindo da vida real, denominado pelo contato *off-line*. O inverso também é possível e quando as pessoas já se conhecem, mas não possuem nenhum laço e através do contato via redes sociais os aprofunda e geram novas relações mediadas pelo universo cibernético. De fato, a mediação pelo computador ou smartphone oferece novos lugares e novos espaços para conhecer parceiros com interesses similares e criar novos vínculos.

É comum nos depararmos, igualmente, com o surgimento de laços sociais gerados e mantidos a distância. Essa nova característica de relacionamento coloca em xeque o caráter espacial e territorial da construção e manutenção dos laços. “O desenvolvimento tecnológico proporcionou uma certa flexibilidade na manutenção e criação de laços sociais, uma vez que permitiu que eles fossem dispersos espacialmente” (RECUERO, 2009, p. 44). Como consequência da criação de novos espaços de interação virtual e intensificando relações mesmo a grandes distâncias.

Com um olhar crítico para a construção desses laços no universo cibernético, Bauman afirma que, sua construção não é confiável, mas transitórias e fracas, não havendo nelas nenhuma solidez, mas pelo contrário, são as grandes responsáveis pela fragilidade dos laços humanos.

Ao se tratar da virtualização das relações, Bauman (2003, p.84) afirma que, “a proximidade não virtual termina desprovida dos rígidos padrões de comedimento e dos rigorosos paradigmas de flexibilidade que a proximidade virtual estabeleceu”, desencadeada na discrepância entre as formas de comunicação e relacionamento das diferentes gerações. As limitações geográficas que em algum momento da história dificultaram a proximidade entre as pessoas, atualmente perdeu seu caráter padrão e abriu as portas para a interatividade e conectividade virtual, cujo papel genuíno foi estabelecer a flexibilidade da realidade real dos indivíduos.

Nesse contexto, as habilidades que dependiam geograficamente do esforço e do contato humano caiu em desuso com riscos de serem esquecidas e relutantemente evitadas em detrimento da variedade virtual de proximidades, com vantagens de custo benefícios e aquisição de novas práticas que superam as anteriormente adquiridas e desenvolvidas. Tornaram-se antiquadas e ultrapassadas, desnecessárias para garantir o suporte das relações ditas virtuais.

No tocante à conectividade, Bauman ao se referir a John Urry, menciona sobre as relações de copresença onde a sua manutenção se estabelece pela ambivalência entre o convívio e afastamento, entre a sensação e a imaginação, acrescenta uma terceira figura, se tratando da virtualização das relações. Essa proximidade virtual, garantida pelos dispositivos eletrônicos, provoca um maior distanciamento entre as pessoas, seja física ou afetivamente. “Este agora tem sua própria ‘base material’ *high-tech*, infinitamente mais ampla, flexível, variada, atraente e preche de aventura do que qualquer arranjo de corpos materiais” (BAUMAN, 2003, p. 82). A conexão estabelecida pela internet se apresenta pelas inúmeras oportunidades de relacionar-se, seja em curta ou longa duração, de forma singular e transitória, independente de estar sozinho ou em multidão.

As relações estabelecidas no mundo virtual se mantêm pelo poder da imaginação, pela idealização, distanciando-se do mundo real. Mesmo não sendo anulado, o mundo real dá suporte às sensações, aos sentimentos e as emoções advindas da ausência que a interatividade busca sanar; o sujeito ao relacionar-se em rede alimenta sua afetividade através da imaginação. “A imaginação é a capacidade de substituir a experiência ‘real’ do objeto real pela vivência de sensações que se aproximam do que seriam na vida real” (ILLOUZ, 2013, p. 146), responsável, por sua vez, pelas decepções.

A imaginação da internet dispensa a intuição, aquele conhecimento advindo das experiências de outrora, vívido e prático, pois sua perspectiva liga-se ao que há de vir, ao futuro. Não há, portanto, uma oposição ao real. No entanto, o filósofo Merleau-Ponty faz um alerta para um problema presente nessa dicotomia entre a imaginação e o real, para ele não deveria haver essa separação, isso causaria numa patologia. Sendo assim, “a internet é uma tecnologia sumamente psicológica, no sentido de que pressupõe uma compreensão psicológica do eu e estimula uma forma psicológica de sociabilidade” (ILLOUZ, 2013, p. 152), que de forma decisiva interfere na construção e manutenção do ser individual e conseqüentemente do ser social.

No que se refere à tipologia de redes sociais na internet, Raquel Recuero (2009) aponta para existência de dois. Aqueles com características emergências, onde os laços se estabelecem pelo diálogo, a exemplo dos *blogs*, e exercem menos proporções aos atores, e tem os sites de redes associativas, onde as pessoas se reúnem enquanto membros de grupos, possuem lista de amigos e acaba por manterem relações com os demais participantes. Este é o mais comum entre os jovens, na atualidade, e sites como o Facebook e Instagram são exemplos de redes associativas.

Dentre as redes sociais mais populares na atualidade, de caráter associativo, estão os sites de relacionamentos, cujo principal objetivo é a conexão entre as pessoas, podemos citar aqui

o Facebook, Instagram, LinkedIn, Twitter e Google+. Outro tipo de site é o de entretenimento, muito comum no consumo de conteúdo através de plataformas como o YouTube e o Pinterest. Há, também, os denominados “nicho” que estão voltados para um público específico e com interesses em comum. A exemplo do TripAdvisor (espaço para o ramo da gastronomia e turismo), DeviantArt (comunidade que promove trabalhos de artistas visuais), Goodreads (direcionada para leitores e publicação de resenhas de livros) dentre tantos outros. Ainda há as redes de relacionamento profissional, onde as pessoas divulgam projetos, conquistas e apresentam currículos e habilidades, destes os mais populares são: LinkedIn, Bebee, Bayt, Xing e Viadeo.

As redes sociais também estão fortemente presentes no cotidiano dos jovens, condicionando-os ao consumo, segundo Bauman. “O Facebook, por exemplo, assim como outros ‘sites sociais’, está abrindo novíssimas paisagens para agências que tendem a se concentrar nos jovens e a tratá-los basicamente como ‘terras virgens’ à espera de conquista e exploração pelo avanço das tropas consumistas” (BAUMAN, 2013, p. 53) A utilização das redes, portanto, são meros suportes para reprodução da economia capitalista através da cultura do consumo em detrimento da formação crítica de cidadão, especialmente através da educação.

Nessa linha de pensamento de Bauman, segue o surgimento e expansão das plataformas digitais educacionais, geridas por empresas que visam à lucratividade, inovaram o formato de ensino, quebrando barreiras geográficas, proporcionando a interação com diferentes culturas e flexibilizando horários na busca de lucro a curto e longo prazo. Para ele, a educação tem sido tratada como um mecanismo, que primeiro fornece mão de obra para as empresas, para as indústrias de produção e as indústrias de consumo e segundo, para reproduzir a distribuição de privilégios e privações a desigualdade social, para continuar reproduzindo-a.

Com a frequente utilização de recursos tecnológicos no processo de ensino nas salas de aula, o uso das redes sociais também se tornou comum para múltiplas funções. Na Web 2.0³ é possível identificar inúmeros canais e aplicativos que servem de ferramentas para as aulas presenciais e nas plataformas digitais e que estão conectados com as redes sociais. Tais como: SlideShare (repositório de apresentações), Prezi (criação de apresentação), Dropbox (repositório em nuvem), Google Drive (com várias ferramentas que podem ser compartilhadas, a exemplo de arquivos de texto, imagens e planilhas), Youblisher (criação de livro e revista online) e FazGame (criação de jogos digitais).

2.2 ESTADO DA ARTE: COMO ANDAM AS PESQUISAS SOBRE REDES SOCIAIS

³ Nomenclatura atribuída à mudança da internet por uma plataforma de inteligência coletiva. Baseia-se no desenvolvimento de uma rede de informações onde cada usuário pode não somente usufruir, mas sim, contribuir.

Neste subtópico vamos analisar a bibliografia levantada, como já mencionamos anteriormente. O objetivo aqui é verificar de certa forma o estado da arte alcançado pela pesquisa que se voltou para o estudo das redes sociais na internet. Enquanto autores famosos como Manuel Castells (2010) analisam tais fenômenos com certo grau de abstração, digamos macrossocial – numa perspectiva que procura vislumbrar a complexidade de um fenômeno, do qual as redes sociais seriam apenas uma pequena parte dele - antes e depois desse autor, já se fazia análises e debates sobre redes e articulações sociais em rede numa dimensão mais local, setorial ou microssocial, ou no âmbito da vida cotidiana, como é o nosso caso neste trabalho, já anteriormente justificado.

Pois bem, a nossa pretensão nesta seção é trazer o estudo do estado da arte sobre redes sociais, seus usos e representações, atividades e referenciais e como os seus usuários avaliam o que fazem em rede. Para tanto, realizamos uma vasta pesquisa bibliográfica que nos ajudou, como já vimos, a formatar o nosso próprio projeto de pesquisa. Mas, primeiro vejamos o que se entende por estado da arte. Em geral, se diz que o Estado de Arte faz com que não iniciemos a nossa pesquisa no ponto zero, afinal não vamos mais inventar a roda, pois de lá para cá muita coisa já evoluiu para além das rodas de pneumáticos até chegar à internet e as infovias pelas quais navegam e se conectam milhões de pessoas simultaneamente, superando, portanto, de forma revolucionária o tempo e as distâncias geográficas. Estado da arte pode ser uma pesquisa de caráter de bibliográfica que traz o desafio

[...] de mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos ou dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que forma e em que condições tem sido produzidas certas dissertações [...], teses [...], publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e seminários. (FERREIRA, 2002, p. 285)

Então mapeamos primeiramente 03 trabalhos que nos trouxesse uma certa visão da evolução dos estudos sobre o uso das redes sociais da internet numa perspectiva histórica. Como são estudos que já fazem um balanço metodológico e das tecnologias usadas em rede das TIC (Tecnologias da Informação e da Comunicação), esses trabalhos já se constituíam, portanto, em sínteses de outros tantos trabalhos e reflexões ao longo de algumas décadas e na atualidade. Assim, os estudos que se seguem são estudos do estado da arte da pesquisa sobre as tecnologias da informação e de comunicação, os quais atendem a nossa perspectiva de trazer essa discussão ao nível da abstração mais local, mais focado na vida cotidiana. Mais

focada na vida de milhões de indivíduos e grupos sociais que surfam nas redes, muitos esperando a grande primeira onda de oportunidades num mar de desempregados e patrões de si mesmos. Através das redes sociais da internet se conectam em dimensões planetárias, principalmente os mais jovens para fazer “amigos”, ou os empresários para fazer negócios, ou os professores para participar da próxima live sobre, por exemplo, “estado de arte’ das pesquisas de periódicos que tratam dos impactos das redes sociais na juventude estudantil das escolas de ensino médio”. É importante saber e analisar o que pensam, como analisam ou como percebem os impactos que fazem das redes que usam.

2.2.1. REDES SOCIAIS E TECNOLOGIAS SOCIAIS: PESQUISA SOBRE ESTADO DA ARTE DE 1996 - 2006

Vamos começar por um trabalho que nos antecede no tempo presente que é “Redes Sociais e Tecnologias digitais” e que se trata de um relatório de pesquisa elaborado por Sonia Aguiar Lopes, pesquisadores. O relatório apresenta os resultados de uma pesquisa inédita, até então sobre o “estado da arte dos estudos de redes sociais realizados no Brasil, nos anos 1996 – 2006”, solicitado pelo Núcleo de Pesquisa, Estudos e Formação de Rede de Informações para o Terceiro Setor – sigla NUPEF – Rits. Este grupo de pesquisa foi criado em 2005, com o objetivo geral de responder as demandas de estudos e pesquisas relacionadas ao fortalecimento da Sociedade Civil, tendo em vista o seu fortalecimento mediante o uso de metodologia e tecnologias de ação em rede. É importante frisar que, se trata de algo pioneiro se levar em conta que se refere a um grupo organizado do Terceiro Setor e em meio à pesquisa acadêmica, está mais voltado para redes sob a ideia de infraestrutura, como é o caso do pessoal da área de informática e das engenharias.

Segundo Lopes (2005, p. 07), o trabalho procurou levantar, sistematizar e avaliar, - em caráter exploratório - o conhecimento acumulado sobre redes sociais no país e as práticas a elas relacionadas, tendo como eixo principal uma busca pela palavra-chave “redes”. Essa busca, informada, foi realizada nos currículos armazenados na Plataforma Lattes do Conselho Nacional de Desenvolvimento de C&T e Inovação (CNPq).

Informa que a escolha dessa base de dados como campo empírico se justificava, pois, - antes do início da pesquisa - o Currículo Vitae-Lattes dos pesquisadores se tornou há anos obrigatório para todos os ingressantes em pesquisas, orientadores e estudantes de doutorado,

mestrado e Iniciação Científica, que recebiam bolsas do CNPq. Informa ainda que, além disso, esse órgão do Governo Federal tem estimulado o intercâmbio entre o seu banco de currículos e as bases cadastrais das Universidades, instituições de pesquisa e outras agências financiadoras (LOPES, 2005, p. 07).

A pesquisadora supracitada informa que esta opção metodológica acima descrita e outras orientações ao longo das pesquisas, estiveram concatenadas com os esforços dos estudiosos de não perderem os focos relacionados às linhas de trabalho do grupo, eleitos como prioritárias: (1) o papel das redes baseadas no uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicações (TDIC) e (2) o impacto dessas tecnologias nas organizações, redes e movimentos da sociedade civil.

Por seu turno, segundo Lopes, a fundamentação teórica dessa escolha apoiou-se,

[...] na constatação de que, apesar do papel que ocupam nas sociedades contemporâneas, as redes ainda são um terreno nebuloso, cujos contornos assumem as características das teorias dominantes em cada campo a partir do qual são observadas como as abordagens de sociabilidade, a teoria das organizações, a economia política ou a ciência de computação, por exemplo. (Idem, ibdem)

Dessa forma, para a citada autora, a opção do grupo de pesquisadores foi pelo recorte teórico das “redes sociais”, cujos conceitos básicos e técnicas de análise,

[...] remotam os estudos desenvolvidos entre as décadas de 1930 e 80, no âmbito da Antropologia e da Sociologia, bem antes de as tecnologias da informação e comunicação (TIC's) assumirem o papel significativo de intermediação das relações interpessoais. (Idem, ibdem)

E, além disso, ainda conforme a autora, foram,

[...] esses estudos que começaram a utilizar as metáforas de ‘tecido’ e ‘teia’ para dar conta das relações de ‘entrelaçamento’ e de ‘interconexão’ através dos quais as interações humanas e as ações coletivas são articuladas. Ou seja, muitas ideias e reflexões afloram antes de o economista Manuel Castells e o físico Fritjof Capra lançarem seus holofotes sobre as redes – um motivado pelo interesse na globalização e o outro pela filosofia do conhecimento. (Idem, ibdem, p.07)

De fato, o conceito de “redes sociais” tem uma longa e rica tradição nas pesquisas antropológicas e sociológicas. Essas ciências sociais e, principalmente a antropologia, que acumulou uma bagagem de experiências em termos de estudos, métodos e técnicas de abordagem empírica da realidade e dos atores estudados; em termo de pesquisas e resultados exitosos e significativos do ponto de vista da ciência e da cultura. Como a própria autora (2006, p. 07) sublinha,

Ao longo de mais de 75 anos predominaram estudos com forte base empírica, centrados em análises das estruturas de conexões entre indivíduos e grupos sociais sempre baseados em relações de comunicação e intercâmbio de informação para determinados fins de sociabilidade, adaptabilidade ou ação coletiva.

Explica que, com o surgimento e disseminação das redes eletrônicas entre ativistas de movimentos sociais e os participantes das organizações do chamado Terceiro Setor e da chamada sociedade civil organizada, esses entes organizativos trouxeram novos desafios a partir dos anos 1980. É importante sublinhar, no entanto, uma novidade no enfrentamento de tais desafios. Assim, afirma Lopes (2006, p. 08) que,

[...] até meados da década de 1990 a maior parte das reflexões sobre essas novas redes sociais foi produzida pelos seus próprios praticantes, enquanto os pesquisadores – sobretudo os norte-americanos – preocupavam-se mais com o desenvolvimento de técnicas e ferramentas computacionais que dessem conta da descrição e análise de redes com grande número de nós.

A autora desse relatório de pesquisa identifica que atualmente existem outros enfoques teórico-metodológicos,

[...] atualmente existem diferentes métodos e dezenas de programas para análise de redes sociais, ainda fortemente marcados pela tradição estruturalista, que deixam em segundo plano a compreensão dos processos de ‘enredamento’, as características das interconexões e os fatores que influenciam as dinâmicas das redes (objetivos táticos e estratégicos, perfil dos participantes, competência técnica requerida, recursos financeiros e tecnológicos envolvidos, etc.). (Idem, ibidem, p.08)

Assim, conforme Lopes (2006, p. 08), o relatório em pauta, com base no rico potencial de análise dessas dinâmicas e processos que ele aponta, ao final, pode oferecer “novas possibilidades de estudos e pesquisas que relacionem redes, conhecimento e emancipação, ou, empoderamento (empowerment), como preferem as ONG’s”.

Em seguida, o trabalho de investigação em pauta passa para a execução da pesquisa já chamando a atenção para os desusos metodológicos. Como se viu anteriormente, a busca no banco de Currículos Lattes do CNPq deu ênfase ao currículo vitae daqueles pesquisadores envolvidos em redes sociais. Com base nesses currículos, portanto, informa a pesquisadora, foi feito um levantamento da produção científica por eles informada e de alguma forma relacionada com as prioridades acima explicitadas de interesse do NUPEF, incluindo abordagens que cobrissem a relação redes sociais e redes digitais ou TDIC.

Em seguida, a autora apresenta e descreve as várias dificuldades que o seu grupo de pesquisadores enfrentaram, a saber:

- a) Tiveram dificuldades no manuseio de ferramentas de busca no sistema Lattes, pois o mesmo não suportava ou não comportava buscas com muitas variáveis e recuperação de grande número de resultados mostrados. Mesmo assim, houve possibilidades, segundo a pesquisadora, de fazer inferências da proporção de pesquisadores que exploram o tema por área do conhecimento, conforme os dados abaixo e compilados do texto do relatório de pesquisa:

Quadro 01: Quadro de Pesquisadores de Todos os Níveis de Formação Recuperados pela Palavra “Redes” e pela Expressão “Redes Sociais” em cada área de atuação*

ÁREAS DE ATUAÇÃO	“REDES” (%)	“REDES SOCIAIS” (%)
Ciências Humanas	15,7	47,9
Ciências Sociais Aplicadas	14,2	28,6
Ciências Exatas e da Terra	27,5	4,9
Engenharias	29,3	0,8
Outras:	13,2	17,8
EM NÚMEROS ABSOLUTOS		
Ciências da Saúde	277	122
Ciências Biológicas	248	6
Ciências Agrárias	232	6
Letras e Artes	171	27

Fonte: Lopes (2006, p. 18).

* Quadro e dados copiados do original.

A citada relatora informa que, segundo o site da Plataforma (http://lattes.cnpq.br/index_htm), o CNPq recebeu até 18/10/2005 295 currículos. Nesse período foram cadastrados 77.649 pesquisadores, dos quais 62% doutores e 53% do sexo masculino.

Os dados acima foram interpretados pela relatora nos seguintes termos:

- a) Os dados acima deixam clara a diferença de foco existente entre as abordagens genéricas de “redes” e que são majoritariamente concentradas visivelmente em seis disciplinas das ciências Humanas (Sociologia, Antropologia, Ciência Política, Psicologia, Educação e Geografia); e quatro disciplinas da área denominada pelo CNPq de Ciências Sociais Aplicadas: Comunicação, Ciências da Informação, Economia e Administração (Idem, p.09).

- b) Em todas elas, interpreta, foram privilegiados os estudos sobre interações de pessoas e relações sociais entre grupos, comunidades e organizações. Estes estudos e pesquisas atenderam, então, os objetivos do NUPEF⁴, responsável pela pesquisa em foco (Idem, ibdem).
- c) Os pesquisadores, em contrapartida, decidiram descartar aquelas que na pesquisa se concentraram em redes logísticas como as de transportes, distribuição e exportação em redes de estabelecimentos, como bibliotecas, supermercados, empresas, e etc., em redes de infraestrutura de comunicação (computadores, satélites, telefonias, rádio e televisão). Ainda que se encontrasse em redes de termos, de citações, de sentidos, que são estudos em áreas como Ciências da Informação e pela área de Letras e Artes (Idem, ibdem).

Depois dessa seleção e definição do que viria a ser pesquisado, a citada relatora diz que deu seguimento para a segunda fase de depuração dos resultados dessas buscas. Essa depuração criteriosa, segundo ela, promoveu como referência a linha de investigação adotada pelo NUPEF que difere da abordagem de rede de Manuel Castells, por exemplo, em “A sociedade em Rede”⁵.

Resultado da busca na Plataforma Lattes do CNPq: uma relação de 78 pesquisadores doutores e 44 instituições públicas e privadas com os seus respectivos temas e projetos de pesquisa relacionados às redes sociais. Ainda: uma seleção de grupos de pesquisas, núcleos e centros de investigação que atuavam no tema das redes sociais (LOPES, 2006, p. 09). Para completar tais resultados de investigação temática de autores e grupos de pesquisa, segundo a relatora do NUPEF/Rits⁶, foi feita uma busca no Google mediante palavras-chave. Essa segunda busca teve o objetivo de identificação e localização de redes sociais ativas no Brasil, especialmente aquelas que envolviam ONG's (Organização Não-Governamentais); movimentos sociais e outras organizações do chamado Terceiro Setor. Resultado: segundo a autora, em função do número expressivo de resultados as informações foram utilizadas apenas de forma exploratória: foram confrontados campos de práticas e de pesquisas, que a relatora não deixa muito claro. E, além disso, os dados serviram para complementação de um vasto levantamento bibliográfico que o tema requeria. Esse resultado ficou à disposição para a consulta pública no site da organização: www.nufet.org.br (Idem, p. 9). Abaixo, pela importância que o tema despertava já naqueles anos de 2000-2006 e a novidade que os

⁴ Núcleo de Pesquisas, Estudos e Formação de Rede de Informações para o Terceiro Setor.

⁵ A primeira edição brasileira é do ano de 2005.

⁶ Rede de Informações para o Terceiro Setor (Rits).

pesquisadores desta instituição de sociedade civil organizada (são eles pioneiros no uso e forma de organização social) – apresentamos o quadro da pesquisa que segue.

Quadro 02: Número de Pesquisas Recuperadas pelo Google por palavras-chave em março de 2006 (só no Brasil)

Rede + ONG	769.000*
Redes Sociais	85.000
Redes + TICs	50.700
Redes digitais	38.700
Redes Sociotécnicas	177
Redes Socio-tecnicas	168
*Eram 19.900 em 2002	

Fonte: NUFEP/RITS. Dados apresentados no Relatório de Pesquisa da Instituição. Sistematizado por Lopes (2006, p. 09).

Dando continuidade ao Relatório de Pesquisa, Lopes descreve em seu capítulo 2 – “Premissas: de que falamos e quando falamos de redes sociais”, a trajetória dos estudos das redes sociais no cenário acadêmico internacional em quatro fases. São elas:

- a) Período entre 1930 e 1970: trata-se aqui de trabalhos produzidos, sobretudo, nos Estados Unidos. “No âmbito da Sociologia, da Antropologia e da Psicologia Social, eram marcadamente estruturalistas e funcionalistas, em que predominavam segundo a autora as análises sociométricas de organizações sociais, a busca foi identificação de padrões de vínculos interpessoais em contextos sociais mais específicos e a investigação das estruturas de relações comunitárias em tribos e aldeias” (Op. Cit. p. 11).
- b) Período 1970 – 1990 marcado pelo desenvolvimento de análises de “redes sociais”; social network analysis – como, especialidade das Ciências Sociais. Segundo a autora, as “social network analysis” foram conduzidas com auxílio de programas de computadores e, por isso, ficaram por muito tempo restritas aqueles pesquisadores que tinham familiaridades com a linguagem matemática e com as metodologias altamente técnicas e quantitativas (Idem, Ibidem, p. 11).
- c) Período para além dos meados da década de 1990: desenvolvimento das pesquisas multidisciplinares motivadas pelo aumento da complexidade da vida urbana e pelas comunicações mediadas pelos computadores. Neste período segundo Lopes, as metáforas de rede são retomadas como base para a análise do fluxo de informações

através das interações entre pessoas, grupos humanos e organizações sob a forte influência da teoria de sistemas (Idem, *Ibidem*, Op. Cit. p. 11).

d) Período atual: nesse período conforme Lopes há uma sofisticada análise de redes sociais com o apoio de variadas técnicas e ferramentas computacionais e que agora se tornariam mais acessíveis aos pesquisadores. Porém, para a relatora essa fase “é ignorada pelas correntes de pensamento capitaneadas por Pierre Lévy e Manuel Castells que só enxergam a ‘rede’ como macroestrutura globalizada de redes interpessoais, comunitárias e organizacionais conectadas à internet” (Idem, *Ibidem*, p. 11).

Informa que, no Brasil, as redes sociais começaram a despertar interesse acadêmico na década de 1990, quando avançavam as pesquisas sobre as novas formas associativas, como é o caso dos movimentos sociais e das organizações não governamentais, as quais emergiram nos movimentos contra a ditadura militar e pela democratização do país. Nesse cenário, outras duas novidades emergem como lembra a autora: a globalização da economia e os debates e ações em prol do desenvolvimento sustentável (Idem, *Ibidem*, p. 11). Lembrar que último tema, depois materializados em políticas, como a Agenda 21, foi no país bastante propalado com a realização da Eco-92⁷, no Rio de Janeiro.

Mas, segundo a autora (2006), em 1996, marco inicial desta pesquisa, havia apenas um livro publicado sobre o assunto – *Redes de Movimentos Sociais* de Ilse Scherer Warren, conforme analisa, “mencionava as redes sociais em apenas 12 páginas” de um livro de 124 páginas e, ainda assim, como “uma perspectiva para cinco anos de 1990” (Idem, *Ibidem*, p. 11). Em sua extensa bibliografia de referência, este livro só trazia um único título sobre análise de redes sociais. Em contrastes, este tema teria, segundo a autora, mais de três décadas de uma base de pesquisas acumuladas, sobretudo nos Estados Unidos, Canadá e em alguns países europeus. Informa que, no Brasil, a produção sobre o assunto só veio a se deslanchar ao longo dessas anos de 1990 e se tornou mais expressivas a partir dos anos 2000 e, claramente sob o impacto da internet (LOPES, op. Cit.).

Colocado este marco histórico de surgimento e expansão dos estudos e pesquisas sobre as redes sociais que, no nosso entender não eram elas tão digitais como o que estamos assistindo hoje, passados mais de 15 anos, Lopes (Idem, *Ibidem*, p. 12) menciona as premissas que orientaram esse levantamento de dados para essa pesquisa e a sua análise,

⁷ Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, realizada no Rio de Janeiro, em junho de 1992. Também conhecida como Cúpula da Terra, ela reuniu mais de 100 chefes de Estado.

[...] mais do que estrutura de relações, as redes sociais são métodos de interações que sempre visam algum tipo de mudança concreta na vida do indivíduo no coletivo e/ou na(s) organização(ões) dos envolvidos. Isto significa que os elementos que compõem a sua estrutura (nós, elos, vínculos, papéis) são indissociáveis de sua dinâmica (frequência, intensidade e qualidade dos fluxos entre os nós.

Significa também, que redes e sistemas não são equivalentes, embora possam em certos casos ter estruturas semelhantes e até justapostas.

As redes sociais são, antes de qualquer coisa, relações entre pessoas, estejam elas interagindo em causa própria, em defesa de outrem ou em nome de uma organização.

As redes sociais tendem a ser abertas à participação (por afinidades) e não-deterministas nos seus fins (o que podem ir sendo modificados ao sabor dos acontecimentos, porém, mantendo a motivação inicial que gerou a rede);

Já um 'sistema em rede' tende a ser fechado (delimitado por certos critérios formais de participação) e deterministas (com funções pré-estabelecidas) é o que diferencia, por exemplo, uma rede de ambientalistas de uma rede de supermercados, de escolas ou de bibliotecas;

Mais tanto a rede social quanto o sistema em rede podem ser mediados ou não por tecnologias de informação e comunicação (TICs), ou ainda serem híbridos – quando parte dos seus participantes não tem acesso a essas tecnologias, formando 'teias invisíveis que se comunicam com a rede através de indivíduos-ponte';

Além disso, as redes sociais informais - como se formam espontaneamente nas relações cotidianas, mediadas ou não por TICs - são mais flexíveis e não deterministas do que redes organizacionais e interorganizacionais, sujeitas a diferentes graus de formalização, conforme o perfil dos participantes e dos seus objetivos estratégicos e táticos [...].

Fizemos questão de transpor esta longa afirmação de premissas, como chama o relatório, de orientação da pesquisa e análise dos dados, porque na verdade trata da definição do conceito de redes sociais com a qual os pesquisadores do NUPEF/Rits trabalham, como grupo de pesquisas, estudos e formação de uma rede de informação para o chamado Terceiro Setor. A explicitação do conceito de redes sociais que esse grupo desenvolve é trabalhada em oposição à outros conceitos, como forma de não gerar confusão e separar, assim, o “joio do trigo”, por exemplo a noção de sistemas e de sistemas em rede.

Mas, o texto do relatório da pesquisa em pauta continua discutindo ou apresentando outras questões conceituais como é o caso das metáforas de redes. Significa dizer que, essa discussão é importante, porque como diz a própria autora, as teorias das redes vêm se desenvolvendo “[...] com base em metáforas representativas de relações entre elementos humanos e não humanos”. Nesse ponto aqui, achamos que existe um aspecto essencial no sentido da discussão relacional de ações humanas e sua subjetivação. O texto diz completando que, todas as metáforas de redes remetem, “[...] necessariamente, a inter-relações, associações

encadeadas, interações, relações de comunicação e/ou intercâmbio de informação” (Idem, Ibidem, p. 12).

Considerando que todas essas metáforas de redes são utilizadas como modelos de organização e/ou para análise de redes, a diferença entre elas, segundo a nossa interlocutora da NUPEF/Rits, estaria na forma como a informação flui entre os nós, mas também, no grau de complexidade das interações e das dinâmicas da rede ao longo do tempo. Certamente a autora está falando nessa altura do texto do relatório da pesquisa em pauta em metáfora de redes (sociais). É tanto que, em seguida, a autora apresenta as características dessas metáforas utilizadas para representar essas redes. Vejamos a tipologia de redes apresentada e suas características, pois aqui entra um novo elemento na noção conceitual de redes sociais e de seu valor heurístico para além do pensamento representacional típico do senso comum. Assim, a autora apresenta o primeiro modelo que é o modelo de árvore e segue sugerindo outros,

[...] árvore – modelo pelo qual a informação parte de uma raiz e se difunde ou se dissemina através de ‘ramos’ ou ramais, isto é, um processo comunicativo que se ramifica até um certo limite (se for ‘podado’) ou pode se desdobrar indefinidamente, com a geração de nossos integrantes. (Idem, Ibidem, p.12)

Lopes (2006) explica que essa é uma concepção antiga de rede, na qual se basearam os sistemas distribuídos de computadores na sua fase inicial. Exemplos desse modelo seria também o broadcast, neste a produção é centralizada e distribuída por emissoras “repetidoras” de programação. Princípio de comunicação seguido: “um para muitos”. Pressupõe uma comunicação controlada e hierarquizada, e na maioria das vezes unidirecional. A autora explica que este modelo representaria mais ou menos um sistema de comunicação do que redes. Vejamos agora o segundo tipo de metáfora de redes:

[...] ‘malha ou trama’ – a representação mais simples de rede, composta por ligações simétricas entre os ‘nós’ (como numa rede de pesca), que pressupõem relações equidistantes de comunicação e fluxos regulares de informações; as mensagens fluem por ‘contágio’, de nó em nó (ou de pessoa a pessoa), como na propagação de boatos, na disseminação de ‘correntes’ e na propaganda boca-em-boca: Mas, sua dinâmica é imprevisível – tanto sobre como começou quanto como e quando vai parar (Idem, Ibidem, p. 13).

Segundo a autora do relatório de pesquisa aqui em pauta, esse modelo vem sendo reapropriado para as redes comunitárias sem fio (usando as tecnologias Wi-Fi ou WiMax e topologia *mesh*). Nessas redes comunitárias cada computador é ao mesmo tempo receptor e

transmissor (ou roteador) de uma conexão com a internet para os computadores mais próximos. Nesse caso, formaria uma rede ponto-a-ponto ou de comunicação viral na concepção do pesquisador do MIT (Massachusetts Institute Technology – USA), Andrew Lippman⁸. Essas eram os tipos de redes bastante comuns em certas práticas comunitárias e próprias de culturas e de etnias que a antropologia, principalmente, sempre estudou. Certos movimentos sociais e organizações da sociedade civil no Brasil têm incentivado essas redes como forma de disseminação de práticas e saberes, como as tecnologias sociais e as experiências de economia solidária, mesmo antes da popularização dessas tecnologias de conexão em rede de computadores e uso de outras engenhocas, como os aparelhos celulares. Prossigamos, o texto é longo, mas vale a pena essa sistematização de saberes históricos da emergência e disseminação de conceitos e de construção de representações sociais. A autora (Idem, *Ibidem*) apresenta o terceiro tipo ou exemplo de rede, que é a teia,

[...] teia – mídia com padrão de relações que se desenvolve na radialmente, a partir de uma liderança, de uma coordenação ou de um centro “irradiador” que distribui mensagens para todos os pontos da rede, embora pressuponha uma relação horizontal, não hierárquica, entre os nós, não há comunicação direta entre eles, qualquer mensagem tem que ser enviada a um nó central (ou máquina ou uma pessoa), que a distribui para todos os demais (comunicação de todos para um, um para todos), mas não para um ou alguns nós específicos (comunicação seletiva).

Lopes (2006) explica que o tipo “teia” pressupõe uma certa homogeneidade ou equivalência entre seus membros: conhecimentos, recursos, interesses ou objetivos compartilhados. Seria, para ela, o modelo mais próximo das redes organizacionais e interorganizacionais, como de empresas, organizações não governamentais e organizações do chamado Terceiro Setor.

Os membros dessas entidades ou organizações em forma de “teias” teriam um fim em comum muito delimitado e, por isso, se pressupõe que esses membros da rede tentam manter a dinâmica da rede sob controle. Entretanto, Aguiar deduz que, quanto maior for a participação nesse tipo de rede, maior será o grau de previsibilidade.

Por último, o texto em pauta fala de “rizoma” como o quarto e último modelo de rede, descrito da seguinte maneira:

⁸ Andrew Lippman. *Viral Communication*: <http://web.media.unit.edu/~up1> – citação do texto em análise.

[...] rizoma⁹ – é a metáfora que tenta dar conta de uma multiplicidade de relações assimétricas de comunicação, desencadeadas que vários pontos simultaneamente, e de fluxos acentrados e não-regulares de informação (no tempo e no espaço), nos quais não é possível identificar um ponto ‘gerador’ único (Aguiar, 2003, p. 13).

De certa forma, este modelo já é autoevidente. Na botânica é um caule formado por escamas e/ou nós. Segundo Lopes (2006), um rizoma caracteriza-se pela multidirecionalidade e fluxo de informações a partir de qualquer ponto ou de vários pontos de forma simultânea ou não. Significa que, qualquer pessoa envia mensagem para quem quiser, para um ou para todos simultaneamente. Assim, os papéis de emissor e receptor são intercambiáveis e a circulação da informação não depende de uma instância central. Outras características: heterogeneidade de nós e de vínculos, modos diversos de estabelecimento de relações de sentido, o rompimento de um nó da cadeia não compromete o reconhecimento e nem o funcionamento do todo; são próprios da dinâmica desse modelo mecanismos de auto-organização, “pontos de fuga e rupturas” (Idem, Ibidem). Em síntese, rizoma configura a representação típica de relações interpessoais estabelecida na vida cotidiana e nas redes da internet. Segundo essa autora, é o padrão mais complexo de rede, tem dinâmica imprevisível, mas não descarta a possibilidade de apreendê-las através dos métodos científicos (Idem, Ibidem, p. 14-15).

O Conceito de Redes Sociais

Por fim, depois dessa digressão sobre os significados de redes e metáforas de redes, os autores, pesquisadores do NUPEF/Rits apresentam a seguinte definição para redes sociais:

[...] As interações de indivíduos em suas relações cotidianas – familiares, comunitárias, em círculos de amizades, trabalho, estudo, militância etc – caracterizam as redes sociais informais, que surgem sob as demandas das subjetividades, das necessidades e das identidades (LOPES, op. Cit., p. 14).

9 Rizoma, segundo a autora do relatório de pesquisa em pauta, é o termo utilizado com base em Gilles Deleuze e Félix Guattari (Introdução: rizoma. In: DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. Mil platôs. Capitalismo e esquizofrenia. 1 ed. Rio de Janeiro. Editora: 34, 1995. p. 31-37). Para eles, segundo relata a autora, as metáforas de redes não são excludentes. No coração de uma árvore, no oco de uma raiz ou na axila de um galho, um novo rizoma pode se formar [...] ser rizomarfo e produzir hastes e filamentos que parecem raízes, ou, melhor ainda, que se conectam com elas penetrando no tronco, podendo fazê-las servir a novos e estranhos usos (LOPES, 2003, p. 35 apud AGUIAR, p. 15).

Essas redes, além de origem espontânea e no bojo da vida cotidiana, como se viu acima, podem surgir, também segundo Lopes (2006, p. 14, **grifo nosso**),

[...] fomentadas por indivíduos ou grupos com poder de lideranças que, articulam pessoas em torno de interesses, necessidades e/ou objetivos (estratégicos ou táticos) comuns. Os participantes desse tipo de rede podem atuar como indivíduos ou como atores sociais. Neste caso representando (ou atuando em nome de) associações, movimentos, comunidades, empresas, etc. **Redes sociais plurais** (grifos nosso) são formadas por indivíduos e atores sociais, **redes organizacionais** ou **interorganizacionais**, são aquelas em que os participantes atuam apenas institucionalmente.

Bom, definidos o que é rede social e os seus diferentes tipos, a relatora apresenta os princípios que deverão reger a organização e a própria análise de uma rede quanto à sua “estrutura” e a sua “dinâmica”. Conforme afirma, esses princípios são indissociáveis. Assim, de acordo com Lopes, a estrutura da rede,

[...] diz respeito aos componentes da rede: os ‘nós’ conteúdos pelos indivíduos e atores que circulam e/ou trocam informações; os elos (links) que unem dois ou mais nós (interesses, afinidades, objetivos táticos ou estratégicos, etc.), os tipos de vínculos (três) estabelecidos entre os nós, e os papéis que cada nó exerce nas inter-relações. (Idem, Ibidem)

Assim, é necessário explicitar melhor esses elementos de construção da estrutura de uma rede, por tratar-se aqui de certos aspectos indispensáveis para quem quer estudar redes e ao mesmo tempo demonstrar os avanços conceituais e metodológicos através desse grupo de pesquisa do Terceiro Setor e, provavelmente, pioneiro nesse tipo de abordagem metodológica. Assim sendo, da estrutura,

[...] nas redes não-mediadas por um nó, central, qualquer pessoa pode contatar certos indivíduos e ignorar muitos outros (sobretudo quando a rede é muito extensa) ou comunicar-se mais intensamente com uns do que com outros, ou seja, pode manter vínculos fortes ou fracos, recíprocos e não-recíprocos [...] (Idem, Ibidem).

Depois desse primeiro aspecto a ser levado em consideração na estrutura de uma rede, a autora (2006, p. 15, **grifo nosso**) apresenta mais quatro elementos de análise:

vínculos fortes podem ser intensos e/ou duradouros, mas vínculos ‘fracos’ (eventuais ou informais) não significam, necessariamente, comunicação menos eficaz ou menos relevante;

Pessoas que interagem entre si com menor (vínculos recíprocos) do que com outros participantes da mesma rede formam subgrupos (cliques ou clusters) em torno de interesses que são compartilhados, um indivíduo e uma organização pode fazer parte de mais de um clique dentro da mesma rede;

Os vínculos entre os participantes definem: redes também podem ser estabelecidas direta ou indiretamente (exemplo: uma pessoa que não tem e-mail pede a alguém para enviar um aviso aos demais participantes da rede);

Um indivíduo pode comunicar-se frequentemente sobre o mesmo assunto com diferentes pessoas (elos múltiplos) para interagir sobre múltiplos conteúdos.

Colocados tais padrões de vínculos, a pesquisadora chama a atenção para o fato de que, a realização de estudos empíricos em diferentes contextos podem revelar outros padrões de vínculos. Chama a atenção, também, para o fato de que, além dos vínculos que se estabeleceram na rede, conforme tipificados acima, há ainda determinados papéis que indivíduos e atores sociais podem exercer nas interações e nos fluxos de informações. Logo, conforme menciona a autora (**grifo nosso**), teríamos a seguinte tipologia de papéis sociais:

[...] **nós ativos** (que) são aqueles que mais frequentemente tomam a iniciativa da comunicação ou que alimentam a rede de informações relevantes com maior frequência;

Nó focal (...) aquele que recebe o maior fluxo de mensagens de redes como é o caso do moderador, do coordenador ou do animador;

Isolados (que) são aqueles que mantêm um comportamento passivo na rede, acompanhando o fluxo de informações e discussões, mas raramente participando das ações comunitárias;

Líderes de opinião (que) são pessoas capazes de influenciar as atitudes de um indivíduo de um grupo ou de todos os participantes de uma rede, a liderança pode se revelar a partir de uma iniciativa individual ou durante a discussão de determinado tópico. (Idem, Ibidem, p.15)

Além desses papéis sociais exercidos no âmbito das redes, e às vezes estabelecidos nelas mesmas, existiriam os papéis de especialistas e aqueles que exercem o papel de ponte. Assim, afirma Lopes que,

[...] **especialistas** são pessoas conhecidas como detentoras de certos conhecimentos e/ou experiências vitais para a dinâmica e os objetivos da rede; quando todos reconhecem como especialistas (ou praticantes) no tema em questão, tem-se uma rede sociotécnica. (Idem, Ibidem, p.14)

Do mesmo modo, o papel de ponte é muito importante para manter a rede articulada, sendo esse o último papel social exercido nas redes sociais destacado pela supracitada autora (2006, p. 14, **grifo nosso**). Assim,

[...] **ponte** é o papel exercido por quem atua como o único elemento de ligação entre dois ou mais cliques, a partir de sua posição como membro de todos eles, ou que transita informação entre uma ou mais redes das quais participe.

Descritos esses tipos de vínculos e de papéis em uma rede, Lopes (2006) sublinha a sua importância em observá-los, particularmente para os articuladores e os animadores de redes fomentadas. Segundo a autora, porque permite a identificação e a análise de grupos de interesses compartilhados, além de permitir uma melhor intervenção na dinâmica da rede.

A dinâmica de uma rede:

Essa, como vimos anteriormente, é a segunda dimensão ou parte da estrutura da rede. Conforme descreve Lopes (2006, p. 15), podem ser observados quatro aspectos principais sobre essa dinâmica. A saber:

[...] a padrão de fluxos de informação entre os nós (correspondente à metáforas vistas anteriormente);

O ritmo das interconexões e do fluxo de informação que pode ser contínuo e descontínuo, regular (periódico), sazonal ou eventual;

Os graus de participação dos integrantes da rede (frequência com que se comunicam e a qualidade do que comunicam);

Os efeitos da participação nos demais membros e no desenvolvimento da rede.

Tema da rede e outros elementos definidores

Na terceira parte, Lopes (2006) adverte que, no entanto, a horizontalidade das conexões e do fluxo de informações, e que é enfatizado como a marca registrada da rede, não seria condição suficiente para garantir a plena participação de seus membros; e nem a efetiva democratização dos processos de decisão em seu interior. A democracia praticada internamente numa rede, então, dependeria também da qualidade dos vínculos estabelecidos entre os seus membros e a qualidade dos conteúdos mobilizadores que circulam na rede (LOPES, 2006). A autora ainda trabalha no texto outros elementos importantes para uma análise de rede além da sua estrutura e sua dinâmica. Menciona:

- a) **Temática geral:** o tema que dá sentido ao que a rede elabora e mobiliza é um elemento importante na aglutinação dos participantes e pode ser desdobrados em

subtemas. Esses subtemas, em geral, relacionados a interesses específicos vão surgindo ao longo do desenvolvimento de rede. Esse desenvolvimento, segundo Lopes (2006), pode ser contínuo ou descontínuo, rápido ou lento, pode atingir posições intermediárias de aceleração e desaceleração, tudo em função das circunstâncias que podem animar e por vezes fragmentar ou estancar a comunicação (Idem, *Ibidem*, p. 16).

b) **Os graus de participação:** esses dependem dos interesses de seus membros e da própria temática e conteúdos da rede. Também do fluxo das mensagens que, por sua vez, podem estimular a participação ou não. Dependem ainda das ações comunicativas que possam estimular a interação entre os nós da rede; das barreiras e facilidades que os participantes encontram para lidar com os meios e os recursos de interação (competências técnicas e linguísticas, referenciais de mundos compartilhados, etc.) (Idem, *Ibidem*, p. 16).

Sobre esse último aspecto, a autora sublinha que, os tipos de ações comunicativas que “animam” as interações em geral, são mais abrangentes nas redes espontâneas do que nas redes institucionais. Já os “animadores” de uma rede podem ser lideranças “naturais” ou moderadores instituídos. A sua função seria a de superar barreiras, que com uma ação entre os participantes em potencial, seria uma forma de ampliar o alcance da rede. Quando desejável, assim, procurariam facilitar os “trânsitos” de mensagens, buscando traduções, explicações complementares, glossários e outros elementos mais adequados para os membros da rede. Além disso, tais lideranças teriam, conforme a autora, de liderar com eventuais falas dissonantes e/ou *clusters* desagregadores que, certamente podem perturbar a dinâmica da rede; significa dizer que a horizontalidade da comunicação teria o seu contraditório: “é sujeito a controvérsias no processo de construção de consensos” (Idem, *Ibidem*, p. 16).

Ainda sobre a natureza das redes, elas não são sistêmicas, elas tenderiam não à estabilidade e o controle de seus elementos, mas à fluidez e a uma dinâmica não linear. Esta característica é própria mesmo de redes não espontâneas. Estas orientadas por certos objetivos pré-definidos, institucionalmente não apresentam probabilidade de previsão ou de garantia de controle de todas as suas interações que nelas ocorram. Segundo a autora, ainda que se tenham objetivos claros e bem definidos, bem como, potencialidades e limites conhecidos, haveria impossibilidades ou dificuldades de se planejar uma organização em rede de forma objetiva, detalhada e com certas metas bem balizadas (Idem, *Ibidem*, p. 12). A principal característica de existência da rede – apesar de sua face visível, observável (registros de

alterações, reuniões, planejamento e avaliações requisitados, páginas na web, etc.), além de territórios delimitados (escolas, igrejas, bairro etc.) – é a fluidez, como tudo que ocorre nessa época de aceleradas mudanças que passamos a chamar de pós-modernidade e na melhor das hipóteses de modernidade líquida, como já vimos anteriormente (BAUMAN, 1999). Nela, como nas redes, as relações sociais, econômicas e de produção são fluídas, frágeis e maleáveis como os líquidos, ao invés de serem sólidas, fortes, duradouras. Há uma fragilidade dos laços entre pessoas e de pessoas e instituições. A lógica utilitarista do consumo tomou o lugar da lógica da moralidade, e nesse interim as pessoas passaram a ser vistas e reconhecidas pelo que consomem, pelo que compram. Esta ideia de compra permeia fortemente as relações sociais, ao ponto das pessoas passarem a comprar afeto e atenção. A vida on-line e as conexões de pessoas nas redes sociais da internet têm a ver com tudo isso e mais alguma coisa, a incerteza, a imprevisibilidade, a redução de oportunidades, a precariedade de todas as relações humanas... A superficialidade das relações sociais coaduna-se com as conexões, as quais a qualquer momento podem ser desfeitas com um simples clique no smartphone ou no notebook. Elas tomaram o lugar da amizade, dos relacionamentos amorosos. Elas, as conexões on-line, podem ser desfeitas num “piscar de olhos”.

Redes e TDHC's – Relativizando Castells

Na seção 3 do Relatório de pesquisa, Lopes (2006) faz uma crítica a Manuel Castells e propõe uma outra abordagem. Dez anos antes até a data de elaboração deste relatório, ela identifica dez anos de expansão das redes sociais, mas essa expansão para a mesma é devido à discriminação da internet comercial. Ela começa apresentando a sua abordagem dizendo que a proposta que defende leva em conta, também, os “elos invisíveis através dos quais circulam informação e conhecimento, permitindo a expansão da rede para além dos meios digitalizados, das instituições legitimadas e dos detentores de poder” (LOPES, op. Cit., p. 16).

Essa sua abordagem para a análise acima é fundamental em contextos de alto grau de infoexclusão, como em países da América Latina, Caribe e África e, mesmo nos “bolsões de pobreza” dos países ricos. Com isso, a autora identifica que, ao contrário disso, as recentes discussões sobre o papel das redes têm sido reduzidas às interações entre indivíduos e grupos, comunidades e organizações conectadas à “teia mundial de computadores”. Essas discussões, sublinha, estão “sustentadas quase em si mesmo pela utilização da obra fundadora da trilogia

de Manuel Castells. A sociedade em rede – como principal (quando não única), referência bibliográfica – pelo menos no momento que ela escreve – sobre redes. Castells define ‘redes’ como qualquer conjunto de nós interconectados” (Idem, *Ibidem*, p. 16). Nessa altura de seu texto, a pesquisadora cita o conceito. Vejamos a transcrição que faz da fala de Manuel Castells:

[...] concretamente, o que é um nó depende do tipo de redes concretas de que falamos. São mercados de bolsas de valores e suas centrais de serviços auxiliares avançados na rede dos fluxos financeiros globais. São conselhos nacionais de ministros e comissários europeus da rede política que governa a União Europeia. São campos de coca e papoula, laboratórios clandestinos, pistas de aterrissagem secretas, gangues de rua e instituições financeiras para lavagem de dinheiro na rede de tráfico de drogas que invade as economias, sociedades e estados do mundo inteiro. São sistemas de televisão, estúdios de entretenimento, meios de computação gráfica, equipes para cobertura jornalística e equipamentos móveis gerando transmitindo e recebendo sinais da rede global da nova mídia no âmago da expressão cultural e da opinião pública, era da informação (CASTELLS, 2003, p. 56, apud LOPES, 2006, p. 16).

Então, diante da citação acima e outros conteúdos da obra citada de Manuel Castells e concordando com Lopes (2006), ela confirma que, esse autor de uma trilogia best-seller “A era da Informação”, coloca no mesmo enquadramento inúmeros tipos de redes e desta forma pasteuriza diferentes padrões e processos de enredamento. Mais, ainda, identificando que Castells apresenta como equivalentes “nós” humanos (pessoas) e não humanos (centrais de serviços, laboratórios clandestinos e pistas de aterrissagem, por exemplo). Além disso, Castells inverteria as regras do jogo quando diz que, o que define um nó “é um tipo concreto de rede, ao qual ele pertence [...]”, porém, retruca Lopes, “na prática, a estrutura e a dinâmica de uma rede dependem dos perfis dos nós que a configuram, dos objetivos de ação coletiva propostos, e da qualidade, intensidade e frequência das interrelações (Idem, *Ibidem*, p. 16). Dessa forma, a definição de Castells é,

[...] diferente de quem emprega a corrente da sociologia contemporânea voltada ao estudo social da ciência e tecnologia. Na visão de Bruno Latouz, por exemplo, uma rede sociotécnica caracteriza-se antes de tudo por seu caráter heterogêneo e pela absoluta impermeabilidade quanto as articulações de que se compõe (ABRAMOWAY, 2000, p. 04 apud LOPES, 2006, p. 17).

Assim, Lopes procura marcar posição teórica relativizando a visão de Castells sobre redes e TIC dizendo que,

[...] sobre a perspectiva de seu globalismo, Castells vê as redes como estruturas abertas que só tendem a se expandir. Mas a dinâmica das redes sociais é mais

complexa: não são obrigatoriamente evolutivas, também podem encolher, muito frequentemente, ganham e perdem nós ao longo do seu percurso, sem perderem sua identidade, assim, como ocorrem mudanças qualitativas nos vínculos entre esses nós. Isto sem contar que nem todas as ligações são intermediadas por tecnologias de informação e comunicação. (Idem, *Ibidem*)

Concorda ainda, em diálogo com Prado (2000), que,

[...] O discurso de Castells naturaliza a internet na medida em que oculta o conflito básico entre as redes neoliberais de produção do discurso neoliberal naturalizador das redes, e as redes de resistência, como as empreendidas em Seattle contra a OMC¹⁰ (LOPES, 2006, p.17)

Para Lopes (2006), tornou-se evidente que, para combater o neoliberalismo, foi necessário estar em rede, na internet, com a participação de inúmeras ONG's. Então, não se trata de estar simplesmente em rede, diz a pesquisadora, mas estar em rede para combater o neoliberalismo da OMC. E, continua, é isso que institui espaço da política na construção de redes naturalizadas. Assim, as ONGs que lá estavam, em Seattle, utilizaram a rede para combater o economicismo globalista, para transformar a globalização num discurso político sobre o futuro da democracia (Idem, *Ibidem*). Então, para a “rede ser considerada desnaturalizada”, sob a perspectiva de Beck (1998), a pesquisadora Prado (2000, p. 09) afirma que,

[...] a rede precisa ser encarada como uma construção cultural, discursiva, histórica cujo processo de instituição pode ser reconstruído e questionado, indicando-se novas direções para pensar a globalização, como propõe U. Beck.

O “Estado da Arte” da pesquisa acadêmica sobre redes sociais no Brasil (1996-2006)

Feitas as críticas à noção de redes de Castells, Lopes (2006) vai analisar a pesquisa científica sobre rede no Brasil, conforme o seu levantamento bibliográfico anteriormente descrito. Inicia apresentando o tema, reconhecendo que, apesar das pesquisas sobre redes sociais terem nascido da preocupação de sociólogos com “as relações dos indivíduos em sociedade, em comunidades e grupos de afinidades – que continuam pertinentes – hoje essas abordagens não dão conta do papel estratégico que as redes sociais vêm assumindo nas relações sociais contemporâneas” (Idem, *Ibidem*, p. 20).

¹⁰ OMC. Organização Mundial do Comércio, órgão vinculado à ONU. Seattle, cidade do noroeste pacífico dos E.U.A. É um grande polo tecnológico que sedia empresas como a Microsoft e a Amazon, por exemplo.

Nessa parte do relatório, a autora apresenta uma visão geral das principais áreas do conhecimento em que o estudo das redes sociais vem se desenvolvendo, perfil dos pesquisadores que desenvolvem estes estudos e os temas aos quais as teorias e as técnicas de análise de redes são aplicadas. A autora também fez inferências sobre as abordagens teóricas – metodologias de tais pesquisas e uma amostragem aleatória de artigos e da bibliografia acadêmica anteriormente levantada na fase inicial dessa pesquisa em foco.

Assim, com relação aos pesquisadores, explica que para formar a base cadastral dessa pesquisa e após um cuidadoso processo de depuração dos dados do Lattes, os quase 80 doutores foram divididos em dois grupos, cada um com 30 pesquisadores e que foram considerados expoentes no campo temático. O motivo dessa divisão foi porque desenvolveram, conforme constatações empíricas, projetos focados em redes sociais, incluindo as redes organizacionais, as interorganizacionais e as redes de cooperação.

Os outros 48 pesquisadores (do grupo dos quase 80) formaram um grupo de referência, pelo fato de a grande maioria terem chegado às redes pelo caminho das tecnologias e meios digitais da informação e da comunicação. Estavam, portanto, interessados nos impactos desses meios sobre os indivíduos e as suas relações interpessoais e sociais. Outros tinham interesse focado “em processos participativos e colaborativos em organizações e na esfera pública” (Idem, *Ibidem*).

Dado importante revelado pela pesquisa, conforme acima mencionado, é completado pela identificação do fato de que, nos dois grupos havia uma alta produtividade representada pelas pesquisas formuladas nos últimos seis anos, ou seja, no período de abrangência da pesquisa em foco (2000 – 2006/2007). Tratava-se, também, de projetos de grupos de pesquisa já consolidados no tema, já que foram identificados apenas três que entraram no campo a partir de teses de doutorado defendidas antes de 2000. Campo aqui é utilizado no sentido de Bourdieu, avisa a própria Lopes (2006). A pesquisa, além disso, revelou que a grande maioria dos pesquisadores identificados trabalhava em instituições públicas: no primeiro grupo, 19 pesquisadores (63%) trabalhavam em universidades federais e três são de universidades estaduais e regionais (USP, UNISINOS, UNIVALI), além de seis católicas e outras. No segundo grupo informa: “essa proporção das federais caiu para 55% (26 instituições). O motivo mencionado é porque há mais universidades estaduais e regionais, dez ao todo, são 20% da amostra” (Idem, *Ibidem*).

Assim, quando o assunto era redes sociais, as universidades federais do Rio de Janeiro, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, contribuem com o maior número de

pesquisadores (11 – 30%); quando o assunto é internet e TIC, as universidades federais que dominam são: Bahia com 05 contra 03 da UFF, 03 da UFPE e o resto pulverizado.

Já os currículos dos pesquisadores que trabalham com redes sociais digitais e que privilegiam interesses coletivos apresentaram, conforme identificou a autora (2006, p. 20), um traço comum,

[...] a facilidade com que transitam de uma disciplina a outra, tanto na sua trajetória entre graduação e doutorado, quanto nas abordagens que adotam em seus estudos. Vários deles, inclusive, enquadram-se na categoria multidisciplinar ‘das áreas do conhecimento do Sistema Lattes’.

Essa interdisciplinaridade, conforme a pesquisa identificou, é mais notória nas áreas da Administração, Ciências Sociais, Educação e Comunicação. Cerca de mais de 30% dos pesquisadores que trabalham em departamentos e em programas de pós-graduação são graduados em áreas diferentes de sua formação básica primeira. Essas áreas acima concentram 73% dos expoentes em redes sociais. Em nota de rodapé, a autora afirma que se a pesquisa tivesse levado em consideração os doutorandos, os mestrandos e os graduandos, provavelmente essa configuração seria diferente, já que se sabe que nas universidades federais do Rio de Janeiro (UFRJ), de Minas Gerais (UFMG) e na Federal Fluminense (Niterói-RJ) há um crescente interesse pelo estudo na área de redes sociais nos cursos de Educação e Geografia, tanto nos de Graduação quanto nos de Pós-Graduação (Idem, Ibidem).

Em seguida, a autora expõe o mapeamento temático dos trabalhos acadêmicos listados no currículo dos pesquisadores selecionados. Interessa-nos aqui registrar os procedimentos metodológicos ou operativos dessa pesquisa. Segundo Lopes (2006), para esse mapeamento temático seguiu-se os seguintes passos:

a) Primeiramente foram listados todos os trabalhos informados nos currículos dos pesquisadores selecionados. Foram considerados também os trabalhos desenvolvidos pelos seus orientandos: da graduação (monografias de conclusão de curso e Iniciação Científica) dos pós-graduandos em nível de mestrado e doutorado;

b) O segundo passo: dessa análise dos conteúdos acima, foram extraídos e listados os fragmentos de títulos e enunciados dos projetos de pesquisa que continham, pelo menos, um dos seguintes termos: redes, redes sociais, redes digitais, redes virtuais, internet e “ciber”. Informa à pesquisadora que na área de comunicação foram considerados de maneira diferentes: utilizaram-se os termos associados à área como as práticas de mídia (rede de TV, ciber-jornalismo e rádio em rede).

c) O terceiro passo constituiu-se em realizar associações de sentido entre esses fragmentos textuais, visando identificar os focos temáticos recorrentes em cada um dos três grupos de áreas do conhecimento que foram eleitos para a pesquisa em pauta.

Qual foi o resultado dessa empreitada? Conforme Lopes (2006), foi possível perceber diferenças significativas entre as áreas de conhecimento. Na área de Ciências Humanas, por exemplo, ficou claro uma tendência multidisciplinar. “O foco predominante nessa área foi as relações interpessoais cotidianas baseadas em subjetividades e processos de construção de identidades” (Idem, *Ibidem*, p. 28).

Também, de acordo com Lopes (op. Cit., p. 22),

[...] nas relações familiares comunitárias e associativas por afinidades (inclusive as de ajuda mútua) e aquelas que visam dar apoio às pessoas que vivem em condições precárias ou em situações de risco (sobretudo crianças, jovens e idosos). Chama a atenção que alguns desses estudos são focados especificamente nas ‘redes de convivência’ e de suporte na área de saúde, em especial a saúde mental e a vigilância epidemiológica.

Ainda na área de humanas, área de nosso interesse neste estudo, no âmbito desse trabalho “verbo e latim”, destacam-se as articulações socioespaciais e geopolíticas consideradas fundamentais para reconhecimento das redes sociais em termos de conexões entre o local e o global. Esta linha de pesquisa, conforme identifica, tem não somente a atenção da Geografia, mas também de pesquisadores de outras áreas do conhecimento, como Planejamento Urbano e Regional e nas questões relacionadas ao desenvolvimento sustentável. Destaca-se ainda, nesses estudos, a importância das redes interpessoais para os fluxos populacionais de migrantes e deslocados por questões de conflitos armados e catástrofes ambientais. Já as redes sociotécnicas, segundo essa pesquisadora (2006), em geral são de ambientalistas e aparecem mais associadas à educação ambiental e ao ecoturismo, e muito menos aos conflitos ambientais.

Já nas Ciências Sociais, o foco prioritário dos pesquisadores tem sido as relações sociais organizadas para intervir na realidade. A ênfase tem sido ações coletivas não institucionalizadas voltadas para defesa da cidadania, as “redes de movimentos sociais” e as redes de organização do Terceiro Setor. Em Ciência Política, os pesquisadores observam e analisam as relações com Estado em “redes de atores”, “redes de poder”, “redes de clientelas” e que buscam intermediar interesses com relação às políticas públicas e os mecanismos de

governança. Conforme Lopes (2006, p. 22), em menor grau, “alguns sociólogos, antropólogos e cientistas políticos também se interessam pelas redes organizacionais e interorganizacionais que se formem no âmbito das relações econômicas, inclusive as do mundo do trabalho”. Assim, destaca Lopes (Idem, Ibidem), quando,

[...] olham para as relações de informação, comunicações e conhecimentos os pesquisadores das Ciências Humanas dão mais atenção às ‘redes sociotécnicas’ do que os da Ciência da Informação como seria de se esperar.

Conclui-se, pelo lado das Ciências Humanas, que, “as relações socioculturais e socioeducativas em rede não tem despertado, assim, o interesse de antropólogos e educadores como se podem imaginar” (Idem, Ibidem).

Como as outras áreas, por exemplo, as Ciências Sociais Aplicadas, o destaque maior ficou para a área de Administração mais que a Econômica, e como não era de se esperar, avança na Ciência da Informação. Assim, o já mencionado peso dos pesquisadores da Administração nas pesquisas sobre redes financeiras como foco principal, as relações intra e interorganizacionais, com as seguintes particularidades: predomínio das teorias das organizações e não teorias próprias de redes sociais, destaque nas interações informais, nas redes de cooperação empresariais, nas redes de organizações do terceiro setor e na formação de conglomerados (*clusters*) de empresas “– sobretudo as empresas pequenas e médias – em arranjos produtivos locais (APL’s)” (Idem, Ibidem).

Mas, nesse bloco de Ciências Sociais Aplicadas, em Administração e Economia há um bloco de pesquisas sobre redes enfatizando as relações de informação e comunicação influenciadas pelo peso das análises sistêmicas, como são as redes eletrônicas, comumente chamadas. Observa-se, ainda, enfatiza uma corrente na área de Economia Política, chamando atenção e fazendo análises para os recentes avanços em termos de uma economia de redes, na esteira, de uma já existente economia da informação, do conhecimento e da cultura.

Ainda no campo das Ciências Sociais Aplicadas, a novidade na área de Comunicação e Ciência da Informação ficou por conta da internet, ciberespaços e a “cibercultura”, como os grandes focos de interesses dos outros pesquisadores. Neste contexto, segundo Lopes,

[...] as redes sociais tornam-se indissociáveis das redes digitais ou redes virtuais, e nomeiam as novas relações interpessoais estabelecidas em ambientes de comunidades virtuais como o Orkut, os weblogs e os fotologs. As pesquisas discutem os atuais padrões de interações, sociabilidades, colaborações, vínculos e compromissos estabelecidos no ‘ciberespaço’, e os desafios e possibilidades de constituição de uma cibercidadania. (LOPES, op. Cit. p.23)

A rede das redes (internet) vai aparecer também nessa investigação, naquelas pesquisas como instrumento de governança, ainda que o acesso à informação governamental, as possibilidades de liberdade e cooperação, ainda estejam sob investigação. Também, em estudos sobre tendências de regulação e entrada de conteúdos e meios de acesso.

Como desdobramentos dessas abordagens, Lopes (2006) sublinha que, proliferam estudos sobre o papel da informação e da comunicação e das TIC nas redes de movimentos sociais, com a emergência de novas modalidades de ativismo político de expressão global e identificado por diferentes termos, a saber, “cibermilitância”, “webativismo”, “ativismo em rede” e, de forma mais radical, “ciberterrorismo”.

Finalizando essa seção: o “estado da arte” da pesquisa acadêmica sobre redes sociais, faz-se oportuno destacar que, no período da pesquisa (1996-2006) em todas as áreas do conhecimento, há pouca atenção às relações socioculturais e socioeducativas e que interessam às organizações da sociedade civil comprometidas com a emancipação, com o empoderamento das populações e grupos sociais mais pobres e mais vulneráveis do país. Essa ausência desses temas englobam questões, como cenário de exclusão social ampla e sua relação com a exclusão digital, cibereducação, leitura e escrita na internet, cultura das redes, identidade e redes sociais e outros temas ligados à educação, cultura, cidadania e etc. (Idem, *Ibidem*, p. 24).

Referenciais Teóricas e Tendências Metodológicas

Apesar do crescente interesse pela pesquisa de redes sociais no país e um aumento significativo da produção acadêmica sobre o tema, como se viu anteriormente, se constata ainda poucos pesquisadores e, conforme demonstra o relatório de pesquisa em foco, poucos interessados em estudos empíricos com base nas teorias e técnicas de análises de redes sociais. Isso fica claro na análise feita sobre a bibliografia. Os projetos de pesquisa contidos nos currículos Lattes. Seguindo a autora, esse tipo de estudo ajuda a se ter um conhecimento melhor da variedade de práticas sociais em rede espalhados no país e, ainda, serviriam com subsídio para fomentar outras redes de movimentos e organizações sociais vitais para a construção de uma sociedade menos desigual e mais democrática.

No presente estudo, a novidade em termos de densidade e qualidade das pesquisas realizadas no campo das redes sociais ficou por conta das Ciências Sociais, como confirma a

própria relatora nessa pesquisa pioneira sobre “estado da arte” da pesquisa sobre redes sociais no contexto do Brasil:

[...] Coerente com as origens do campo na Antropologia, na Sociologia e na Psicologia Social, as pesquisas nas Ciências Humanas foram as que demonstraram maior densidade nas reflexões e familiaridade com teorias e técnicas de análise de redes, situação diametralmente oposta à da Comunicação e à da Ciência da Informação, onde as abordagens das redes caminham por outros referenciais mais técnicos e/ou filosóficos. Contudo, há nestas alguma referência à mapeamento de redes sociais base de análise da estrutura das interconexões, o que não foi observado na produção e propostas de pesquisa dos doutores da Administração e da Economia. (Idem, *Ibidem*, p.24)

O relatório ainda constata que grande parte das pesquisas e em todas as disciplinas, há uma ênfase mais estrutural do que relacional, o que seria fundamental para a compreensão dos fatores que afetariam a dinâmica da rede. No entanto, segundo Lopes (2006), há várias, não muitas, então, referências aos processos de criação, construção, formação e reconstituição e prática de redes sociais ao “compartilhamento de significados”, “relacionamentos horizontais” e “gestão descentralizada”, a “múltiplas articulações” de interdependência, intersetorialidade e todas são relações dinâmicas, que não podem ser observadas e analisadas apenas pela cartografia dos nós.

Do ponto de vista teórico, o relatório, pela palavra de Lopes, indica as seguintes referências teóricas para essas pesquisas:

[...] discute-se e se apresenta o papel da etnografia, a teoria do ator-rede de Bruno Latour, de John Law e outros.

A teoria do capital social e outras contribuições da Antropologia, da Sociologia, Economia e da ‘micro-história’ [...]. (Idem, *Ibidem*, p.24)

E o que fica de fora em termos de referencial teórico, mas que são imprescindíveis para determinados focos e objetos?

[...] deixam de fora algumas reflexões importantes sobre o pensamento relacional, a perspectiva da complexidade, o referencial de escolas (das redes comunitárias às globais), as teorias da proximidade e do contágio (fundamentais para a análise das redes sociais virtuais) e a teoria da redução de incertezas e contingência entre outras (Idem, *Ibidem*, p. 25).

Em contrapartida a tais limites e lacunas, o relatório apresenta certas tendências, por exemplo, o crescente interesse pelo “ambiente tecnológico” em que novos padrões de interações vêm sendo pesquisados tendo como resultado uma significativa produção bibliográfica, destacando-se duas correntes: (1) uma relacionada ao uso das TIC sem relações sociais e ações coletivas e (2) outra relacionada a uma abordagem de crítica da Economia Política sobre as redes digitais e suas interseções como a informação, a comunicação, o conhecimento e a cultura.

Da Teoria às Práticas

Este item se inicia destacando o ano de 1996 como marco inicial da pesquisa e quando o acesso comercial à internet tinha apenas dois anos de vida. Nessa época, a novidade também fica por conta do fato de que, algumas culturas de profissionais e ativistas de ONG's e movimentos sociais já usavam a comunicação eletrônica para articular ações, através da Rede Alternex¹¹.

A partir dessa experiência e daquele ano, Lopes (2006) constata que as redes não só se multiplicaram, mas ampliaram os seus leques temáticos e a sua escala de intervenção: dos conselhos municipais aos fóruns internacionais. Tal amplitude tem exigido cada vez mais a profissionalização de seus membros e também das articulações. Nesse sentido, enfrentam interlocuções altamente especializadas e o uso intensivo de tecnologias digitais (TIC), incluindo ferramentas de trabalho colaborativo. Apesar dessa novidade que parte da organização da sociedade civil e que ao mesmo tempo fomenta o seu empoderamento, a autora constata que, “ainda são poucos os que enxergam em toda essa movimentação interessantes objetos de estudo” (Idem, *Ibidem*, p. 27).

As teias invisíveis para pesquisa

Neste item do relatório, Lopes (op. Cit.) – mesmo reconhecendo as limitações de sua pesquisa (e de sua instituição) pelo fato de se restringir aos doutores com currículos atualizados na Plataforma Lattes do CNPq – considera que o estudo do estado da arte das

¹¹ Esta rede foi criada pela ONG IBASE em 1989, como um serviço de informação por computadores à distância. Torna-se nó da rede mundial APC (Association for Progressive Communications - w.w.w. ape-org) no ano seguinte.

pesquisas sobre redes sociais no Brasil apresentado no relatório em pauta, contém sérios indicadores da distância entre esses estudos e as conexões articuladas por movimentos e organizações da sociedade brasileira, em escala local, regional, nacional e internacional.

A partir dessa constatação, a autora procura montar um quadro complexo e dinâmico de ONG's, movimentos sociais, redes e entidades de assessorias as quais formam um conjunto de uma forma ou de outra, articulado por temas, grupos de interesses, fóruns, coalizões, frentes de lutas sociais, etc., em vários níveis e escalas territoriais. Como não existia à época do relatório um repositório de atividades das articulações equivalentes ao Lattes, a citada autora tomou como parâmetro a construção de uma listagem, assumida como algo com algumas inconsistências de ONG's, movimentos sociais, montada a partir de dados disponíveis nos arquivos e sites da Rede de Informação e Formação para o Terceiro Setor (RITS) e da ABONG (Associação Brasileira de ONG's), complementadas com buscas no Google com a combinação ONG's+redes.

Como resultados, ao todo foram encontrados 76 articulações autodeterminadas de diferentes maneiras – 42 redes, 20 coalizões e 19 fóruns – todos com ponto de presença na internet. Apresentavam-se com diferentes temas e problemáticas, objetivos estratégicos, táticas de agenciamento, capacidade de produzir e disseminar conteúdos com certa relevância. A autora descobre e chama a atenção para o fato de que, esses números ganham proporções surpreendentes com o potencial que essas organizações apresentam em termos de efeito multiplicador de resultados. E dá exemplo de algumas delas – de início apresenta o caso da Articulação do Semiárido Brasileiro – a ASA que se compôs de redes com escalas estaduais, daqueles estados com parte expressiva de território inserida no bioma semiárido brasileiro. Esta rede compõe-se à época de 750 organizações de diversos fins, como ONGs desenvolvimentistas e ambientalistas, associações de trabalhadores rurais e urbanos, sindicatos e federações de trabalhadores rurais, associações comunitárias, entidade de cooperação internacional pública e privada, além de organismos sociais ligados às igrejas, tanto católicas, como evangélicas (Idem, *Ibidem*, p. 27).

É interessante neste nível de exemplos dessas teias de redes sociais invisíveis à pesquisa que, a autora apresenta outras e que se organizam com formatos sugeridos, em termos de estrutura, mas também de objetivos, em outras regiões brasileiras e identificadas com o objetivo abrangente de desenvolvimento social, econômico, político e cultural de territórios que contém um bioma, além do semiárido, como é o caso da Amazônia, cerrado, pantanal. Assim, na lista de exemplos da autora, vem o GTA (Grupo de Trabalho Amazônico), estruturado em nove estados da Amazônia Legal e dividido em 18 centros

regionais. Esta rede reúne ao todo 602 entidades filiadas, entre ONG's, movimentos sociais que representam seringueiros, castanheiros, quebradeiras de coco babaçu, pescadores artesanais, ribeirinhas, quilombolas, mulheres, jovens, rádios comunitárias, organizações de assessoria e assistência técnica, de direitos humanos e de meio ambiente, etc. (Idem, Ibidem).

Nos mesmos moldes, apresenta a Rede Cerrado com mais de 300 entidades; a Rede Ecovida, que surgiu no Paraná e se expandiu por toda região sul do Brasil. Conta esta com 21 redes regionais, abrangendo 170 municípios e mobilizando cerca de 200 grupos de agricultores; ONG's, cooperativas, inclusive de consumidores e que organizavam à época mais de 100 feiras livres de produtos ecológicos e outras formas de comercialização da produção.

As redes ambientalistas são apresentadas pela autora como um modelo. E estas tiveram um papel fundamental em termos de ativismo e articulação para ocupar um espaço com expressiva visibilidade pública nacional e internacional durante o megaevento que foi a Rio-92. Ocuparam a esfera pública e lançaram mão da mídia e da capacidade de articulação em rede para ampliar a vocalização em torno de denúncias, propostas e apresentações de alternativas de políticos ambientalistas para o século 21. Conforme a autora (2006), afinal, o espaço que essa rede de movimentos sociais ocupou na mídia em função da Conferência trouxe à tona a complexidade em que essas entidades estavam envolvidas. Ficou publicamente evidente que a Conferência não era somente um encontro internacional de ecologistas, como fica visível no Fórum Global, montado a cerca de 30 km do plenário oficial. “E essa distância não era somente física, além das diferenças de enfoques sobre os problemas de desenvolvimento, as ONGs exibiam toda a sua habilidade em lidar com informação e comunicação para difundir suas ideias e suas práticas” (LOPES, 2006).

Assim, antes de dar exemplos das redes ambientalistas, como a Rede de ONGs da Mata Atlântica, faz sentido apresentar a rede que articulou grupos de mulheres, associações, movimentos e ONGs em defesa da mulher e que teve um papel importantíssimo no processo de preparação da Conferência da ONU sobre mulheres, em Beijing/Pequim, entre outras. A autora rende um reconhecimento à capacidade de intervenção protagonista das entidades e redes ambientalistas e o seu avanço no campo das mídias sociais digitais. Assinala ainda que,

[...] As ONGs ambientalistas foram pioneiras na utilização da rede eletrônica para articulação das suas redes sociais, na troca de mensagens e conferências temáticas e prosseguiram à frente na apropriação da interface web para ampliar seus tentáculos. Um indicador da eficácia dessa estratégia comunicativa e que na busca do Google com a combinação ONGs + redes; três das cinco primeiras páginas recuperadas são de entidades ambientalistas. (Idem, Ibidem, p.28)

Do ponto de vista conceitual e das práticas no âmbito das redes sociais, esta pesquisa pioneira, realizada por iniciativa e no âmbito da sociedade civil organizada (e que alguns podem chamar de Terceiro Setor), trás não somente à tona a complexidade da ação movimentalista das redes sociais, bem como a sua riqueza vislumbrando um amplo campo de pesquisa pouco visibilizado pela academia, mas também, avanços conceituais, teóricos e temáticos visíveis e palpáveis. Inclusive, exemplificados e usando o aparato oficial de fomento à pesquisa – CNPq e Plataforma Lattes. A contribuição, além disso, no campo da metodologia, não é somente pioneira, mas substancial.

2.2.2. REPERCUSSÕES DAS REDES SOCIAIS NA SUBJETIVIDADE DOS USUÁRIOS

Outros autores que realizam um trabalho bastante sugestivo e seguem essa linha de pesquisa que estamos trabalhando é Rosa e Santos (2005, p.04). Esses autores realizam um trabalho com o “objetivo de mapear e revisar a literatura especializada sobre as repercussões das redes sociais na subjetividade de seus usuários de modo que possam averiguar se essa literatura tem o potencial de elucidar os possíveis efeitos no processo denominado de negociação de identidades na subjetividade dos indivíduos contemporâneos”.

Na constituição do problema de sua investigação, os autores constataam a notória influência das redes sociais da internet, como eles chamam, no cotidiano de bilhões de pessoas, de empresas e de instituições de diferentes partes do mundo. O fenômeno dessas redes sociais digitais ou softwares sociais somados às demais modalidades de comunidades on-line, constituem-se numa nova modalidade de fazer sociedade, como afirmam Lemos e Lévy (2000). Talvez nem tanto, mas, os autores supracitados, sugerem que o crescente interesse por essas redes tem despertado de forma crescente o interesse pela pesquisa acadêmica. Nesse sentido, constataam que, nas últimas décadas a chamada Ciência das Redes, ou *Science of Networks* (WATTS, 2004; 2007, apud ROSA & SANTOS, 2015) desenvolveu-se e tornou-se um significativo campo de estudos; o qual congrega várias áreas do conhecimento.

Rosa e Santos (2015), *en passant*, constataam que, a discriminação dessas pesquisas se iniciou com trabalhos que objetivavam registrar a história e o levantamento de modalidade de funcionamento dessas redes, como afirmam Boyd & Ellison (2007). E que culminou em pesquisas sobre o *ethos* comunicacional (CARREIRA, 2012), sobre a construção de identidades nas redes (c.f. ZHAO, GRASNUCK & MARTIN, 2008), sobre a conformação de

grupos sobre a proliferação de movimentos sociais mediante a utilização das redes (c.f. BERNARDINI & GOBBI, 2013; MACHADO, 2007). Ainda, trabalhos, segundo Rosa e Santos (2015), sobre possíveis benefícios e danos que essas redes e os demais recursos disponíveis na internet podem causar aos usuários (c.f. FORTIN & ARAÚJO, 2013; KROSS, VERDERYN, DEMIRALP, PARK & LEE, 2013). Assim, para Rosa e Santos (2015), esse ganho de institucionalidade acadêmica por parte desse tema das redes sociais avançou em concomitância com o crescente interesse popular e em todas as partes do mundo – por esse tipo novo de comunicação. Assim, autores como Lewis, Kaufman, Gonzalez, Wimmer e Christahis (2008), constatam que esse fenômeno alcançou o ápice com o surgimento de publicações e de conferências especializadas em redes sociais, tais como o periódico *Social Networks* e a *The Internacional Subelt Social Network Conference*. Conclui os citados autores (2008) que, esses eventos trouxeram e ampliaram novos questionamentos com relação ao que as redes sociais podem na produção subjetiva em uma sociedade globalizada como a nossa e conectada mediante a internet (CHOR & EDG, 2012; RALENAS, 2009, apud ROSA e SANTOS, 2015, p. 05). Constatada a relevância acadêmica que o tema ganhou, Rosa e Santos (2015) avançam para a constatação de uma nova cultura. Assim, na

[...] Atualidade, o uso de novas tecnologias digitais que, assim como as redes sociais, possuem a internet como epicentro, gerou uma forma específica de cultura que vem sendo denominada de cibercultura. Em termos gerais, esse vocábulo pode ser definido como um conjunto de processos tecnológicos, midiáticos e sociais emergentes a partir de 1970, com a convergência da informática e da sociabilidade contracultural (CASTELLS, 1999, apud ROSA e SANTOS, 2015, p. 05).

Definido e datado o termo “cibercultura”, os autores (2010) firmam que, é importante, no contexto já dessa novíssima cultura, o surgimento de sites de redes sociais que datam do final da década de 1990. Exemplificam os autores que o Orkut é conhecido como o site pioneiro dessas redes, como atestam Lemos e Lévy (2010). Nesse site, segundo eles, os usuários tiveram pela primeira vez a possibilidade de criar um perfil que reunia registros de publicações e de contatos e viabilizava a navegação pelas redes sociais. Estas se constituíam por meio de estabilizadores cadastrados nesse endereço eletrônico; características essas proclamadas por Boy e Elhson (2007) como definidoras de rede social na internet (ROSA e SANTOS, 2015, p. 05).

Agora, o que nos é muito importante, conforme Rosa e Santos (op. Cit.), no âmbito da pesquisa e a respeito do *habitus* interacional dos usuários dessas redes, é que houve um certo consenso entre os investigadores da temática ao selecionar o que será exposto ou

omitido sobre si mesmos. Os usuários realizavam um processo que tem sido denominado estetização do *self*, como é o caso adotado por Carrera (2012), Pinheiro (2008) e Zhao et al (2008). Nesse sentido, outros pesquisadores tem adotado o termo “negociação de identidades, como é o caso de Rosa e Santos” (2013). Como se caracteriza tal processo de “estetização” ou de “negociação de identidades?” Segundo Rosa e Santos (2015, p. 06),

[...] Esse processo tende a ocorrer de acordo com as circunstâncias com as pessoas envolvidas e com os interesses contrapostos nessas interações. O resultado desse processo se expressa por meio de perfis customizados e de postagens que tendem a priorizar aspectos considerados positivos no que diz respeito aos participantes.

Sem deixar de considerar os profícuos avanços desse campo de pesquisa, os citados autores admitem que ele apresenta lacunas, além de questões de ordem metodológica quanto aos desafios a serem elucidados com relação à “quais são os impactos, efeitos e repercussões que essas redes possam vir a ocasionar na produção de sentido ou, mais especificamente na subjetividade de seus usuários” (op. Cit.).

Dessa forma, constata-se que, segundo Rosa & Santos que há carência de investigação dessa temática nesses aspectos acima e, quando tais aspectos são abordados nas pesquisas são feitos de forma esporádica ou tangencial e não na forma de objeto específico do estudo.

Colocada essa definição do problema, que desafia esses nossos investigadores das redes sociais digitais, eles elaboraram os seguintes objetivos: analisar se a literatura acadêmica, ou melhor, especializada, pode responder os seguintes questionamentos: quais são as repercussões do fenômeno das redes sociais, na produção subjetiva dos usuários? Em que medida a literatura especializada nessa temática pode elucidar esse questionamento, uma vez que se pressupõe que os usuários desenvolvem um processo de negociação de identidades ao utilizarem essas redes? Esses possíveis impactos, efeitos ou repercussões na subjetividade dos usuários são, portanto, o objeto de estudo de Rosa e Santos (2015) em seu artigo, ora aqui analisado por nós. Independente de estarmos tratando de um artigo e de uma produção teórica no campo da Psicologia, esta linha de pesquisa converge com as nossas preocupações teóricas e metodológicas, pelo fato de tanto eles como nós estarmos tratando da subjetividade de atores sociais usuários da internet. Ou seja, como abordar, principalmente do ponto de vista dos procedimentos de acesso a essa subjetividade, para levantarmos as informações que precisamos e tratá-las de forma adequada?

Depois da problemática e dos objetivos e hipóteses tratados no presente artigo, seus autores traçam um movimento muito importante do planejamento (e depois execução) da pesquisa que é a metodologia utilizada (suas fontes e seus métodos). Primeiramente, os autores delimitam o campo da investigação em termos temporário e temáticos:

[...] Neste estudo o exame da literatura especializada centrou-se na temática das repercussões do fenômeno redes sociais na subjetividade contemporânea, particularmente, nos estudos e nas pesquisas publicadas nos últimos oito anos (de janeiro de 2007 a junho de 2015).

Com base nessa delimitação, os autores fazem algumas ressalvas. A primeira delas está ao considerar que o tema está atrelado ao campo de pesquisa da “cibercultura”, as pesquisas sobre redes podem estar atreladas a estudos relacionados a outros ambientes e dispositivos da internet, por vezes pulverizados em diferentes áreas do conhecimento e/ou se configurando como algo secundário, ou superficial nas pesquisas. Por isso, justificam a própria periodização adotada de oito anos, produzindo investigações que comparam as redes sociais com os demais dispositivos da internet com o intuito de compreender melhor o atual status da produção científica existente sobre a temática (Idem, Ibidem).

Delimitada dessa forma a pesquisa, os autores traçam as bases (fontes e métodos) de realizá-la sob a metodologia de estudo do estado da arte. Informam que, as bases dos dados bibliográficos acessados foram a *Scientific Electronic Library* (SciELO/Pepsico); o banco de teses e dissertações do Instituto Brasileiro de Ciência e Tecnologia (IBICT), Portal de Periódicos CAPES e o Google Acadêmico. Informam em seguida que se utilizou a metodologia de estado da arte, a qual corresponde a “uma avaliação acadêmica e científica de um tema com base na determinação de categorias que identifiquem como um fenômeno vem sendo estudado e analisado” (Idem, Ibidem). Assim, de acordo com Ferreira (2002), os autores compreendem que, a pesquisa bibliográfica objetiva ressaltar a produção de determinada área do conhecimento destacando as suas tendências teóricas e metodológicas. Dessa forma, segundo eles, essa metodologia,

[...] pode ser conceituada também com base na proposta de mapear e de discutir a produção acadêmica sobre uma determinada temática para identificar aspectos e dimensões que têm sido destacados e privilegiados e de efetuar uma análise crítica a respeito. (Idem, Ibidem)

Definidos os métodos de pesquisa, os autores definiram também as palavras-chave em três idiomas (português, inglês e espanhol) e que foram pesquisadas nos resumos, nas próprias

palavras-chave dos artigos científicos e outros textos, e em alguns casos ao longo dos textos, conforme os citados autores. São elas: redes sociais, subjetividade, repercussões, efeitos, impactos e consequências. Os pesquisadores citados ainda determinaram como critério de inclusão o uso da palavra ou noção de repercussão, com o objetivo de descrever de forma mais abrangente o que tem sido abordado na literatura como efeito, como impacto ou como consequência das redes sociais na produção de sentidos, ou na produção de objetivos de seus usuários. Os autores confessam quanto a tais critérios, que não desconhecem as divergências conceituais e explicam que escolheram realizar essa aproximação no intuito de clareza, pois eles têm sido utilizados indistintamente na literatura para representar o que neste artigo “compreendem-se como repercussões: as possíveis consequências os possíveis resultados ou as implicações do advento das redes sociais na subjetividade de seus usuários” (Idem, Ibidem). Enfim, o que se teve e se tem em vista é um equiparamento dessa definição durante o levantamento bibliográfico, visando um mapeamento abrangente dos resultados no campo da “cibercultura” no que diz respeito às redes sociais (Idem, Ibidem).

Os autores também consideraram para efeito de clareza conceitual e de procedimento, que eles por definição abordem os termos subjetividade, ou seja, as repercussões das redes sociais na subjetividade dos usuários. A identificação dos artigos, dissertações e teses teriam que levar em consideração que este tema é abordado de forma paralela como outras categorias, como é o caso de identidade, que prevalece em outras áreas do conhecimento, como Comunicação Social, Antropologia, Sociologia, Psicologia e Educação. Entretanto, conforme Rosa e Santos (2015), para categorizar tendências teóricas e metodológicas, eles utilizaram o conceito de indicador definido por Gonzalez (1999) para referenciar o componente ou o conjunto de elementos manifestos ou latentes que lançados mão pelos pesquisadores e pela via da interpretação, possibilitam a criação de categorias e a interpretação de processos complexos, até porque envolvem a subjetividade humana. Assim, com base nos indicadores, eles foram selecionados e incluídos ao longo do corpo do texto, levando-se ainda em consideração e relevância dos resultados.

Além do que, se constituiu e se adotou como incluído no corpo do texto sobre metodologia, os autores ainda esclarecem o que entendem por subjetividade. Segundo eles,

[...] refere-se a maneira como as pessoas se sentem e pensam com base no que elas vivenciam nas redes, o que abrange os sentidos e os significados atribuídos a essas experiências. Essa noção é oriunda da definição de subjetividade como produto e como produtora de sentido, tal como propõe Gonzalez-Rey (2011), a qual se conforma na organização singular do sujeito concreto e nos diferentes ambientes. (Idem, Ibidem, p.10)

Executada a pesquisa e descrita nos diálogos com outros autores, destacando divergências, convergências e consensos, além de acordos e suspensões provisórias até que outras pesquisas e pesquisadores retomem os debates próprios de pesquisa acadêmica e científica, os autores apresentam os seus “achados” e as comprovações e pertinências de suas hipóteses e questões. Segundo eles, os resultados do estudo apresentaram-se promissores e apontaram caminhos para o desenvolvimento de novas pesquisas. E como era de se esperar nesse tipo de pesquisa que fizeram e como eles mesmos constataram, as perguntas norteadoras do artigo permanecem em aberto. Constatam que, a predominância de estudos e pesquisas que ressaltam resultados negativos e até positivos (vejam e até) da utilização das redes sociais digitais “tende” a enclausurar o advento de novas possibilidades interpretativas, limitando o alcance das pesquisas e a compreensão desse fenômeno vivenciado pelos usuários, o que resulta em um ponto cego no que se refere à repercussão das redes sociais na produção subjetiva contemporânea (Idem, *Ibidem*).

Em função de tais constatações acima, os autores sugerem ampliar ainda mais as investigações e explorar cada vez mais as repercussões dos fenômenos das redes sociais para que se possam compreender melhor os sentidos que emergem das interações entre os usuários conectados na internet em escala global. Mas, os autores apresentam alguns achados, notam “algumas incidências” no que se refere ao comportamento, aos sentimentos e aos sentidos que são atribuídos pelos usuários às atividades realizadas nessas redes. Mas, também apresentam outras descobertas e que podem ser indicadores de outras pesquisas: lacunas apresentadas ao longo de suas interpretações no corpo do artigo e que eles mesmos apontam como algo a ser preenchido para que se avance no que calculam no “próspero caminho virtual” (Idem, *Ibidem*, p.11). Em seguida, apresentam os desafios para continuarem trilhando nesse próspero caminho virtual, a saber:

a) Primeiro desafio: tendo em vista que essas indicações contribuam para uma atuação ampla, pois abrange diferentes âmbitos, inclusive científicos como o clínico, o social e o educacional. O desafio que aparece em primeiro lugar é analisar cada vez mais como se dá essa relação entre eu e o outro, entre o que são alteridade e identidade nas vivências das redes virtuais.

b) O segundo desafio refere-se à necessidade de uma compreensão mais abrangente dessa intersubjetividade: ela é percebida pelo usuário de diferentes faixas etárias, gêneros, etnias, nacionalidades, níveis sociais e econômicas. Mais estudos comparativos das percepções dessas categorias de usuários podem entre outras

vantagens, fornecer subsídios para se repensar o que eles chamam de produção subjetiva em um mundo no qual as redes perpassam grande parte das atividades das pessoas que coabitam um conglomerado urbano, rural ou pessoas e grupos sociais mais isolados. Também os autores apontam como significativos estudos comparativos entre gerações de usuários: os que nasceram em tempos de redes sociais e aqueles que pertencem a épocas passadas. Outra questão é pensar em pesquisas que levem em consideração o elevado nível de informações e utilização dos recursos e dos dispositivos para se expressar e interagir nas redes sociais, o que pode repercutir não somente na subjetividade dos usuários, mas também no desenvolvimento de processos cognitivos dos atores.

Os autores terminam as suas pistas para ampliar o escopo dos estudos e pesquisas sobre o tema, apontando outras possibilidades que é considerar como critério de estudo a exacerbada utilização de celulares, de microcomputadores e de tablets, os quais comportam os aplicativos.

Estudo bem fundamentado teórico e metodologicamente, no entanto, a forma de abordar a subjetividade humana, as experiências e vivências dos usuários das redes sociais, talvez mais que forma, a intencionalidade e o uso de categorias em um nível elevado de abstração com relação à realidade, que não é outra que não a vida cotidiana dos usuários das redes virtuais, para ser um ponto fundamental a ser levado em consideração; ao trabalho de pesquisador solitário e produtor de um trabalho relevante para o establishment acadêmico, pontos que ele se esforça para atingir pessoas, como os usuários das redes sociais exercendo o pensar científico de área de conhecimento, também como ato de diálogo e manifestação de sua capacidade criativa de pesquisas, e igualmente aquelas questões ou situações que aparecem como óbvias, indiscutíveis, banais, ocasionais, como a própria noção de diálogo.

2.2.3. USOS E APROPRIAÇÕES DAS REDES SOCIAIS ON-LINE POR JOVENS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO E FUNDAMENTAL

O trabalho de Rosado e Tomé (2015) foi um dos trabalhos, entre outros, mais sugestivo encontrado nesse levantamento bibliográfico que realizamos. Os autores (2015, p. 11) partem do seguinte cenário:

[...] O fenômeno das redes sociais on-line é marcante na fase atual da internet 2.0 tendo crescido exponencialmente e a partir de 2005, com a adesão majoritária dos jovens que as acessam por computadores fixos e móveis, em plataformas dos mais variados tipos.

Em seguida, os autores apresentam os objetivos do trabalho. Eles dizem que diante do cenário acima e com base em duas pesquisas, eles pretendem discutir os usos e as apropriações das redes sociais on-line por jovens alunos do Ensino Fundamental e Médio e destacar os pontos mais pertinentes da fase atual da internet nos contextos pessoal, familiar e escolar. Ainda, conforme os autores, o motivo para a realização do artigo foi a convergência de interesses e métodos de pesquisa. De um lado a pesquisa realizada por Rosado representando o grupo de Pesquisa Jovens em Rede do Departamento de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), que propôs ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), uma pesquisa com três anos de duração (2011 – 2014) denominada Mídias Sociais e Relacionamento Pais e Filhos. Parte dela, conforme o autor, foi realizada com jovens alunos do Ensino Fundamental e Médio e teve como finalidade mapear seus perfis de uso de redes sociais e a relação do perfil com a família.

Já do outro lado, o pesquisador Vitor Tomé, com o apoio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, instituição do Ministério da Educação e Ciência de Portugal, propôs para o seu período de pós-doutoramento na Universidade de Algarve, uma pesquisa sobre o uso de redes sociais na internet, tendo como sujeitos participantes jovens de escolas portuguesas. Essa outra pesquisa foi denominada “As Redes Sociais e a Nova Literatura da Mídia”.

Foram aplicados para a realização da pesquisa, modelos de questionários elaborados na Itália. Este questionário aplicado nas duas pesquisas se cruza com a base no Centro *di Ricerche Sull Educazione ai Média all’Informazione e ala Tecnologica* (CREMIT), localizado em Milão na Università Cattolica del Sacro Criere, que inspirou a elaboração de um questionário aplicado pelo Grupo de Pesquisa Jovens em Rede, em escolas do Rio de Janeiro e parte daquele aplicado por Vitor Tomé em escolas da região da Castelo Branco, na parte Centro-Oeste de Portugal.

No Brasil, participaram dessa pesquisa 404 alunos, na faixa etária entre 11-19 anos, estudantes em oito diferentes escolas do Rio de Janeiro, sendo divididos em dois grupos: no 6º ano do Ensino Fundamental 45,3% do total e no 2º ano do Ensino Médio 54,4% do total. A amostra, informam os autores, foi intencional, no sentido de que, as escolhas das escolas e das turmas foram realizadas pelos membros do grupo de pesquisa Jovens em Rede e envolveu

escolas públicas e privadas. Informam os autores que estas escolas eram laicas e confessionais, sendo 75% dos alunos pertencentes a escolas públicas. Por seu turno, estes estudantes responderam em impresso e composto por 31 perguntas, sendo 13 deles com escalas Likert e cinco com escalas de intensidade (quanto tempo, quantas vezes).

Como é sabido, a escala Likert é um tipo de escala de resposta psicométrica usada habitualmente em questionários. É a escala mais usada em pesquisa de opinião. Ao responderem a esses questionários, os alunos entrevistados especificam seu nível de concordância com uma afirmação¹². Na verdade, antes disso, informam que, no país, eles realizaram uma tradução do questionário construído pela instituição italiana parceira chamada CREMIT, conforme já referida acima, adaptando as questões também em função do contexto brasileiro, especialmente no que tange aos conteúdos como o aumento de opções familiares, visto que no cenário do Brasil esses arranjos são mais diversificados que no caso europeu. A aplicação dos questionários envolveu negociação com os gestores das escolas envolvidas para obter a sua autorização (ROSADO e TOMÉ, 2015, p. 12).

Já em Portugal, participaram da pesquisa 349 alunos de 11 escolas públicas de 2º e 3º ciclos, apresentando faixa etária de 10 a 18 anos. Estes, conforme os supracitados autores, responderam em suporte expresso um questionário de 32 perguntas, sendo uma delas com escala Likert e nove com escalas de intensidade. No caso português, a amostra, aleatória, foi composta por alunos previamente autorizados pelos encarregados de educação e cuja autorização é exigida pelo Ministério da Educação Português. O questionário no exemplo aqui foi produzido pelo próprio pesquisador e posteriormente validado de forma qualitativa por alunos e especialistas em Portugal, na França e na Itália, conforme os autores supracitados. A sua aplicação também sofreu autorização daquele Ministério da Educação.

Um dado importante sobre o escopo da pesquisa, conforme o artigo em pauta, foi com relação ao foco da pesquisa: “a relação dos jovens com a sua família mediada pelo novo contexto das mídias sociais”. Este foi o foco da pesquisa brasileira. Já o foco da pesquisa portuguesa foram os novos hábitos desenvolvidos pelos jovens com o uso destas mesmas mídias para comunicação, aprendizagem com os pares e sua forma de relacionamento com outras esferas sociais como a escola e a família. Como já se pode ver, o foco dos questionários do caso português, em nossa opinião, tem um tom mais conservador e se aproxima mais de nossas preocupações em nossa dissertação, que é, mediante outra metodologia, identificar e analisar os usos e o que pensam os próprios jovens sobre mídias sociais, tendo como foco a

¹² Ver <<https://pt.m.wikipedia.org/wiki>>. Acesso em: 26 jun. 2020.

elevação desses saberes de experiências feitas, como diz Paulo Freire, para além, do senso comum, e, só então, mediante os procedimentos dialógicos da reflexão crítica e, em decorrência disso, buscar a superação de certos impactos negativos sobre os jovens participantes da pesquisa.

Mas, voltemos ao texto dos referidos autores. Informam que o perfil de uso das redes sociais na internet para esses jovens brasileiros e portugueses é o tema central do presente trabalho. Os autores, para tanto, procuram convergência dos resultados de ambas as pesquisas e destacam os pontos mais pertinentes da atual fase da internet no contexto escolar. Dessa forma, procuraram avançar na compreensão mais global, digamos assim, sem deixar de levar em consideração que o fenômeno que analisaram está inserido num contexto da chamada Revolução das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC). Vejamos de forma resumida as informações e eventos que analisam para se situar no contexto das transformações chamadas de globalização e que são potencializadas pela revolução tecnológica em curso. Nesse aspecto, os autores avançam no sentido de contextualizar os fenômenos que analisam, superando certas visões empiristas e localistas. Resumindo:

a) No contexto da cultura digital (cibercultura) que vem se desenvolvendo desde os anos 1980 quando houve a ampliação do acesso aos computadores (PCI), as redes sociais ocupam segundo os autores, o centro das atenções.

b) Colaboram para esse crescimento a ambiguidade de acesso por meio de conexões sem fio (Wifi, 3G, 4G) e a maior portabilidade de suportes (tablets e celulares) que vai além do computador atrelado ao espaço geográfico físico. Dessa forma, citando Santaella (2010, p. 03) estaríamos na segunda fase da “cultura do computador ou das tecnologias de acesso”. Assim, conforme mencionam, o estágio da conexão contínua é constituído por uma rede móvel de forma e tecnologias nômades que operamos em espaços físicos não contínuos. Para os autores, o espaço urbano que inclui a escola enquanto espaço geográfico físico cada vez mais se utiliza com o virtual dia-a-dia das pessoas e nesses espaços comunidades se formam e compartilham seus problemas, seus pensamentos, suas vidas (ROSADO e TOMÉ, 2015, p. 13-19).

c) Exemplificam que o site líder naquele momento no seguimento redes sociais era o Facebook¹³ (2012), que atingiu em 2012 a marca de 01 milhão de pessoas inscritas, representando um sexto da população mundial. Isto, segundo informa os

¹³ No Brasil, em 2004, surgiu o site da rede social Orkut, que rapidamente teve adesão de milhões de brasileiros. No ano de 2011 houve uma virada do acesso para site Facebook, tendo o Orkut uma queda de participação de 45% para apenas 124 em 2012 (Goes 2012). O facebook é uma rede social cujo foco é a linha de publicações do indivíduo (timeline) em comparação ao aspecto

autores, evidencia a sua potencialidade de conectar enorme quantidade de pessoas e permitir a centralização do tráfego de dados em serviços de informação, criando uma rede paralela dentro de outra maior, que é a internet, competindo em volume de acesso com o maior mecanismo de busca que é o Google.

d) Conforme Rosado e Tomé (2015), no rastro das adaptações contínuas do volátil ramo da informática foram desenvolvidos aplicativos (Apps) para celulares, tablets e modelos de TV digital em inúmeros sistemas operacionais, como ICs, Android, Windows e Iphone, os quais permitem aos usuários a estarem sempre ligados ou conectados à rede social alimentando-a com comentários, fotografias, vídeos e compartilhamento de links.

e) Assim, vista desse modo amplo, as redes sociais para esses autores se integram em um conjunto de websites (gêneros), os quais permitem a participação coletiva com a edição e o compartilhamento de conteúdos diversos denominados genericamente de Web 2.0. Exemplos, conforme Rosado e Tomé (2015), são os repositórios em que os expectadores comentam e criam — digamos (blogs) —, editam textos coletivos (wikis), compartilham arquivos (μ Torrents) e vão assim moldando uma cultura paralela, porém participativa, nos veículos clássicos de massa, os *mass medias*.

f) Completam que, nas redes sociais online são os nós-sujeitos, por meio de seus perfis que define a tipologia de sua micro rede, tendo o poder que permite ou negam acesso a outro nó que solicita ligação. Dessa forma estaria caracterizada a rede social on-line com uma rede não totalmente descentralizada (BARAN, 2013 apud ROSADO e TOMÉ, 2015), e em formato “todos-todos”, na expressão de Lévy (1999), e em que cada nó poderia acessar livremente o outro, mas um conjunto de redes menores centralizadas (um-todos) e que se descentralizam por meio de ponte de conexão entre elas (emaranhado de microrredes). No caso do Facebook, conforme os supracitados autores, essas fontes são simbolizadas com expressões do tipo: “amigos de amigos”, “amigos em comum”, ou “grupos” sugeridos, levando os internautas a fazer novas ligações com outros perfis existentes. Tais vínculos, acrescentam, podem ser fortes ou fracos, com base no grau medido pela frequência (tempo) e volume (quantidade de informações trocadas entre dois elementos) (elementos-nós) da rede.

g) Outra característica da rede é a facilidade da criação de vínculos, bastando um clique, representando baixo custo de ligação, este aspecto a nosso ver facilitou à popularização das redes sociais. No entanto, para autores, muitos desses laços

tenderiam a ser fracos devido a essa própria facilidade, embora com redes que superam a capacidade de o sujeito manter comunicação forte com todos os laços que possui no banco de dados da website, os quais podem chegar a centenas e mesmo milhares de “amigos” (Idem, Ibidem). Ainda sobre os vínculos, o diagnóstico dos supracitados autores dá conta de que, “cada vínculo pode nascer e se desenvolver sem que os sujeitos jamais se encontrem pessoalmente (fisicamente), não sendo este um fator primordial para a constituição de um laço forte ou fraco” (Idem, Ibidem). Assim, existiriam laços já nascidos, ociosos, em redes altamente centralizadas e nas quais as trocas de mensagens praticamente não existiriam. Exemplo: “celebridades” que possuem milhões de perfis ligados ao seu, sem interagir com cada um deles. Nesse caso as mensagens emitidas são um-todo.

h) Em seguida, Rosado e Tomé (2015) definem que um perfil pode ser na rede social uma pessoa que é o nó e se entende em geral por essa noção. No entanto, existem aqui outros tipos de perfis, já que eles podem repercutir também objetos culturais (música, filmes), objetos de consumo (produtos) e podem representar ainda lugares (cidades, instituições, sociedades) e movimentos sociais, (partidos, grupos representativos e ideológicos). Ainda que estes ou outros nós não humanos sejam alimentados por interações mútuas em que os humanos reagem inteligentemente às mensagens trocadas, negociando significados mediante textos, fotografias e vídeos, não são identificados como perfis no sentido de nós-pessoa (Idem, Ibidem). Por fim, os autores reconhecem tal diagnóstico ou cenário, lembrando mais um elemento talvez essencial como característica dessa, digamos, infovia chamada internet e das redes sociais como parte dela; esse elemento é a ideia de espaço e tempo. Segundo os autores acima, as restrições de tempo (simultaneidade) e de espaço (proximidade) podem ser superadas nesses novíssimos espaços de sociabilização, que registram interações em tempo real e entre nós da rede geograficamente distantes.

Os jovens diante do uso de terminologias de conexões contínuas. Novas tecnologias, novos sujeitos? Essa é a pergunta que os supracitados autores fazem para destacar o seu problema em termos de métodos e técnicas de pesquisa. Aliás, uma indagação subjacente a dezenas de artigos, dissertações e teses que levantamos sobre este assunto. Essa configuração das relações nas redes digitais vem sendo debatida de forma ampla, porque se percebe que os jovens, os sujeitos, nascidos concomitantemente ou não nesse novo contexto, mudam de algum nível a sua forma de lidar com o outro nas relações sociais na vida cotidiana. Pode-se

acrescentar que, se essa relação com o outro poderá mudar de alguma forma, também mudam as relações sociais. Mesmo assim, eles concordam com Santaella (2010) quando explicita que, essas tecnologias estão estimulando (novas) subjetividades em contínua mutação. Ainda apoiam-se neste autor, considerando que o mesmo desenvolve ampla análise do que viria denominar de “leitor interativo” (ROSADO e TOMÉ, 2015), aquele que “navega nesses novos espaços através de superlinks e alterna entre dados de maneira instantânea e independente do deslocamento corporal até esses artefatos” (Idem, Ibidem, p. 20)

Diante de tal cenário, os supracitados autores constataam que, pais, educadores e instituições de ensino se perguntam: como entrar em espaços tão ricamente habitados pelos jovens alunos, que emergiram em poucos anos de maneira superacelerada, e tão facilmente acessíveis por meio de inúmeros artefatos/suportes digitais? Rosado e Tomé (2015, p. 29) constataam ainda que,

[...] O desnível experiencial, entre gerações se torna um obstáculo, novos códigos e formas de lidar com a informação são rapidamente constituídos pelos mais jovens em redes que muitos pais e professores desconhecem. É preciso então, conhecer o comportamento dos jovens nesses espaços de socialização.

Assim, nesse processo,

[...] Os jovens parecem ser os que mais se adaptam e podem mudar de maneira mais veloz em relação aos outros segmentos etários, intervindo em maior ou menor grau nos discursos e negociações presentes nessas comunidades formadas na internet. Atividades simultâneas (multifacetada), leitura rápida e randômica de assuntos diversificados, jogos de computadores e celulares permanentemente conectados à internet, caracterizam os jovens dessa geração na visão de Santaella (SANTAELLA 2010 apud ROSADO e TOMÉ, 2015, p. 19-20).

Armados do aparato de métodos e técnicas de pesquisa considerados avançados, principalmente no que tange aos métodos quanti-qualitativos na abordagem de objetos relacionados à subjetividade humana, superando, portanto, certas dicotomias. Rosado e Tomé (2015) apresentam neste trabalho a análise dos principais resultados convergentes das duas pesquisas em lugar distintos: o que os alunos portugueses e brasileiros têm a nos dizer sobre o uso de redes sociais on-line? Depois de uma análise mais prolongada e detalhada dos resultados, estes estão plenamente sintetizados na conclusão desses autores parceiros de pesquisa, o que atende plenamente essa nossa revisão de literatura de que pontos os jovens estudantes brasileiros e portugueses participantes das pesquisas se aproximam desse nosso

perfil geracional imposto por autores como Jenkins, Prensky e Santaella. Para eles, de fato, “esta geração se norteou nativa dos ambientes digitais pelo alto grau de participação nas redes sociais principalmente na comunicação com pares da mesma idade que pertence ao convívio comunitário e da escola”. Ao mesmo tempo, segundo Rosado e Tomé (2015, p. 20), os,

[...] imigrantes digitais, sejam institucionais (escola e família) ou sujeitos (professores e pais), se encontram relativamente longe desses jovens, que declararam uma baixa interação com estes nos espaços on-line. A escola e a biblioteca tradicionais não são espaços de acesso às redes sociais na internet, que são acessadas principalmente de suas casas (computador pessoal e ou da família, ou caso tenham, de seus dispositivos móveis).

As duas pesquisas, conforme os autores, identificaram novos hábitos dos jovens alunos nos países, tanto no que se refere ao uso de múltiplos dispositivos para acessar as redes sociais quanto de uma variedade de perfis que foram e são criados nas diversas redes que acessam. Também identificaram que o baixo custo do acesso a tais redes (filiação) comprovam o que já Shirky tinha constatado como fato primordial para o expressivo número de filiação dos jovens nas redes na Web 2.0. Isto foi constatado pelo grande número de “amigos” que os jovens declararam na pesquisa, mas que não conhecem pessoalmente, embora estejam se conectando com eles por meio dessas redes virtuais na internet.

Outro fator que a pesquisa revela é a existência de uma forte influência do fator idade para a definição do aprofundamento nos usos das redes sociais on-line pelos jovens (Idem, Ibidem, p.31). Assim, esse fator que se verificou na literatura de referência dos autores é confirmado na pesquisa empírica que realizaram: “à medida que vão amadurecendo, mais amigos são feitos (laços fortes), mais amizades fora do espaço de convivência presencial são tecidos diminuindo a comunicação com pais e professores” (Idem, Ibidem). Assim, segundo Rosado e Tomé (2015), os jovens vão amadurecendo e vão se tornando mais independentes, passando a acessar as redes via dispositivos de acesso pessoal, como celulares e computadores, entrando aos poucos numa lógica chamada de multiacesso e mobilidade, inclusive publicando conteúdos próprios com maior segurança. No entanto, conforme os autores do texto, apesar dessa forte participação nas redes, “os jovens tendem mais a reproduzir e compartilhar conteúdos de terceiros do que a produzir os seus próprios” (Idem, Ibidem, p.31). A produção e compartilhamento de áudios e vídeos também são prioritários, conforme os resultados da pesquisa. Continuam a postar mais mensagens na forma de textos e

fotografias, isto, provavelmente, tenha o poder de esclarecer porque houve uma migração de filiações do Facebook para o Instagram, rede mais recente no contexto do Brasil¹⁴.

Em seguida, os autores recomendam que as escolas ampliem suas políticas de uso das redes sociais, especialmente, dizem eles, “em relação ao incentivo para produção autoral dos alunos e produções fotográficas, de áudio e de vídeo e ao aprofundamento de conteúdos que podem ser pesquisados, postados e debatidos nas redes e comunidades criadas nesses espaços de socialização” (ROSADO e TOMÉ, 2015).

Realmente, as constatações da pesquisa foram preocupantes. Por fim, mais recomendações. A pesquisa demonstrou que,

[...] notícias e atualidades são compartilhadas e pautam os interesses dos jovens nas redes sociais, de modo que cabe a escola utilizar mais esses recursos em suas atividades, aproximando-se do cotidiano dos jovens, sem que para isso perca suas funções primordiais como instituição. Sabemos que os fenômenos como as redes sociais surgem e se alastram rapidamente e grande parte desses jovens ingressos nelas em curto período de três anos, sendo necessários que as escolas, pais e professores conheçam o que seus filhos fazem nas redes, mas, sobretudo se familiarizem, utilizando-as em seu cotidiano, pois, nesses novos espaços, é que a subjetividade e a sociabilidade de seus alunos/filhos estão sendo construídas, cada vez mais cedo (Idem, Ibidem, p. 20-21).

No que concerne à pesquisa de Lopes (2006) - RITS, do ponto de vista conceitual e das práticas no âmbito das redes sociais, esta pesquisa é pioneira, realizada por iniciativa e no âmbito da sociedade civil organizada. Ela trás não somente à tona a complexidade da ação movimentalista das redes sociais, bem como a sua riqueza vislumbrando um amplo campo de pesquisa pouco visibilizado pela academia, mas também, avanços conceituais, teóricos e temáticos visíveis e palpáveis. Inclusive exemplificados e usando o aparato oficial de fomento à pesquisa – CNPq e Plataforma Lattes. Apesar de apresentar um completo roteiro para abordagem de redes e que até hoje representa uma referência que está em muitas abordagens, como a ênfase na estrutura constatada na maioria das pesquisas em vez de enfatizar a dimensão relacional, as análises pecam por deixarem de lado aspectos que podem afetar a própria compreensão do sentido de rede. Nesse aspecto haveria pouca pesquisa ou referências sobre os processos de criação, formação, coordenação e reconstituição e práticas de redes sociais: “compartilhamentos de significados”; “relacionamentos horizontais”; “gestão

¹⁴ No Brasil, em 2004, surgiu o site da rede social Orkut, que rapidamente teve adesão de milhões de brasileiros. No ano de 2011 houve uma virada do acesso para o site Facebook, tendo o Orkut uma queda de participação de 45% para apenas 124 em 2012 (GOES, 2012). O Facebook é uma rede social cujo foco é a linha de publicações do indivíduo (timeline) em comparação ao aspecto.

descentralizada”; “múltiplas articulações de interdependências”, “intersectorialidade”; “conhecimentos com relação à alteridade e formação e/ou reforço de identidades”, etc.; sem essa dimensão relacional das redes sociais fica certamente difícil se trabalhar o papel das redes na formação de subjetividades, como é o caso do trabalho seguinte.

No que tange ao estudo de Rosa e Santos (2008), trata-se de um estudo bem fundamentado teórico e metodologicamente. No entanto, a forma de abordar a subjetividade humana, as experiências e vivências dos usuários das redes sociais, talvez seja mais que forma, a intencionalidade e uso de categorias em um nível elevado de abstração com “relação à realidade que não é outra que não a vida cotidiana dos usuários das redes virtuais”, pode ser um ponto fundamental a ser levado em consideração. Também o trabalho de pesquisador solitário e produtor de um trabalho relevante para o establishment acadêmico pode não atender a critérios de produtividade, mas pode não revelar por mais sofisticada que seja a metodologia aplicada, as esperadas repercussões das redes na formação das subjetividades de seus usuários. Talvez fosse melhor abordar os usuários das redes sociais como ato de diálogo e manifestação de sua capacidade reflexiva voltada para aquelas questões ou situações que aparecem como óbvias, indiscutíveis, banais, ocasionais, como a própria noção de diálogo; e que, no entanto, podem revelar aspectos invisíveis e impensáveis, mas que estavam ali para a infelicidade de muitas pessoas.

E, finalmente, o trabalho de Rosado e Tomé (2015), que se aproxima mais de nossa pesquisa. Bastante sofisticado no que tange aos métodos e às técnicas de pesquisa empregadas. Reforça mais que revela o papel da escola como instrumento de controle social. Na esteira da prática da imaginação sociológica, tal como herdamos de Wright Mills, preferimos caminhar pelas trilhas do “artesanato intelectual” e encetar o diálogo vivo com experiência da vida cotidiana; um modo certamente mais eficaz para acessar os ensinamentos que as experiências (objetivas) e as vivências (subjetivas) dos diferentes atores sociais podem nos oferecer desde que descentrados pela força relacional e horizontal do diálogo.

3. METODOLOGIA: AS CONTRIBUIÇÕES DE ZYGMUNT BAUMAN

Como se pensar em mídias sociais e educação e, em particular, as repercussões desses meios sobre a vida de jovens e adolescentes de uma escola pública de Ensino Médio sem escuta e sem diálogo com eles?

Como esses jovens estudantes usam e pensam as redes sociais digitais? Essa pergunta a nosso ver é fundamental. Ela é precedente para quem quer saber algo mais, como por exemplo, qual é o impacto da internet e das redes sociais digitais, em particular, no desempenho escolar de jovens e adolescentes do Ensino Médio? E, entre outros, se a escola usa esses meios de alguma forma, qual é o seu impacto no processo de ensino-aprendizagem? E obviamente, como medir os resultados, sejam eles negativos ou positivos?

Neste trabalho, identificar como esses jovens usam e pensam essas mídias sociais e outros recursos oferecidos pela internet, já nos é em boa medida uma árdua tarefa. Faz parte desta tarefa, primeiramente identificar as ferramentas mais adequadas de investigação. A nosso ver, o diálogo é a ferramenta metodológica mais adequada para se ter acesso às experiências e vivências desses jovens e adolescentes em sua cotidianidade. Diálogo aqui significa reflexão crítica, mediante a qual se processa o desvelamento desse mundo da vida online que não se explicita de imediato ao olhar por mais atento desse ou daquele pesquisador. Essas redes sociais digitais ocupam expressivo tempo da vida cotidiana desses jovens conectados diuturnamente na rede, na internet.

Dialogar com esses internautas deve abrir as possibilidades de se levantar informações sobre a sua vida online e off-line para além da imediaticidade da vida cotidiana. Isto é, a partir das circunstâncias pessoais ou particulares para alcançar e refletir questões e fatos num contexto mais amplo; pôr em questão as rotinas familiares da vida cotidiana (estranhamento) para superar o senso comum. Esse processo permite aos participantes do diálogo, em estreita interação com o contexto imediato enxergarem que muitos problemas que na vida cotidiana, no contexto imediato, dizem respeito ao indivíduo, na verdade são reflexões de questões muito mais amplas e complexas. Estas poderão permitir que deixemos de lado a visão pessoal e representativa do senso comum para olharmos cuidadosamente para as influências e consequências que condicionam e moldam nossas vidas e a dos outros.

Para darmos conta dos procedimentos metodológicos desta investigação, portanto, a nosso ver Bauman nos ensina o caminho. Ele está explícito em toda a sua produção teórica, mas encontra-se sintetizado em sua obra "Para que serve a sociologia?" (a edição brasileira é de 2005, Zahar, Rio de Janeiro).

Essa obra se compõe de quatro perguntas e expressa, portanto, uma espécie de pedagogia de perguntas que lembra Paulo Freire¹⁵:

- a) o que é sociologia?
- b) por que fazer sociologia?
- c) como fazer sociologia?
- d) Qual é o alcance da sociologia?

Como a nossa investigação é sociológica em relação às outras Ciências Sociais (Antropologia e Ciências Políticas), a terceira pergunta a princípio resolveria o nosso problema: mostrar que as contribuições de Bauman estão sendo escolhidas aqui porque se adequam melhor ao nosso objetivo de estudo. No entanto, é fácil de ser verificado que todas elas implicam-se, e que o "Para que?" e o "Para quem?" estão implícitos em todas elas, o que remete ao princípio de totalidade e por consequência de síntese. Nelas estão embutidas, de certa forma, portanto, o sentido, o ator e o contexto sociais, e para respondê-las é necessário tomar como base a constituição de processos no quais pesquisadores e pesquisados buscam solidariamente conhecer a realidade a partir de suas experiências e vivências. Para assim:

- a) Perceber o mundo a partir de sua necessidade imediata e dos saberes que já se tem sobre elas, para elevá-los para além do senso comum;
- b) Reconhecer orientações e papéis desempenhados pelos diferentes atores do mundo, desse mundo;
- c) Reconhecer-se como agente e elo nesse mundo, mundo esse agora conectado à rede;

Dessa forma, o diálogo como princípio metodológico deve contrariar, pela própria etimologia da palavra, unilateralidades, quando afirma a indissolubilidade entre teoria e prática, bem como, a identidade entre processo e resultado quando se trata, particularmente, de aprendizagem de seres humanos a partir de suas experiências e saberes sobre elas num determinado contexto.

As quatro perguntas acima compõem um quadro teórico-metodológico com o qual, conforme o próprio Bauman, a Sociologia pode dar conta da compreensão do mundo atual e explicar determinados estados de coisas: buscando superar certa dicotomia entre o *Lebenswelt*

¹⁵ FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. **Por uma pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro. Editora: Paz e terra, 2013. Esta foi a edição que tivemos acesso.

(mundo da vida) e o sistema. O autor critica a análise de fatos sociais no plano local, da vida cotidiana, com tendências e cenários no plano macro, como é o caso da globalização e suas consequências, ou como é o caso das profundas mudanças que o advento da modernidade líquida pode produzir na condição humana. Aliás, "liquidez", como já se viu noutra lugar deste trabalho, tem sido a ideia central que articula um conjunto de conceitos e estimula uma constante busca própria de artesanato intelectual, conforme sugere Wright Mills (2009) de termos, palavras, testemunhos e experiências transformadoras, de conteúdo e de conhecimentos. Portanto, o conhecimento que surge dessa capacidade de busca não deixa de ser uma espécie de reconhecimento, um conhecimento em segunda instância. Um conhecimento enriquecido pelo debate que foi capaz de lhe agregar novos elementos. Esse conhecimento, portanto, que vai do micro elevado ao particular (daquilo que é vivido) e acende para o campo do conceito (do geral).

Como Bauman consegue a proeza da construção de análise do micro, dos pequenos casos sem dissociá-los do global; das tendências gerais e cenários do “capitalismo parasitário”, da sociedade de consumidores e de insegurança generalizada? (BAUMAN, 2018).

Nesse mundo líquido moderno, segundo o autor, no qual cresce o questionamento sobre o valor das Ciências Sociais, ao mesmo tempo deve crescer a função crítica da Sociologia na construção de um mundo mais hospitaleiro, mas acolhedor. Para tanto, é preciso defender, valorizar a prática da sociologia como um diálogo vivo com a experiência humana, e ao fazer isso questionar o senso comum de nossa vida cotidiana. Esse diálogo faz jus, portanto, como escreve Bauman (2018, p. 09) no Boletim Polonês de Sociologia, já em 1964:

[...] A variedade menos gerencial e até antigerencial, mais tradicional e humanista da sociologia [...] visa tornar o comportamento humano menos previsível, ao ativar fontes de decisão internas, fornecendo aos seres humanos um conhecimento mais amplo de sua condição e, assim, ampliando a esfera de sua liberdade de escolha.

3.1 A sociologia como prática do diálogo

Essa sociologia, portanto, como prática do diálogo com o senso comum para elevá-lo à condição de percepção crítica, esclarecedora da realidade, é evidente em toda obra do autor. Isto pode ser evidenciado para além de “Para que serve a Sociologia? Diálogos com Michael Hviid Jacobsem e Keith Tester” (BAUMAN, 2015). Em “Nascidos em Tempos Líquidos”

(2018), última lição de Bauman, antes de completar os 91 anos de idade, ele parte de experiências vividas pelo cidadão comum e fenômenos aparentemente corriqueiros da vida cotidiana são articuladas através do diálogo com um jovem jornalista italiano e, também, escritor, chamado Tomás Leoncini, nascido em 1985. Então, a partir de experiências distintas e fenômenos da cultura atual, como bullying, tatuagens, hipsters, web, cirurgias plásticas, relações amorosas e laços afetivos na era das redes sociais, são por eles refletidas para dar conta do mundo das gerações atuais, que não deixa de ser mundo da cultura e história, mas que em face de sua liquidez, noções de tempo e espaço, também mudaram devido às críticas e aceleradas transformações; o tempo se tornou cada vez mais acelerado e o espaço cada vez mais flexibilizado.

A nosso ver, esse diálogo de Bauman com o jovem escritor italiano Thomas Leoncini para além de oferecer elementos para a superação de preconceitos e visões pessimistas ou desabonadoras da nova geração da web, dos smartphones, das redes sociais, do mundo online, é um exemplo do que se chamou anteriormente de prática da investigação sociológica como diálogo vivo com o senso comum da vida cotidiana. Nesse diálogo, Bauman revisita temas de obras anteriores como: vida para o consumo e sociedade dos consumidores, a transformação das pessoas em mercadoria, amor líquido e a fragilidade dos laços humanos, o conceito de identidade e de comunidade e a volta ao passado na era da nostalgia, vigilância líquida e a conciliação entre liberdade e segurança, a cultura no mundo líquido moderno e problema da educação. Um livro sobre gerações jovens, nascido desse diálogo, em que os dois pensadores utilizam como meio a correspondência entre eles e, evidentemente, não através do correios e de tradicionais visitas, mas as redes midiáticas:

[...] ‘O que será que Zygmunt me escreveu hoje’, era meu pensamento todas as manhãs. Parece incrível, mas é verdade. Ele tão madrugador, mas também notívago: entre sete e oito da manhã era o momento mais provável de chegarem seus comentários às reflexões de perguntas que eu lhe enviava em plena noite. Mas às vezes ele me surpreendia: eu podia lhe escrever às duas da madrugada e receber resposta menos de meia hora depois (BAUMAN, 2018, p. 91).

Eis como esse livro traz uma lição de métodos e de meios. Como diz Leoncini (2018, p 92), “Bauman tinha um dom extraordinário: ensinou-nos um método de análise e viveu para construir instrumentos que permitissem compreender onde nos encontramos e para onde vamos”.

Outras evidências do diálogo como procedimento metodológico é a obra "44 Cartas do Mundo Líquido moderno". Nessas cartas publicadas entre 2008 – 2010 a convite do (e no)

seminário Italiano La Repubblica delle Donne, Bauman aborda de forma esclarecedora temas e problemas que afligem grupos sociais e indivíduos sufocados pelo individualismo exacerbado.

Nestes tempos líquidos modernos tal individualismo imposto por uma sociedade de consumidores tem como contraface a desintegração da solidariedade social resultando, entre outras questões, em metrópoles, cidades e localidades menores globalizadas, entretanto, esgarçadas pela violência e a insegurança generalizada¹⁶.

As 44 cartas foram uma forma de ampliar o debate e ocupar a esfera pública com diversos temas da cultura, da política e da vida cotidiana: a solidão dos que vivem nesse mundo líquido moderno, a fragilidade dos laços humanos passando pelo sexo virtual e abordando questões como o problema da Educação e da Cultura numa sociedade globalizada.

Nessa obra, ao tempo em que oferece questões esclarecedoras sobre a nossa situação atual, apela de certa forma ao protagonismo dos leitores para que se tornem participantes deste diálogo. Diálogo esse mediado por missivas que contém narrativas baseadas em vidas comuns e costumeiras como forma de expor o que elas têm de extraordinário e que poderia nos passar como algo despercebido, habitual, corriqueira, não questionável, banal. Ele põe em prática o estranhamento que consiste em tornar, pela reflexão crítica, as coisas verdadeiramente familiares, as quais aparecem à primeira vista como familiares.

[...] aparentemente familiares porque também é ilusória a sensação de conhecermos esses acontecimentos muito bem e de confiarmos que nada de novo há a aprender com eles ou sobre eles - consequência de serem esses eventos próximos demais dos nossos olhos para podermos enxergá-los com nitidez. Nada escapam tanto e tão obstinadamente a nossa atenção quanto 'as coisas que estão à mão', o que está 'sempre aí' e 'não mudam nunca'. É como se elas 'se escondessem sob a claridade', sob a luz enganosa e ilusória da familiaridade. Sua 'normalidade' é uma espécie de cortina que impede qualquer inspeção (BAUMAN, 2011, p.10-11).

Mas, essa operação cognitiva que lembra a tradição socrática do diálogo, do aprender juntos, é um processo necessariamente dialógico, porque estamos sempre cortejando nossos pontos de vista com o ponto de vista dos demais e com a realidade em que vivemos, de forma a não cairmos em outras ilusões, como aquela de que já sabemos de tudo ou aquela de uma atitude individualista de "dono" da verdade e que por isso se acha no direito e às vezes no dever de impô-la aos outros. Estranhamento é afastar-se também desse tipo de ilusão. Afastar-

¹⁶ As "44 cartas do mundo líquido moderno", publicadas entre 2008 - 2010 no Semanário Repubblica delle Donne, foram anteriormente publicadas em livro com o mesmo título pela Polity Press, Cambridge, Inglaterra, em 2010. A edição brasileira é de 2011, publicada pela Zahar.

se do conformismo (de conforme), de alienações e assumir uma atitude de dúvida e de desconfiança; de espanto sobre ou diante daquilo que parece óbvio e fora de discussão. E é aqui que a Sociologia na visão de Bauman terá que levar em consideração certas tarefas do artesanato intelectual, no sentido de Wright Mills,

[...] Para tornar essas coisas objeto de interesse e de exame detalhado, é preciso em primeiro lugar recortá-las e separá-las do ciclo vicioso da rotina cotidiana que, apesar de confortadora, nos embota os sentidos. É preciso em primeiro lugar pô-las a parte e mantê-las a distância, antes que possamos conceber examiná-las de modo correto, quer dizer: sua alegada ‘normalidade’, um blefe, deve ser desde logo denunciada. Só depois poderemos desnudar e explorar os mistérios abundantes e profundos que elas escondem, aqueles que nos parecem estranhos e intrigantes quando começamos a pensar neles (BAUMAN, 2011, p. 10).

Anima a própria prática de estranhamento. Ela também pode ser denúncia e anúncio, para lembrar a herança socrática de Paulo Freire: denúncia da passividade e de sua cadeia motivacional, pois passividade tem a ver com acomodação das coisas, dos fatos, de situações, daquilo que está ocultado e que assim deve permanecer; mas também daquilo que oculta como orientações, visões e atitudes.

O seu contrário, a negação dessa positividade, das coisas que "estão aí e daí", e denunciar, como já disse o autor das "44 Cartas" lá atrás, é também anunciar a novidade, as descobertas dos indivíduos que não agem sozinhos no processo de desacobertamento. Cada um e cada qual agem em consideração aos outros. Mas esse debate eleva algo para além do senso comum, quando também é capaz de síntese, de construir consenso sobre algo no mundo dos sujeitos do processo de conhecer e superar para conhecer mais e transformar.

Por certo, difícil tarefa é essa de estranhamento: “missão bem difícil. O sucesso não é garantido, e o êxito completo para dizer o mínimo, é bastante duvidoso. Mas representa a missão que nós, autor e eleitor das 44 cartas, tentaremos cumprir em nossa aventura conjunta” (BAUMAN, 2011, p. 10).

Mas, por que as 44 Cartas, porque esse número? Por que não outro qualquer? Explica Bauman (2011, p. 12) que é,

[...] Porque o número 44 graças a Adam Mickiewicz, representa o respeito e a esperança pela chegada da liberdade. Assim, ele assiná-la, ainda que de maneira oblíqua e veemente para os iniciados, o motivo que inspira e orienta essas missivas. O espectro da liberdade está presente nas 44 Cartas, cujos temas, todavia são variados - mesmo que de maneira invisível, como é da natureza dos espectros dignos deste nome.

As “44 Cartas do Mundo Líquido Moderno”, nas palavras do editor, explicitam como Bauman separa o joio do trigo, como diferencia o que é relevante daquilo sem substância, dos alarmes falsos. Poucos eventos escapam ao olhar atento desse autor e é surpreendente a sua capacidade de descobrir significados sob atos aparentemente simples, como uma chamada ao celular, a exposição de um fato no Facebook, um outdoor, a lista de gastos no cartão de crédito. Sob a sua análise, todos esses fatos que parecem fortuitos, banais e desconectados confluem e se unem para reforçar a situação de aflição do indivíduo nesse nosso mundo líquido moderno. Segundo o autor (2011), esse ator é o indivíduo em busca de sua identidade.

Sem seguir uma ordem cronológica da obra do autor, mas apenas para fazer uma leitura, mesmo que breve, da evidência de seu método em algumas delas, vejamos como esse aspecto se apresenta no livro “Aprendendo a Pensar com a Sociologia” (BAUMAN e MAY, 2010). Nesta obra, Bauman (2010) mostrou-se muito coerente afirmando a sua posição de que a sociologia consiste num diálogo com a experiência vivida. Nessa obra, no dizer do autor, há um diálogo com os leitores e para eles. Coloca em evidência questões sobre nossos atos e suas implicações sobre a maneira de como conduzimos as nossas vidas. Assim, o livro tem o objetivo de levar as pessoas a entender as suas minúcias individuais e com os outros partindo de aspectos aparentemente comuns em nossa vida, como intimidade, corpo, tempo e espaço, atos de consumo, lazer, desordem e risos, globalização, novas tecnologias. Assim, em cada capítulo mostra como a sociologia pode fornecer elementos de entendimento sobre vários aspectos de nossa vida de cidadãos comuns. Cada capítulo da obra aborda problemas que partem da vida cotidiana, e os quais apresentam dilemas e escolhas com as quais nos deparamos e não chegamos a refletir. Nessa direção, a sociologia teria o papel de compelir as pessoas a pensar, abrindo caminho à liberdade. Nessa espécie de tarefa procedimental, não admite respostas fechadas e respostas facilitadas de certo ou errado. Dessa forma, a sociologia não se pauta em facilitar ou suavizar o caminho que conduz a uma resposta, mas desnudar a iniquidade dos dramas humanos e deixar aos que vivem esses dramas à reflexão crítica capaz de imunizá-los contra as soluções fáceis e as gambiarras dos atalhos (BAUMAN, 2005, p. 67-68). Trata-se, segundo o autor, de uma obra orientada para os professores de Sociologia e seus alunos. Sugere questões que servem de orientação tanto para o leitor não familiarizado quanto como plano de estudos e de investigação para professores e alunos. Para estes, especialmente, Bauman sugere que pensem sociologicamente e busquem entender aqueles que nos cercam (e a nós mesmos) com seus desejos, ansiedades, aspirações, preocupações e esperanças, sobretudo esperanças de forças sociais que ainda não tem meios próprios de expressão. Aos

professores e alunos oferece uma bibliografia organizada por temas e questões para orientá-los. Em seguida, o autor sugere que a vocação da sociologia é se voltar ao *Lebenswelt* (mundo da vida) como objeto de estudo, produzindo conhecimentos cujas mensagens devem estar voltadas para estimular a liberdade de escolha frente aos problemas e dilemas da vida cotidiana (BAUMAN, 2005).

Em “Tempos Líquidos Modernos” (2007), este autor dos best-sellers: Amor Líquido (2017), Modernidade Líquida (1999) e Vida Líquida (2019), selou essa orientação de procedimentos sociológicos dialógicos tanto nessa obra, bem como, em livros nos quais o autor conversa com o seu público levando-o a refletir sobre problemas comuns, digamos banais na aparência, mas que são profundos pelos estados de medo, angústias, ansiedades e falta de perspectiva no mundo. Em sua atividade de sociólogo, os grandes termos da contemporaneidade que são tratados pelas suas obras, como modernidade, consumismo e globalização, o autor não deixa de se colocar do ponto de vista do cidadão comum que sofre as consequências dessas grandes questões e transformações que estão por trás de tais conceitos. Na modernidade líquida, o cidadão comum tem sofrido essa mudança de sólido para líquido. Por exemplo, “solidez” e “liquidez” se referem a duas épocas distintas e com características distintas. Para resumir, nas sociedades líquidas, a relação entre indivíduos e sociedade muda: o consumidor é um inimigo do cidadão ou, por sua vez, a cidadania foi reduzida ao ato de comprar. A vida líquida é uma vida de consumo. Ele projeta o mundo e seus fragmentos; é uma vida precária vivida em condição de incertezas. Na sociedade líquida moderna as realizações individuais não podem solidificar-se em posses permanentes, “porque em um piscar de olhos: os ativos se transformam em passivos, e a capacidade em incapacidade e tudo se transforma em insatisfação” (BEAUREPAIRE, 2019)¹⁷. Conforme Beurepaire (2019), Bauman acredita com convicção de que ao fazer perguntas à sociedade, ficaremos mais livres, no sentido de que, uma sociedade verdadeiramente democrática seria uma sociedade que questiona tudo aquilo que é narrado e da mesma forma libera a criação de nossos significados. Segundo, ainda conforme Beurepaire (2019), torna-se para o autor de “Vida Líquida”, fundamental o questionamento dos nossos valores que estão sendo calados sobre nós, porque não podemos ser passivos diante de narrativas que são fabricadas a nossa volta e que estão ao mesmo tempo perdendo o contato com nossas próprias experiências subjetivas. O problema, no entanto, é como indagar tais narrativas em um mundo em que “o

¹⁷ Luiz Guilherme de Beurepaire, 30 de julho de 2019. Para ler bons livros. Disponível em: <bonslivrosparaler.com.br>. Acesso em 15 jun. 2020.

que hoje parece correto e apropriado amanhã pode muito bem se tornar fútil, fantasioso ou lamentavelmente equivocado” (BAUMAN, 2011, p. 08).

Felizmente, dispomos de algo hoje que nossos pais nunca puderam imaginar, diz Bauman: a internet e a web mundial, as “autoestradas” da informação que nos conecta em “tempo real” e a todo e qualquer canto remoto do planeta a tudo isso e tudo dentro de pequenos celulares ou iPods que carregamos em nosso bolso, dia e noite, para onde quer que nos deslocamos” (BAUMAN, 2011, p. 08). Mas, impõe-nos ao ato de perguntar, de indagar, de colocar em discussão, ao fazer pedagogia e metodologia; uma enxurrada de informações que nos ameaça de afogamento,

[...] como filtrar as notícias que importam no meio de tanto lixo inútil é irrelevante? Como captar as mensagens significativas entre o aferido sem nexos? Na balbúrdia de opiniões e sugestões contraditórias parece que nos faltam uma máquina de desbulhar para separar o joio do trigo na montanha de mentiras, ilusões, refugio e lixo (BAUMAN, 2011, p. 08).

Para Bauman, é preciso indagar, fazer perguntas, mas não responder e muito menos ficar a fornecer respostas pretensiosamente definitivas, recai no que ele diz que todas as possíveis respostas podem ser prematuras, potencialmente enganosas. E, no entanto, isso não significa que temos que ficar em estado de paralisia. Haveria, portanto, necessidades de agir com precauções, “de calcular ganhos e perdas esperadas dessas ações e avaliar os seus resultados em condições de incerteza endêmica” (BAUMAN, 2007, p.10). E essa incerteza endêmica, ela própria deve ter causas e estudá-la, foi o que melhor o autor, segundo ele mesmo, pôde realizar e se sentir capaz de fazer e talvez,

[...] desnudar alguns obstáculos que impedem a sua compreensão e, assim também, nossa capacidade de enfrentar (individual e, sobretudo coletivamente) os desafios que qualquer tentativa de encontrá-las necessariamente apresenta (BAUMAN, 2007, p.10).

No final desse livro acima citado, cujo tema central é a paranoia da insegurança, a pergunta que se coloca é: Se as pessoas estão conscientes dessa situação? O autor coloca que a resposta é que elas, as pessoas, estão claramente percebendo que as cidades se transformaram em cenários de um campo de batalha pela sobrevivência cuja expressão mais profunda é a perda das identidades locais e a desintegração da solidariedade. Mas, e daí? Assim, indaga o autor, porque a questão que está na ordem do dia é igual a outros grandes problemas que todos têm consciência; as consciências dos estados-nação e o desmonte das redes públicas de assistência social; as consequências da deteriorização ambiental local

associada às catástrofes anunciadas do aquecimento global e outras questões, como por exemplo, clareza de que o crescimento numérico infinito associado ao consumo infinito dos recursos do planeta está à beira do esgotamento. Mas, para o autor de “Tempos Líquidos” (2007), há poucos sinais de que estamos caminhando para mudar as formas de vida que estão na origem desses problemas. Mas, e daí? Quem é capaz de fazer algo para evitar a catástrofe anunciada? O que deve ser feito e quem vai fazer o que deve ser feito e se a paranoia da insegurança é uma das principais fontes de acumulação de capital na atual economia de mercado (BAUMAN, 2007).

O tema da segurança, ou melhor, da insegurança, é retomada por Bauman em parceria com David Lyon, professor de Sociologia da Universidade do Queens, Canadá. Trata-se de um livro na forma de diálogo e que analisa até que ponto a noção de vigilância líquida nos ajuda a compreender o que está acontecendo num mundo de monitoramento, controle, observação, classificação, checagem e atenção sistemática que chamamos de vigilância (BAUMAN e LYON, 2013, p. 03).

A obra, portanto, é uma conversa em que cada um participante, segundo eles mesmos, colabora igualmente na construção do todo. Evidencia-se neste caso uma abertura para o diálogo com a intenção de produção solidária do saber sobre algo no mundo e que promove ao mesmo tempo o que podemos chamar de descentração cognitiva. Sobre essa parceria, Lyon fala que Bauman “continuou a usar em seu trabalho a crítica panóptica e temas correlatos, e estimulou Lyon em sua análise, cada vez mais ampla, da vigilância” (BAUMAN e LYON, 2013, p. 08).

Evidenciando em Bauman, uma Sociologia como prática do diálogo, que se faz presente em sua vasta obra. Pondo em relevo algumas delas, passamos a expor em quatro momentos a sua contribuição teórico-metodológica e a qual lanço mão para, como ele faz, abrir um diálogo vivo com os jovens e adolescentes da minha sala de Sociologia, no ensino médio, estimulando-os a por em evidência e refletir de forma crítica os usos que fazem das mídias sociais e o que pensam sobre estes recursos.

3.2 Para que serve a sociologia

3.2.1. O que é?

[...] A matéria-prima utilizada pela imaginação sociológica é a experiência humana. O produto final da imaginação sociológica chamado 'realidade social' é feito de metal fundido a partir do minério da experiência. Embora sua substância química não possa deixar de refletir a composição do minério, o conteúdo do produto também tem a marca do processo de fusão que divide os componentes do minério em produto útil e dejetos, enquanto sua forma depende do molde (ou seja, do arcabouço cognitivo) em que o metal fundido foi derramado (BAUMAN, 2001, p.15).

A diferença em relação a outras ciências está na especificidade de a Sociologia não conseguir fazer uma separação rígida entre sujeito e objeto, conforme certos cânones da racionalidade científica no processo de investigação social. O pesquisador das Ciências Sociais tem dificuldades de assumir aquela postura de cientista interessado em identificar um objeto "fora" ou "longe" do contexto do qual faz parte, para garantir uma Sociologia objetiva. Por quê? "Ela própria é parte e parcela de um mundo social que busca conhecer. É parte de um mundo social capaz de seguir em frente sem os insights da sociologia" (BAUMAN, 2015, p. 11).

Além de ataques no sentido de invalidade desta ciência, há uma longa tradição e um mundo de prática atual que considera essa situação terrível, a ser superado a qualquer custo. Várias tentativas foram e são feitas para colocar uma barreira entre a sociologia e o mundo social. De acordo com Bauman (2015, p. 12),

[...] tem havido - e ainda há - uma constante fetichização da metodologia, uma ênfase a "neutralidade de valores", o desenvolvimento de uma linguagem 'científica' especializada e esotérica destinada a confundir os não iniciados, a adoção da parafernália do profissionalismo - tudo isso funcionando como uma barreira entre a sociologia e o mundo que investiga.

Os que advogam uma Sociologia distante e divorciada dos contextos nos quais vivem os seres humanos que eles pretendem descrever e investigar com objetividade do ponto de vista sociológico e com um apoio de um aparato técnico, do próprio autointeresse e leituras estatísticas, é o que chamam de Sociologia verdadeiramente científica e neutra; longe dos poderes políticos, dos interesses de mercado e de preconceitos ideologizantes.

[...] Os sociólogos que buscam se esconder por trás das barricadas tentam vender seus insights - ou esperam que sejam comprados pelo poder - mediante bolsas de pesquisa, por conta de sua disposição de acompanhar o carro dos governantes. O trabalho de inserir a sociologia na sociedade é então passado aos outros (BAUMAN, 2015, p. 12).

Há, portanto, uma Sociologia comprometida com esses elementos voltados para reprodução do *status quo*. Resta aos que advogam a afirmação da Sociologia como parte integrante do mundo social que busca investigar. O mundo vai em frente, a sociologia vai em frente e ambos "partidos" raramente, como diz Bauman (2015), se encontram.

Adotando a prática sociológica como diálogo vivo e em estreita interação com a vida social, Bauman (2015) toma como referência o Wright Mills e outros. E se separou da corrente, digamos, da corrente sociológica da ciência objetiva e pretensamente desinteressada e livre de juízes de valores. A consequência desse divórcio, segundo ele mesmo, foi uma espécie de “resgate da sociologia de si mesma”. Assim, continua Bauman (2015, p. 13), Wright Mills,

[...] separou de maneira admirável, a imaginação sociológica da sociologia e mostrou como a prática desta última não tem absolutamente uma comunicação necessariamente com a primeira. Mills fez uma irrefutável defesa da busca da imaginação sociológica tentando se envolver numa conversa com homens e mulheres. Essa conversa estaria voltada para mostrar como os ‘problemas pessoais’ estão inextricavelmente ligados a ‘questões públicas’. A imaginação sociológica transformou o pessoal em político.

Dessa forma, não é pura coincidência que,

[...] Mills associasse a imaginação sociológica ao trabalho de pessoas como romancistas e jornalistas. Para ele, a imaginação sociológica – tal como nos romances e o jornalismo - possibilita o desenvolvimento de uma qualidade mental capacita homens e mulheres a entender e narrar o que está acontecendo com eles, o que sentem e aquilo que aspiram. Privada da imaginação sociológica, a Sociologia só pode fornecer informações, e na visão de Mills, a quantidade de informações que o mundo dispõe já é maior do que a sua capacidade do mundo lidar com ela. O mundo se atrofiou em histórias, não em informações, e onde as histórias são atrofiadas, também o é a capacidade de homens e mulheres de entenderem suas vidas num contexto histórico mais amplo (BAUMAN, 2015, p. 13).

Em seguida, Bauman (2015, p. 13) descreve que,

[...] é tarefa da imaginação sociológica mostrar como a vida pessoal e a biografia individual estão intimamente conectados a eventos históricos e processos estruturais. Tarefa da sociologia ajudar as pessoas a ‘compreender o significado de sua época em relação a suas próprias vidas’ e sua ambição, de acordo com Mills, ‘fazer a diferença na qualidade da vida humana em nossa época’.

Colocadas tais premissas do que vem a ser Sociologia que o autor defende, e assinalando a influência das contribuições de Wright Mills, vejamos algumas outras

contribuições do autor com os seus interlocutores. Nesse diálogo, Bauman fala aos participantes (Diálogos com Michael Hviid Jacobsen e Keith Tester, os dois, professores de Sociologia, o primeiro na Dinamarca e o segundo na Inglaterra) que para ele experiência humana teria origem em duas palavras alemãs: eles separam experiência (*Erfahrung*) e vivência (*Erlebnis*), os dois diferentes fenômenos gerados da interface pessoa/mundo e que os falantes de outras línguas, na falta de termos distintos, fundem os dois significados da noção, de "experiência". Então, os dois podem também ser usados para se referirem diferentemente de aspectos objetivos e subjetivos da experiência humana. Assim, a experiência elaborada pelo ator, proveniente do mundo exterior desse ator, que apresenta aspectos objetivos, teria mais sintonia com o termo experiência, enquanto que os aspectos subjetivos, vindo de dentro do ator, isto é, sentimentos, pensamentos, impressões, emoções privadas, só disponíveis em relatos feitos por quem vivenciou, seria apropriado chamar de vivências. E o que seria diálogo com a experiência humana? "De que modo à sociologia nele se envolve e o que faz valer a pena nesse envolvimento? Por que ele deveria ser lido por não sociólogos?" (BAUMAN et al., 2015, p. 19).

Bauman define a sociologia como um diálogo com a experiência humana. Vejamos outras implicações que envolvem ou decorrem das questões acima levantadas pelos seus interlocutores. O diálogo consiste para o citado autor, como em todas as conversações, numa interação da sociologia com o senso comum ou com o conhecimento do ator, portanto, com a *doxa laica*. Segundo Bauman (2015, p. 19),

[...] isso envolve transmitir mensagens que se transformam em estímulos, que evocam respostas, que, por sua vez, se transformam em estímulos ad infinitum. A transformação da mensagem em estímulos efetivos é mediada pela recepção, seguida pela compreensão, que envolve como regra uma interpretação (seletiva). Em sua variedade sociológica, o diálogo visa ao confronto entre *Erfahrung* e *Erlebnis*, 'relativizando' assim esta última, ao mesmo tempo em que busca ampliar, em vez de estreitar e limitar, o aspecto de escolha dos participantes do diálogo.

Para entender melhor, Bauman quando está falando em *Erfahrung* (experiência) e *Erlebnis* (vivência), que como já se viu, a primeira significa mais objetividade, portanto, diz sobre algo mais tangível, digamos, de saberes tangíveis, codificáveis. Já a segunda categoria, refere-se, no diálogo, a um tipo de relato que diz algo sobre a subjetividade do ator, algo intangível, tácito, que não são interpessoalmente verificáveis, já que as crenças relatadas pelo ator são, por assim dizer, as definitivas (e únicas) "verdades" (Bauman et al., 2015, p 19).

Dessa forma, os dois conceitos teriam status epistemológicos diferentes e, segundo Bauman, esse fato tem a ver com a circunstância responsável por muita confusão na prática da investigação sociológica e “acima de tudo, nas interpretações de suas descobertas” (BAUMAN, 2015, p. 19). Aqui está um ponto muito importante dessa conversa. O não entendimento disso pode gerar distorções na própria interpretação ou análise dos dados já que,

[...] a confiabilidade e a relevância das evidências fornecidas por testemunhas mudam de acordo com o objeto do testemunho - e isso se aplica a ambos os parceiros no permanente diálogo entre a sociologia e a experiência humana (BAUMAN, 2015, p. 19).

Para fechar o tema “o que vem a ser sociologia” na concepção de Bauman, um aspecto importante merece aqui ser explorado, que é o seu aspecto de uma atividade humana de reflexão crítica de sua realidade. Este autor indagado sobre o aspecto crítico da Sociologia que pratica responde que, a Sociologia que usa os procedimentos do diálogo, imaginação sociológica, termina sendo uma atividade crítica, já que realiza uma permanente desconstrução no sentido que Jacques Derrida atribui a esse termo. Nesse sentido, o autor afirma que está inclinado a pensar, que na questão para a vida líquida moderna, incessante e desesperadamente faminta por interpretação,

[...] Será que precisamos da teoria social crítica? essa vida, nada mais sendo que uma crítica contínua das realidades atuais, a produz de maneira incessante, espontânea e em grande escala. Sem ela, nenhuma reflexão sobre essa vida pode começar, muito menos acabar (BAUMAN et al., 2015, p. 34).

3.2.2 Por que fazer sociologia?

A partir de sua própria experiência, Bauman inicia esse diálogo com seus interlocutores. Bauman (2015, p. 32) afirma que, o porquê fazer sociologia teria sido o resultado de uma escolha diante de certas circunstâncias e ao mesmo tempo, mais que um ofício, um hábito, certa forma de ser e estar no mundo,

[...] Retornando da guerra a um país prostrado, devastado, decidi transferir meu fascínio juvenil pelos mistérios do universo para aquele movimento em que a miséria humana sobre a terra era objeto de atenção. [...] quase setenta anos depois essa mistificação não perdeu em nada em termos de relevância, enquanto fazer sociologia de há muito, se transformou num hábito.

Indagado quanto à circunstância e a firmeza de se identificar como sociólogo, como identidade ou, mais especificamente, autoidentidade na valorização de seu trabalho, o autor considera as dificuldades de responder questões difíceis no sentido de certas tentações de viés ideológico ou de estímulos à exaltação do ego. Como responder de primeira e de maneira conivente a uma pergunta como esta? (BAUMAN, 2015). Noutro momento desta mesma interlocução, a pergunta foi: a Sociologia pode tornar as pessoas felizes? Sociologia faz você feliz? E nestas duas, experiências e vivências do ponto de vista do ofício de sociólogo, ou melhor, porque fazer sociologia ganha bastante relevo, ou em termos de satisfação profissional ou do ego e em termos de qualidades, digamos, weberianamente teleológicas. Respostas:

[...] Tudo o que posso dizer é que nunca aprendi outro modo de vida, e assim, gradualmente, talvez tenha perdido a curiosidade, mas também a habilidade e com certeza a vontade de tentar e experimentar outros modos de ser e estar no mundo. Ou talvez, depois de tantos anos refletindo sobre ela e praticando-a, a sociologia teria se tornado para mim inseparável do resto de minha vida. Ela adquiriu furtivamente o status de 'normalidade', um status conhecido por abominar, talvez sendo incapaz de compreender, o questionamento (BAUMAN, 2015, p. 46).

A Sociologia é um modo de viver e estar no mundo, existiria, assim, uma identidade entre trabalho e vida, entre profissão e um modo de ser. E quanto à felicidade? Vejamos as muitas respostas. Talvez a resposta, já que perguntar se a Sociologia faz as pessoas felizes faria pelo menos nos lembrarmos de que aos não iniciados e ao cidadão comum, para respondermos certas perguntas é melhor não rodeá-las e ir "direto ao assunto".

Sim! Para Bauman (2015, p. 73) a Sociologia pode fazer as pessoas felizes. A condicionante pode,

[...] se entender a verdadeira natureza do mundo que formatamos para formatar nossa condição nos torna mais felizes do que seríamos de outro modo. Por contraste, há poucas chances de felicidade ao fechar os olhos ou olhar para o outro lado.

Talvez aqui o autor se refira à qualidade desse entendimento da natureza do mundo em que vivemos, entendimento esse que se realiza através da reflexão crítica de “desvelamento” desse mundo, de "escancaramento" de suas contradições e das causas que corroem as esperanças de mudar situações de opressões e de carências, ao promoverem a desintegração da solidariedade. E, nesse sentido, promovendo ainda mais as angústias da vida na contemporaneidade que chamamos “modernidade líquida”.

Daí porque o momento de crítica e superação no processo de ação e reflexão sobre as situações de relevância no mundo vivido pelos atores sociais, no âmbito da vida cotidiana, ao permitir a visualização e compreensão de questões de forma mais ampla conectando, como já se viu, biografia e história. Isso se assemelha a esse não fechamento de olhos de Bauman. Seria feliz aquele ou aquela que ao ter a chance de abrir os olhos para o mundo e, como outros, de lê-lo e de compreendê-lo para além das representações ilusórias do senso comum. Trata-se daquilo que, em algum lugar, Paulo Freire, no ofício de ensinar os alfabetizados a ler e escrever chamou de alegria da descoberta, de que é possível ler e pronunciar o seu mundo de outra forma e mediada pela própria realidade de sua vida cotidiana posto em "apuros", entre "parênteses", para se conhecer mais sobre os estados das coisas e fatos que, por exemplo, tornam as pessoas menos felizes, mais angustiados e com menos chances de continuar pelejando para "vencer na vida". Certamente, como diz Bauman, um momento fugaz, uma chance fugaz, efêmera ou inconstante. É que a vida da gente é, também, essa inconstância, depende das circunstâncias e a luta de estar no mundo, igualmente. É uma questão existencial de sujeitos do ato de ler e interpretar esse mundo para ser mais, e ao fazê-lo somos felizes, porque nos transformamos na esperança de que o saber que estamos construindo transforma o mundo, porque transforma as pessoas em sujeitos de suas vidas. Mas se o papel do sociólogo é exagerar, é o que faz Bauman ao completar a sua fala, dando exemplo dessas reduzidas chances de possível, provável, transitoriedade e, mais especificamente, de sua brevidade: É realmente uma chance fugaz - tal como o que é oferecida pelas drogas - com um alto preço a ser pago, no molde da frustração, no momento em que se fica sóbrio (BAUMAN, 2015, p. 69).

Contudo, a Sociologia faz o que aquele que optou por ser sociólogo faz - Bauman lembra que afinal ele tem sido sociólogo e nada, além disso, por toda sua vida e que não teria, portanto, outra base que não a sua biografia para fazer essa avaliação, a semelhança da pergunta anterior que é se um sociólogo contribui para uma vida feliz. Para responder, o autor fala que prefere fazer como o grande sábio Johann Wolfgang Goethe, o qual quando tinha a mesma idade atual do próprio Bauman, tinha se confrontado com alguém que lhe fez a mesma pergunta: perguntaram-lhe se ele tinha tido uma vida feliz. Ele respondeu: "Sim, tive uma vida feliz", para acrescentar logo em seguida. "Embora não possa recordar uma única semana totalmente feliz!" (BAUMAN, 2015, p. 69).

Prosseguindo no diálogo com os sociólogos Michael H. Jacobsen e Keith Tester, estes interlocutores do debate sublinham que Bauman "é muito coerente em sua posição de que a Sociologia consiste num diálogo com a experiência vivida" (BAUMAN, 2015, p. 67), que os

textos que escreve são diálogos com seus leitores, que estes textos falam com o leitor e não para este leitor. Sublinham ainda que, entre outras coisas, haveria uma questão mais ampla na produção sociológica de Bauman que é a relação entre o autor e o leitor, e até que ponto ele “procura dar aos leitores possibilidade de participar da construção dos significados do texto?”.

Quanto à atitude de Bauman, Jacobsen e Tester, sublinham que, haveria uma semelhança dele com a postura delineada por Michael Haneke, quando falou das relações que espera que seus filmes tenham com os espectadores. Disse que “não deseja simplificar as coisas para eles, mas dar-lhes as possibilidades de participar do processo de construção de significado do filme” (BAUMAN, 2015, p. 67). E prosseguem, dando exemplos:

[...] Consequentemente ele deixa algumas coisas inexplicadas (exatamente o que acontece em *A fita branca?*), alguns pontos soltos na narrativa, mostra coisas sem explicá-las. Evidente, isso sugere a questão de se os sociólogos deveriam assistir aos filmes de Haneke (uma resposta curta: sim), mas também uma questão mais ampla entre o autor e o texto (BAUMAN, 2015, p. 67).

Insights metodológicos à vista, vejamos a resposta ao nosso desiderato, aos desejos de esclarecimento dos supracitados interlocutores. Bauman começa dizendo que, “Haneke também fala de ‘tentar compelir o espectador a independência’, fazendo eco a exaltação de Rousseau de incitar *Le Peuple à liberdade*” (BAUMAN et al., 2015. 67). Ele (2015, p. 67) prossegue dizendo,

[...] Minha crença é que a liberdade começa fazendo perguntas e termina com ‘respostas facilitadoras’. Numa frase famosa, Maurice Blanchot chamou as respostas de maldição das perguntas: a liberdade termina quando a causa do questionamento é proclamada e aceita como possível de ser aberta ou fechada - somos livres enquanto continuamos a questionar e perdemos a liberdade quando paramos. Às vezes suspeito que o questionamento, encenado no palco como um drama de emancipação, é dirigido por Tânatos sobre as asas.

Bauman (2015, p. 68) continua ainda,

[...] E que o papel de estimulador ou instigador da pergunta, seja artista ou sociólogo crítico, não é tanto o de facilitar e suavizar o caminho que conduz a resposta, mas desnudar a iniquidade da trama de Tânatos e tirar de suas mãos a direção do enredo desse drama. Meu desejo é expor os buracos, armadilhas e ciladas que, se espalham pelo caminho que conduz à verdade, e assim comprometer a trama. *Toutes proportions gardées*, suponho que Haneke e eu estejamos no mesmo negócio: o de estimular os leitores a pensar e imunizá-los contra a sedução de gambiarras.

Daí que nessa nossa seção sobre “por que fazer sociologia?” ficou patente que nas entrelinhas do porque fazer e o para quem, por trás de tudo, o problema da emancipação humana e a persistência dessa esperança continuam esperançados; no sentido de que a mudança se espera fazendo-a acontecer, nem que seja como tentativas e intenções do tipo mensagens de Theodor Adorno¹⁸. Nesse sentido, Bauman termina o capítulo do livro dizendo que, qualquer um que deseja capacitar o expectador ou leitor deve começar sendo relevante para o habitante da caverna, e que foi sempre isso o que ele quis dizer: que considera e conduz o seu ofício como um diálogo interminável com a experiência vivida. Mas com relação à Haneke e seus filmes, Bauman é taxativo em dizer que ele procura dar um passo à frente no sentido de “dar aos espectadores a chance de participar da construção de significado” que é a tarefa de demonstrar que sem essa participação a luta contra a insignificância não tem nenhuma chance. Provavelmente que haverá dúvida a respeito se a luta pode ser ganha em definitivo ou não. No entanto, esse fato não deve ser motivo de desespero. Pois é precisamente essa luta que constitui o modo humano, definitivamente humano de ser e estar no mundo (BAUMAN, 2015, 68).

3.3 Como fazer Sociologia?

Muito já foi visto até aqui sobre os procedimentos metodológicos adotados e defendidos por Bauman, tendo como eixo uma prática sociológica que é concebida e conduzida como um interminável diálogo com o mundo vivido. Por exemplo, ele inicia esta parte dos diálogos com Michael H. Jacobsen e Keith Tester falando essas coisas ao ser indagado sobre o fato dos efeitos de sua obra que tem sido fazer os leitores questionar o que antes tomava como certo e que de fato valorizavam. Um exemplo disso é apresentado: o fato de que o Bauman tem argumentado com veemência, conforme os seus interlocutores nesse diálogo, que os prazeres do sexo sem compromisso são antiéticos e quase desumanos. Ao considerar que temos posições que afirmam que a obra do autor implica a depreciação dos valores de homens e mulheres, os autores indagam: “a partir de que posição é válido fazer essas afirmações? E se quiséssemos apresentar isso de forma extremamente brutal, por que homens e mulheres deveriam ouvi-lo?” (BAUMAN, 2015, p. 80). Bom, tivemos o cuidado de colocar todas as questões e com certa fidelidade ao texto, porque tem muitas implicações.

¹⁸ Garrafas de mensagens de Adorno.

Uma primeira questão é o princípio metodológico do estranhamento como procedimento de diálogo e de análise com fatos e eventos aparentemente simples, banais ou corriqueiros da vida cotidiana. Colocá-los em evidência e refleti-los em estreita relação ou interação com o contexto e levando em consideração o que homens e mulheres pensam sobre eles é elevá-los, assim, a um patamar de compreensão mais fundamentada e conectada com outros fenômenos históricos mais gerais; seria uma tarefa do pesquisador.

A segunda questão: por que de fato, frente ao autor, homens e mulheres que escutam ou um bom número deles fazem isso? O teórico responde que, essa questão já o levou a pensar muito acerca: “continua um enigma que o faz continuar a pensar e que não consegue ir além de imaginar as suas causas”. Em seguida, o autor coloca em reflexão um terceiro elemento: a escuta, diferente de ouvir, do por que "homens e mulheres deveriam ouvi-lo?" (BAUMAN, 2015, p. 70). Nas palavras de Bauman (2015, p. 70), “(...) permitam-se admitir logo de cara que "escutar" e ouvir a mensagem são duas coisas diferentes, da mesma forma, ouvir a mensagem e seguir suas recomendações”.

Em seguida, quanto à depreciação dos valores de homens e mulheres, o supracitado autor recorre a Immanuel Kant e à questão da moralidade — aquela lei moral que existiria dentro de cada um e que esse filósofo tomou como um dos maiores mistérios da existência humana, particularmente das fontes de suas forças e fraquezas. Para ele, embora moralidade, nesse sentido, seja um eixo em torno do qual giram todos os segredos da vida humana, isto não o faria ser do ramo da “depreciação de valores” e, menos ainda no que interessa de reescrever códigos de ética.

Reconhecendo os seus limites, diz que o que tenta fazer "é articular os valores que homens e mulheres" tendem a seguir, embora dificilmente articulando-os e com muita frequência o fazendo de forma equivocada quando pressionados a apontá-los" (BAUMAN, 2015, p. 71). E tenta fazê-lo com o fim de apresentar a esses atores os possíveis dilemas que eles enfrentam em suas escolhas, mas que não conseguem percebê-los. E nesse processo se capacitando para fazer suas escolhas, digamos, de forma mais esclarecida, "com um pouco maior de compreensão do que podem ganhar ou ceder" (BAUMAN, 2015, p. 71)

EXPERIÊNCIA

O que isso acima tem a ver com a experiência da vida cotidiana? O que colocaria o investigador sociológico em estreita conexão com essa vida cotidiana? A Resposta é de que,

[...] De forma correta ou equivocadamente, eu explico a mim mesmo o interesse deles (tal como sugerido pela tradução de meus textos em 35 idiomas) com o pressuposto de que os dilemas que descrevo estão em consonância com sua experiência vivida e pode até ser considerados úteis quando fazem suas escolhas. (BAUMAN, 2015, p.90)

Tais dilemas podem ser considerados na verdade dilemas descritos e elaborados na forma de alternativas e cada uma delas, explica o supracitado autor, tem a mesma oportunidade de mostrar o seu valor. “Participação dos interessados”: Bauman explica que a sua intenção de todo modo não é avaliar as escolhas, mas ajudar os atores – “homens e mulheres” – a avaliá-las de modo realista, sem deixar de lado seu significado moral. O autor reconhece que o caminho que leva das intenções à sua realização é áspero e acidentado, ao ponto de não se poder jurar que se obteve ou mesmo que se pode obter o efeito que desejou (BAUMAN, 2015, p. 72).

Para o bem ou para o mal, Bauman acredita que o que tem feito não é diferente das posições a partir das quais as afirmações de outros sociólogos em geral são feitas. Menciona o teórico (2015, p. 72) que,

[...] A observação atenta da conduta humana, a empatia com a experiência dos atores, a análise das opções que a situação deles permite ou não assumir, o confronto e a justaposição da percepção que eles têm da situação, tal como se manifesta em suas escolhas! Com o que se conhece das circunstâncias que determinam essas escolhas (ou, mais corretamente, reforçam ou reduzem sua probabilidade). Assumir essa posição é o que permite e estimula, assim como exige, que se articulem tais afirmações.

POSIÇÃO

Até aqui, em termos de quadro metodológico, digamos que explicitamos em diálogo com os atores: condução (e percepção) de uma prática sociológica como um interminável diálogo com o mundo vivido; ponto de partida do princípio de estranhamento, questionar o que antes era dado como certo e que de fato os atores valorizavam; reflexão de situações, fatos e eventos da vida cotidiana como tarefa do pesquisador: estreita interação com as experiências e vivências da vida cotidiana, articulando biografias e histórias; partindo das coisas simples e até, banais; e as articular ao geral, daí ao conceito; diferença entre escutar e ouvir mensagens, e ouvir mensagem e seguir as suas com recomendações; depreciação de

valores, reconhecimento de seus limites, sem deixar de estar perto e em sintonia daquilo que o ator pode e deveria ter feito. Noção de experiência, participação dos interessados, posição a partir da qual é válido o trabalho do sociólogo. Enfim, estimular os leitores a pensar e imunizá-los contra a sedução das gambiarras. (BAUMAN, 2015, p. 72). Não é demais sempre lembrarmos, como já fizemos atrás, “que é vocação da Sociologia fornecer orientação em um mundo reconhecidamente em mudança. E essa vocação só pode ser realizada delineando-se as mudanças e suas consequências, assim como investigando as estratégias de vida adequada para lidar com suas exigências. “Creio que um mundo que exige uma reorientação contínua é o habitat natural da pesquisa sociológica e dos serviços que a Sociologia pode e deve oferecer” (BAUMAN, 2015, p. 09).

Segunda questão colocada por Jacobsen e Tester nesses diálogos é de fundamental importância, porque fala de pontos de partida e o sentido do processo de reflexão. Então, por que devemos começar com o fazer sociológico, fazendo perguntas sobre nós mesmos, nossas práticas, nossas vidas? E ao questionarem, os interlocutores lembram o exemplo de George Orwell⁵: este teria feito censura aos que desejavam mudar a dieta da classe trabalhadora na década de 30:

[...] assinalou ele que, se você trabalhou duro o dia inteiro e foi obrigado a fazer coisas que preferia não fazer, tudo que você quer é comida caseira, não importa se ela é saudável ou não (BAUMAN, 2015, p.72).

Os dois sociólogos participantes dos “Diálogos” levantam uma segunda questão: "O que há de errado com uma vida que não faz perguntas sobre si mesma?" Autoquestionamento, censura, manipulação política, são questões em jogo nessa mudança. Bauman aborda tais preocupações pelo exemplo da fábula de Orwell. Fica mais didático, certamente! É didático a sua forma de responder questões, as perguntas. É como se ele mesmo estivesse fazendo-as, para ele mesmo. Tateando respostas. Às vezes devolve-as a quem as formulou, só que de maneira aberta à outras tantas e suas possíveis respostas. E o diálogo continua. *Ad infinitum*. Continuando a tese do "autoquestionamento", Bauman (2015, p. 72) explica que não era isso que Orwell tinha em mente,

[...] Ele se opunha a imposições de visões construídas, abraçadas e promovidas sem assumir a posição que acabamos de debater, sem investigação, conhecimento e compreensão da situação de outra pessoa a qual se impõe essas visões. Os que ‘desejavam mudar, a dieta da classe trabalhadora’ não pertenciam a essa classe, e Orwell os criticou por terem pouca ou nenhuma compreensão da situação da classe trabalhadora e fazem pouco ou nenhum esforço para calçar as sandálias dessa classe.

Essa citação é inspiradora para a sistematização de nosso trabalho, ainda que numa versão preliminar: como estudar mídias sociais e educação. Afunilando o tema: como identificar e analisar os possíveis impactos das redes sociais digitais na vida de jovens e estudantes de uma escola de ensino médio? Como identificar impactos, repercussões, significados disto sem o conhecimento do uso que fazem e do que pensam dessas mídias? Como posso propor alternativas, pelo menos, para transformar a sala de aula de Sociologia em algo mais atraente, inteligente, inovador, formativo, para quem tem sua vida em grande parte online e que no mínimo, tornam-se impensáveis, sem que se leve em conta essa realidade social?

Voltando a Bauman, entre outras coisas, ele explica que Orwell tinha muita raiva de uma sociedade autoritária e na qual o povo vivia "sob a ameaça e o medo da (em suas próprias palavras) 'bota de um soldado esmagando um rosto humano'; a sociedade incuravelmente contaminada por uma 'inclinação autoritária' e operando pela coerção" (BAUMAN, 2015).

Fala que Vladimir Voinovich¹⁹, seguidor de Orwell, e ele próprio como este crítico brilhante e mordaz da variedade soviética de totalitarismo, "imaginava a vitória do projeto comunista e de suas promessas de prover cada um conforme as suas necessidades, como uma sociedade "em que cada dia começa com um anúncio governamental dizendo quais são as necessidades de todos naquele dia" (BAUMAN, 2015, p. 72). Então, segundo Bauman (2015), o que Orwell estava condenando não era uma sociedade que questionava seu modo de vida, mas aquela em que algumas pessoas usam dos seus poderes coercitivos, tentam forçar outras a mudar sua maneira de viver sem se dar ao trabalho de pedir a opinião delas.

E, nesse caso, adverte o autor, haveria uma diferença fundamental e profunda entre analisar criticamente nossas próprias práticas de vida e impor às outras pessoas práticas que não são de sua escolha. E por quê? Explica que a primeira é uma condição *sine qua non* da liberdade humana e a outra seria a manifestação da falta de liberdade. Então conclui o raciocínio: se Orwell condenou a sociedade marcada pelo viés autoritário ou por um regime totalitário, como mostra a Revolução dos Bichos (*Animal Farm*), portanto, em uma sociedade que odiava a liberdade de escolha humana tem na proposta da Sociologia sugestão à sua prática, que é a expansão dessa escolha.

Segunda lição: inspiração para o nosso trabalho, faz parte do ofício do sociólogo na qual leva em consideração que o trabalho de investigação social é um exercício da liberdade nos dois sentidos acima, que é analisar criticamente suas próprias práticas de vida e suas

¹⁹ Escritor russo.

próprias convicções. Essa liberdade supõe o exercício da alteridade e, portanto, o exercício de outra forma de liberdade que é a de se negar, por convicção, a cercear a liberdade dos outros, particularmente, impondo às outras pessoas com as quais interagimos práticas que não são de sua escolha. Ele lembra que Cornelius Castoriadis, esse defensor da genuína democracia, insistia em afirmar que o que estava errado em nossa sociedade e a mantém distante da verdadeira democracia é que ela parou de se questionar. Bauman endossa plenamente essa visão. De forma radical, Castoriadis criou o conceito de autonomia política e defende uma sociedade capaz de se autogerir. Autonomia política deve ser uma ideal a ser buscada (BAUMAN, 2015, p. 73).

Portanto, esse exercício da liberdade nos dois sentidos é o que se espera dos praticantes da Sociologia, particularmente em seus trabalhos de investigação social e que devem se expressar como diálogo de estreita interação e sintonia com as experiências e vivências da vida cotidiana.

Estaria aqui, deste modo, à vista um exemplo de procedimentos metodológicos dialógicos de pesquisa sociológica. Nesse sentido, concepção, processo e resultado se identificam como prática e expansão da liberdade de escolha. E essa expansão é propósito da ciência que devemos praticar (BAUMAN, 2015, p. 73).

Em seguida, os participantes dos diálogos Jacobsen e Keith Tester, argumentam sobre o fato de haver⁹ depreciação de valores no trabalho de argumentação sociológica de certos estados de coisas, podendo provocar situações em que "homens e mulheres" podem vir a se sentir confusos e humilhados. Estes dois interlocutores argumentam que, uma coisa seria desvalorizar; Mas o que colocar em seu lugar? O que oferecer em troca? Perguntam eles. Finalmente, fazem a pergunta da "pergunta": Será que essa pergunta se refere ao motivo pelo qual homens e mulheres deveriam engajar-se na sociologia?

Quanto aos valores à resposta de Bauman, para quem já o conhece não poderia ser outra: dizer que não é vocação a Sociologia impor escolhas de valores e que, ainda que quisesse, não teria poder para isso. Em seguida, Bauman (2015, p. 15) resume o que ele acredita ser vocação dessa ciência,

[...] é tornar escolha de valores viável e plausível, assim como colocá-la ao alcance do indivíduo que tem sobre si o peso da responsabilidade e encontrar soluções adequadas para problemas existenciais socialmente produzidos.

É necessário aqui sublinhar soluções adequadas para problemas sociais, porque mesmo sendo existenciais e aparentemente individuais, são socialmente produzidos. Mas como fazer isso? O que fazer para cumprir esse preceito, como desobrigar-se de tal demanda no sentido de cumprir tal vocação?

[...] Sociologia precisa tornar as más escolhas inteligíveis e evidenciar as responsabilidades envolvidas. Não é contra um determinado conjunto de valores que a Sociologia se posta, mas contra a afirmação do ‘Não há alternativas’⁸, da qual inspirados por Margaret Thatcher, os poderes constituídos de hoje usam e abusam. Uma escolha é moral quando envolve a aceitação das responsabilidades por suas consequências - e acima de tudo por seu impacto sobre as condições de outros. (BAUMAN et al., 2015 p. 75).²⁰

Terceira lição que a citação nos deixa e nos conforta nessa investigação é que, ao se pautar nessa noção de liberdade, como tornar as escolhas possíveis e inteligíveis e colocá-las ao alcance do indivíduo que tem sobre si o peso das responsabilidades socialmente produzidas? Como fazer isso sem o diálogo vivo com a experiência vivida? Exemplo: em dois números típicos de um respeitado seminário inglês, Bauman (2015, p.76) identifica duas avaliações radicalmente distintas que foram feitas:

Um colunista acusou ‘os jovens’ de serem inúteis, chatos, frouxos, focos de clamídia, ao que um irado leitor respondeu que os jovens supostamente preguiçosos e negligentes tinham ‘alto desempenho acadêmico’ e na verdade ‘estavam preocupados com a confusão que os adultos criaram’. Como em outras incontáveis divergências, trata-se de uma diferença de avaliação e de pontos de vista subjetivos. Nesse tipo de situação, a controvérsia dificilmente pode ser resolvida de modo ‘objetivo’.

Ainda assim, parafraseando Bauman, longe de qualquer preconceito ou juízo de valores, ainda é muito cedo para determinar se as atitudes e visões de mundo que impregnam os jovens de hoje acabarão se ajustando ao mundo que está por vir, no momento de pós-

²⁰Essa definição de vocação da Sociologia lembra o texto da palestra de Weber, em 1918, na universidade de Munique, Alemanha. Neste texto este cientista alemão discute o que restou da ideia de Bildung no mundo moderno. Weber pretende compreender o que restou deste ideal de informação humana e se ele permanece na modernidade na área da especialização. Insiste que a clareza pode cumprir as funções de Bildung e funcionaria como um alerta contra a instrumentalização da ciência. Nesse sentido, cabe ao jovem cientista abraçar o que lhe restaria deste ideal intelectual de Bildung (formação): a especialização. Nesta formação e realização pessoal do ponto de vista ético, dívida ética, esclarecida, só é possível com muito esforço e dedicação pessoal investir na vida inteira em prol de um problema, de uma determinada área da ciência, devendo acumular muito saber em torno de pequenas coisas ou polaridade em meio a um vasto universo de interesses em competição. Nesta realização pessoal em prol de uma coisa ou problema, em saber muito uma pequena coisa, uma formação humana, ética, para além da razão dos meios de comunicação aos fins, expressa construção da personalidade (do ator social) expressa pela dedicação e devoção ao seu trabalho. Portanto, existiria uma identidade entre personalidade e liderança em sua área de especialização, se privando de assuntos políticos.

pandemia do vírus Covid-19; de ver como esse mundo se ajustará as expectativas mais profundas.

Os diálogos prosseguem quando Jacobsen e Keith Tester fazem um resumo do livro de Bauman²¹, por título “Danos Colaterais”, explicitando questões epistemológicas, para no final perguntarem como o diálogo pode se iniciar no mundo talvez mais do que nunca cego, negligente ou talvez até hostil à sabedoria sociológica. Vamos por partes. Resumo do livro: Os interlocutores acima iniciam dizendo que nessa obra, Bauman apresenta certa e perspicaz história da Sociologia e de sua frenética busca de fundamentação e legitimidade científica. Dizem também que o livro descreve criticamente como a Sociologia, ou pelo menos parte dela, através dos tempos tem assumido certa mentalidade gerencial ou tecnológica.

[...] É um incurável fetichismo dos dedos, objetivação do mundo social e de seus integrantes humanos. Em vez disso, você opta por uma visão alternativa de sociologia que privilegia a comunicação, o sujeito humano, a responsabilidade moral, a crítica e o diálogo (BAUMAN et al., 2015, p. 75).

Após esse resumo sobre o modelo de Sociologia adotado e defendido por Bauman, os interlocutores indagam sobre as suas possibilidades, inclusive metodológicas, de progresso no mundo atual:

[...] como você vê as perspectivas dessa visão da sociologia sobrevivendo e prosperando no mundo acadêmico cada vez mais - pelo menos em nossa opinião - caracterizado por uma lógica quantidade, da evidência e da utilidade comercial e gerencial do conhecimento sociológico, e a ela submetida? (BAUMAN, 2015, p. 75)

Completando esse primeiro questionamento, eles formulam uma segunda questão sobre o que seja e quais as possibilidades da "arte do diálogo" como procedimento metodológico, ou seja, como maneira de conceber e fazer sociologia:

[...] Se a sociologia é ou talvez devesse ser - um diálogo crítico permanente com a experiência de vida humana, como você tem insistido, ou uma ‘arte do diálogo’, como esse diálogo pode se iniciar no mundo talvez mais do que nunca cego, negligente ou talvez hostil à sabedoria sociológica? (BAUMAN, 2015, p. 76)

Bauman não costuma a nosso ver responder perguntas colocando nas respostas um ponto final. Suas respostas são construídas com muito cuidado no sentido formativo de proporcionar a “arte do diálogo”. Quando não usa metáforas, recorre a paródias e sátiras, ou a

²¹ BAUMAN, Zygmunt. **Collateral Damages**. Cambridge, Potily, 2011. Edição brasileira: BAUMAN, Zygmunt. **Danos colaterais**. Rio de Janeiro. Editora: Zahar, 2013.

episódios de filmes que representam situações de vida cotidiana, representando um reverso teórico-metodológico para alcançar quiçá diferentes atores e grupos sociais e, quiçá o senso comum, os saberes do cidadão comum. Suas propostas e respostas são sempre abertas, no sentido de continuar dando curso ao debate. As verdades ditas “exatas”, “científicas”, objetivas no contexto do mundo vivido mudam de status teórico quando se refere às discussões, ao saber, à cultura e ao ator e ao mundo de vivências no contexto. Para cada uma dessas, a validade das pretensões discursivas ou argumentativas são diferentes: porque quando se trata de conhecimento, do saber, as pretensões de validade estão relacionadas à verdade, ao passo que, quando se trata de cultura, os atores do diálogo exigem a autenticidade daquilo que se está falando, já quando está em jogo na discussão algo relacionado à subjetividade do ator, da pessoa humana, as pretensões de validade em jogo dizem respeito à sinceridade de quem fala, de quem expõe algo ao seu respeito. Mas, parece que do ponto de vista do pesquisador que tem na “arte do diálogo” uma proposta metodológica, esse sentido de agência é no mínimo plausível, possível de ser realizado. Mas, voltando ao diálogo de Bauman com os sociólogos e professores Michael H. Jacobsen e Keith Tester, desta vez Bauman devolve a pergunta e ao mesmo tempo responde insinuando o espírito de dúvida e começa a falar do fim para o começo em termos da sequência de questões: começa pelo contexto, como foi dito, um mundo talvez mais do que nunca cego, negligente ou talvez até hostil à sabedoria sociológica:

[...] Cego? Talvez, e não inesperadamente, a nossa é, afinal uma cultura da superficialidade e do esquecimento. Negligente? Talvez também, e de novo sem qualquer surpresa: nós nos inclinamos e nos curvamos sob o peso insuportável do excesso de informação, com poucas chances de reduzir o passo, refletir e separar o joio do trigo. Mas hostil? Para essa acusação, um veredito categórico é pouco recomendável. Percebo sintomas de simpatia junto com hostilidade, mesmo de uma forte e crescente demanda, ainda que deficiente em termos de uma autoarticulação e vergonhosamente lenta em romper seu confinamento às masmorras do subconsciente. Com efeito, hostilidade a alguma coisa sinaliza, na maioria dos casos, simpatia em relação à outra (BAUMAN, 2015, p.76).

Mas, Bauman concorda que o diagnóstico de seus interlocutores sobre o ambiente acadêmico está certo, só que deveria incluir uma Sociologia acrítica em relação aos seus preceitos e proibições e que luta para ser útil enquanto seu ofício for “viável” a serviço dos gerentes, ou melhor, do “sistema” e a sua revolução gerencial. Presa aos códigos conservadores da universidade com vernizes de pós-modernidade, presa juntamente à forma e aos estilos atuais, cega a esse “mundo em mudança”, e à redução e evaporação da demanda pelos serviços que essa forma e estilo são capazes de oferecer. Isso também significa permanecer cega à crescente demanda por um tipo de serviço totalmente diferente que a

Sociologia seria capaz de prestar desde que revisse sua forma e seu estilo atuais [...], feitos sob medida para “uma mentalidade gerencial ou tecnológica e um incurável fetiche dos dedos” (BAUMAN, 2015, p. 76).

Ao contrário, para esse autor o mundo precisaria de outra Sociologia. Assim, em nosso mundo atual, de acordo com Bauman (2015, p.79),

[...] Cada vez menos desregulamentado, privatizado e individualizado, esses serviços, muitíssimo necessários, mas até agora escassamente fornecidos, precisa ser prestado tendo em mente a tarefa [...] de uma profunda desobjetificação do mundo social, e de seus integrantes humanos.

Em síntese, numa sociedade individualizada por decreto do destino e encorajada e instigada pela segunda revolução gerencial haveria, segundo Bauman (2015), para a Sociologia uma excitante e empolgante oportunidade de se transformar, para variar, numa ciência/tecnologia da liberdade: dos meios e formas pelas quais os indivíduos por decreto e de jure destes tempos líquidos modernos podem ser elevados à categoria de indivíduos por escolha e de fato.

Dessa forma, Bauman lembra a sugestão de Jeffrey²², na verdade uma convocação, contida em *A Contemporary Introduction to Sociology*. O futuro da Sociologia, pelo menos de imediato, está no esforço para se encarnar e se estabelecer como política cultural a serviço da Liberdade humana. O problema é como realizar essa transição. Que estratégia seguir?

[...] A estratégia consiste em se engajar num diálogo permanente com a doxa; ou o "conhecimento do ator", observando ao mesmo tempo, repito, os preceitos de informalidade, abertura e cooperação, a forma recentemente sugerida por Richard Sanett²³ em seu ensaio sobre o humanismo e seu significado atual que precisa ser profundamente absorvido e memorizado com firmeza.

Em seguida, Bauman (2015, p. 76) explica o que chamou de preceitos de informalidade: abertura e cooperação.

[...] ‘Informalidade’ significa que as regras do diálogo não são preestabelecidas, eles surgem no curso do próprio diálogo. ‘Abertura’ quer dizer que ninguém entra no diálogo com a certeza de sua própria verdade e vendo como sua única tarefa convencer os outros (detentores a priori, de ideias erradas). E ‘cooperação’ significa que nesse diálogo todos os participantes são ao mesmo tempo mestres e aprendizes, e que não há vencedores e nem vencidos.

²² ALEXANDER, J. C. *A Contemporary Introduction Sociology*. Nova York. Paradigm. 2011.

²³ SANETT, Richard. "Humanism". *Hedghed Rewiew*, n. 13, versão 2011.

Mas, qual é o preço a ser coletivamente pago por desprezar, também coletivamente, tal conselho nas próprias palavras deste autor? Esse preço pode ser a irrelevância (coletiva) da Sociologia.

De nossa parte acrescentaríamos a esses critérios de validação de verdades sobre algo no mundo objetivo e no mundo das vivências e experiências da vida cotidiana (mundo vivido), outros requerimentos levantados pelos atores do diálogo quando o debate se refere à esfera social e subjetiva do mundo vivido como sugerimos anteriormente. Quando os atores sociais se referem ao mundo social (das relações, interesses e orientações normativas), os critérios de validação e a legitimidade e quando o debate refere-se a algo no mundo subjetivo dos atores, os requerimentos de validação dos argumentos é a busca consensual da autenticidade do falante ou postulante que busca entendimento coletivo.

Bauman, finalmente, nos oferece nesse momento dos “Diálogos” com Jacobsen e Keith Tester a quinta lição e a sexta lição. A Sociologia que estamos abraçando está em contraste com outra Sociologia com vocação para reforçar a reprodução do *status quo* e oferecer seus produtos ao mercado. Uma Sociologia, digamos como ele, voltada para a compreensão da liberdade de escolha dos atores e grupos sociais numa sociedade que tende a fechar as portas e as janelas das alternativas e oportunidades. Como ele sugere, sigamos a convocação de Jeffrey Alexander de garantirmos o futuro da própria Sociologia, pelo menos de imediato, nos esforçando para encarnar e restabelecer a sua identidade como política cultural a serviço da liberdade humana.

A metodologia do diálogo, onde não existe uma relação de dominação ou assimetria entre quem sabe e quem não sabe, em quem tem cultura e quem não tem, entre mestres e aprendizes, professores e alunos, pesquisadores e pesquisados. Diálogo que supere essas dicotomias e quiçá outras, que supere as heteronímias e outras, inclusive as cognitivas, pois o diálogo exige descentração, abertura a outrem e à novidade. Diálogo que, como Bauman explicou e até aqui mostrou como deveria ser feito, exige, portanto, abertura, formalidade, cooperação. Sem essa disposição de seguir o modelo anterior esboçado por Richard Senett, pelo qual a Sociologia poderá avaliar a qualidade de seus próprios encontros com seus parceiros de diálogo, não chegaremos sequer a esboçar essa reencarnação e o seu reestabelecimento como política cultural a serviço da liberdade humana.

Acreditamos que a clareza da exposição anterior não deixa dúvidas sobre a prática da Sociologia como diálogo vivo com a experiência da vida cotidiana. Sem a “arte do diálogo” dificilmente podemos fazer o trabalho de questionamento do senso comum de nossa vida

cotidiana. Sem ela, a Sociologia também não poderia, certamente, produzir síntese (como diz Paulo Freire, “culturais”); produzir um conhecimento de novo tipo e informação qualitativamente compatíveis com aquela expansão da liberdade de escolha de que já se falou lá atrás. Além disso, como se obter certas informações e acesso a certos saberes e as próprias vivências (subjetividade humana) dos atores sociais, em geral não quantificáveis, não codificáveis, portanto, conhecimento tácito e informações intangíveis, sem essa estratégia sincera de abordagem, de acesso.

Para terminarmos esse momento de discussão metodológica, vejamos entre outras questões acessórias, as “quereles” sobre a legitimidade e a utilidade cognitiva das metáforas. Jacobsen e Keith Tester identificam o gosto pelo uso de metáfora de Bauman em sua vasta obra, a exemplo de outros autores famosos, como Wright Mills, Erving Goffman e Robert Nisbet. Perguntam sobre o uso dessa ferramenta: formas pelas quais se podem navegar e organizar um mundo de imensas possibilidades, complexo e em processo de mudança. Seria essa a razão pela qual alguns sociólogos acham fascinante o uso de tais metáforas? Perguntam eles.

Segundo Bauman, do ponto de vista cognitivo as metáforas são úteis e recomendadas quando se trata de uma situação de aprendizagem, que George Bateson chama de “aprendizagem secundária”. Traduzindo para os iniciantes, os famosos acima e o próprio Bauman utilizam metáforas quando se trata de restaurar ou recompor uma rede de conceito já estabelecida no pensamento científico, mas muito densa e que dificulta captar com certa clareza novos pensamentos, pois de outro modo ficava difícil salientar certas características de tais fenômenos num arcabouço cognitivo com a finalidade de facilitar a sua descrição e compreensão. Ou de outra forma, a “noção conhecida é usada para evocar uma visão em que o fenômeno em questão pode ser situado para que se deduzam suas características” (BAUMAN, 2015, p. 79).

Seu uso, não pertenceria a uma escola sociológica ou filosófica específica e nem estaria ligado às predileções literárias desse ou daquele autor específico “são elos inevitáveis de uma cadeia de pensamentos ou momentos do processo de pensar” (BAUMAN, 2015). Êxito cognitivo de uma metáfora: “Uma metáfora escrita é aquela que no fluxo do tempo, perde sua marca de nascença e deixa de ser percebida como metáfora” (BAUMAN, 2015).

Exemplo disso é o fato de que conceitos da Sociologia foram introduzidos na linguagem das pessoas, sem que eles se dessem conta disso e as utilizem como metáfora: laços sociais, classe, relações humanas, poder, indivíduos e até sociedade. Para o autor, tais noções “foram introduzidas para promover a ideia então audaciosa de que as bizarras

‘totalidades imaginadas’ recém-desenvolvidas e identificadas ou postuladas compartilhavam suas características com o habitual encontro face a face". (BAUMAN, 2015). A nossa versão incorporada no senso comum como espécie de representação social quando termina a linguagem ordinária do dia a dia do cidadão comum. Resumindo:

[...] No caso de uma experiência incomum que precise de uma rede conceitual adequada para ser apreendida e examinada, as metáforas presta um serviço de enorme importância. Servem a imaginação e a compreensão. São arcabouços indispensáveis da imaginação e talvez, as ferramentas mais afetivas para compreensão (BAUMAN, 2015, p.80).

No entanto, o autor chama atenção para a característica reducionista das metáforas, depois de apresentar e descrever longamente um exemplo de metáfora, apresentando outras tantas características como a que o autor fez com o exemplo do termo “sociedade”; tem um sentido pedagógico em termos de exercício da imaginação sociológica. O autor, entretanto, afirma que essa característica reducionista da metáfora, de “reducionista” parcial ou tendenciosa, é uma característica de qualquer cognição. Assim, as metáforas “trazem a luz a lamentável ausência de uma superposição, um efeito, uma incorrigível disparidade entre palavra e ‘coisas’, o conhecimento e seu objeto, assim como a natureza inevitavelmente ‘construída’ dos objetos” (BAUMAN, 2015, p. 82).

Mas, o autor nos conforta sobre essa característica não muito otimista desse recurso de linguagem e cognitivo dizendo que, essa ou aquela limitação do conhecimento que uma vez identificada, se transforma no estímulo mais efetivo a um novo esforço por conhecimento, mas que de outro modo poderia parecer oculto, em prejuízo e não em benefício, do conhecimento (lembramos, por exemplo, a "anomalia" de Thomas S. Khun) desencadeando revoluções científicas (BAUMAN, 2015).

O que fica depois do exemplo das metáforas na produção sociológica?

[...] Esforços cognitivos, a assimilação e a reciclagem intelectuais de experiência em mudança, a articulação de modos de vida adequadamente revisados encontram fertilizantes poderosos nos "resíduos" de justaposições metafóricas, enquanto a área opera entorno de fragmentos iluminados e o terreno mais fértil para a ação investigativo (BAUMAN, 2015, p.82).

Terminamos essa parte da metodologia, para apresentar como o autor, depois dessa digressão metodológica, apresenta a Sociologia que pratica e o seu endereçamento social. Ele (2015, p. 83) diz que o tipo de Sociologia que tentou arduamente praticar é uma sociologia,

[...] endereçada aos atores dos dramas da vida, não a seus roteiristas, diretores, produtores e gerentes de palco, uma sociologia movida pelo pacto de participar da continuada interpretação da experiência deles e das estratégias que elaboram e empregam sem resposta; a uma sociologia voltada a ampliar o escopo das escolhas dos atores e ajudá-los a torná-las ao mesmo tempo razoáveis e eficazes, essas 'áreas opacas' são um habitat natural, e assim as metáforas estão entre suas principais ferramentas. As metáforas tem a vantagem crucial de abrir novas percepções, ao mesmo tempo expondo seus limites, sua irrecorrigível incompreensibilidade e sua falta de finalidade.

Exemplo mais fértil de metáfora, conforme Jacobsen e Keith Tester, interlocutores nesse diálogo, tem sido a da "modernidade líquida". Chama a atenção não só pelo seu uso e seu próprio inventar em vários textos e obras, mas por vários intelectuais trabalhando com uma variedade de disciplinas que vão dos estudos jurídicos e da criminologia aos estudos da religião e do Serviço Social, além da Sociologia. Perguntam: Por que esse uso se tornou tão útil à descrição, análise e diagnóstico atual da sociedade?

Inicialmente, o autor considerou que essa metáfora seria um arranjo temporário e provisório, na ausência de outra forma para se fazer um diagnóstico inicial e um prognóstico, um presságio sobre o status da condição humana líquida moderna. Como o autor, segundo ele mesmo, não chegou à outra solução menos temporária e provisória, à respostas distintas, diagnósticos e prognósticos, situação atual e tendências, fui obrigado a aceitar deixo de Antônio Gramsci, sugerida pelo próprio Keith Tester nessa interlocução, nessa reflexão:

[...] hoje nos encontramos um interregno, um estado em que as velhas formas de fazer as coisas não funcionam mais os modos de vida antigos e herdados não mais se ajustam a presente condição humana, mas as novas maneiras de enfrentar os desafios e os novos modos de vida mais adequados às novas condições ainda não foram inventados, posicionados e postos em movimento. Ainda disso, sabemos mais as formas e ambientes existentes precisarão ser 'liquidificados' e substituídos, embora nenhum deles pareça imune à crítica e todos ou quase todos tenham se destinado a substituição em algum momento (BAUMAN, 2015, p. 89).

E continua:

[...] O que é mais importante: ao contrário de nossos ancestrais não temos uma imagem clara do 'destino' em direção ao qual parecemos nos mover - que precisa ser um modelo de sociedade global, jurisdição global. Em vez disso, reagimos ao último problema, experimentando, tateando no escuro. Tentamos reduzir a poluição provocada pelo dióxido de carbono, demolindo usinas de energia alimentadas a carvão e substituindo-as por usinas nucleares, apenas para evocarmos o espectro de Chernobyl e Fukushima a pairar sobre nós (BAUMAN, 2015, p. 89).

O teórico (2015, p. 90) completa dizendo o que é mais importante nesse quadro de análise global na qual estamos inseridos, mesmo morando no interior do Nordeste do Brasil:

[...] Sentimos, mas que sabemos (e muitos de nós se recusam a reconhecer), que o poder (ou seja, a capacidade de fazer coisas) foi separado da produtiva (ou seja, a capacidade de decidir que coisas precisam ser feitas e são prioritárias), e assim, além de nossa confusão sobre 'o que fazer', estamos agora no escuro quanto a 'quem vai fazê-lo'. As únicas agências de ação coletiva consciente que nos foram deixadas por nossos pais e avós, confinados como estavam as fronteiras do Estado-nação, são claramente inadequadas, considerando-se o alcance global de nossos problemas, assim como de suas fontes e consequências.

Neste nosso mundo global formas de vida estão todas submetidas a sua obsessiva, compulsiva e controlável mudança, segundo Bauman (2015), chamada de modernização. A aceleração dessa modernização transformaria cada vez mais estruturas e "coisas" que nem sequer ainda se estabilizaram tanto na produção material quanto na produção simbólica dessas realidades codificáveis, objetivas ou subjetivas, em algo provisório, fora de moda e com prazo de validade. Tudo parece, inclusive a nossa produção teórico-científica, estar condenada a ser e ficar inclusa, cada estrutura que substituiu uma antiga, por mais sólida que pareça ser, se desmancha no ar. Tudo que aparece, no entanto, sempre será a continuação do que era antes e já é mais. Não existe futuro, somente um aqui e agora que nos coloca em dúvida, em estado de alerta permanente. Tudo parece ser sempre em qualquer estágio e em todos os momentos "pós alguma coisa", e agora pós-pandemia. Mas, sempre pós, uma característica da "modernidade", que segundo Bauman (2015, p. 91), erroneamente foi chamada há tempos atrás de pós-modernidade e que o mesmo preferiu chamar de preferência de modernidade líquida.

[...] modernidade líquida é a crescente convicção de que a mudança é a única permanência, assim como a certeza é a única certeza. Cem anos atrás 'ser moderno' significava buscar 'o estado final de perfeição'. Agora significa uma infinidade de aperfeiçoamentos, sem ter em vista nem desejar um 'estado final'.

Mas o conceito de mudança também mudou. Segundo Bauman (2015), de início a mudança era vista como uma medida preliminar e provisória que se esperava levar a uma era de estabilidade e tranquilidade e, mais, de conforto e lazer. Assim, era encarado como uma,

[...] necessidade confinada ao período entre estruturas e esquema antigos decadentes [...] e seus substitutivos plenamente dados e definitivos, já que perfeitos, resistentes ao vento, a prova d'água e impenetráveis a história (BAUMAN, 2015, p.93).

Hoje é o contrário, citando Richard Sennet, o teórico diz que "organizações perfeitamente viáveis são agora extintas só para provar sua permanente viabilidade" (BAUMAN, 2015, p. 95). E para não deixarmos as coisas no "ar", Bauman (2015, p. 95) cita o próprio interlocutor,

[...] Como diz Keith, o período em que vivemos é um 'interregno', uma época em que os antigos modos de fazer as coisas manifestam cotidianamente sua inadequação enquanto os modos novos e mais eficazes que se esperava que os substituíssem ainda não alcançam o estágio de planejamento. Esta é uma época que tudo pode acontecer, mas pouco ou quase nada pode ser feito com certeza ou pelo menos com grande probabilidade de sucesso.

Parar de tentar? Não! Responde Bauman, nunca deixamos de tentar. Mas, segundo o mesmo, cada tentativa assemelha-se há um arranjo temporário, a um experimento que precisa ser amplamente testado, antes de proclamado como "solução" para os dilemas que enfrentamos. E, no entanto, parece que falta algo nesse diagnóstico. O que será? A revolução tecnológica, que transformou definitivamente o conhecimento na principal matéria-prima do capitalismo que ele chama de parasitário dando novos fôlegos a este, modificando-o no sentido de torná-lo ainda mais parasitário. Consideremos que esse aspecto fundamental está embutido não só nesse conceito de capitalismo, mas também, no conceito de modernidade líquida, embora em determinado momentos fale de redução gerencial.

3.4. Qual é o alcance da Sociologia?

Indagado quanto à previsão de futuro que nos aguarda no fim da modernidade líquida, Bauman responde que tentou com relativa amplitude e profundidade compreender a forma como vivemos as condições da modernidade líquida. O objetivo foi ajudar os "confrades humanos" a lidar com os desafios com que esse modo de vida os confronta e que, não temos mais conhecimentos agora do que tínhamos no início de nossa conversa quanto ao destino atual e amplamente inconclusa dessa aventura humana.

Mas, qual é o futuro ou qual é o alcance da Sociologia? Todo debate até aqui acompanhando os diálogos de Bauman com Jacobsen e Keith Tester, tem sido como reconstituição histórica da própria Sociologia. Por exemplo, indagações como e qual é o público da Sociologia hoje? Teria ela mudado com essa passagem da modernidade sólida à modernidade líquida? Quem ouve os sociólogos e quem aprende com eles hoje? O modo de

ouvir também teria mudado na cultura contemporâneo, perguntam os sociólogos acima? E colocaria uma problemática que interessam junto aos professores e mais a frente, falam da escola dentro dessa problemática de aceleradas mudanças da modernidade em sua fase líquida. Por exemplo, falam os interlocutores acima: "Os estudantes atuais parecem menos interessados em ler livros, mas examinam acidamente as páginas da web e movem um monte de *podcast*, com fones a instalá-los de forma categórica no mundo exterior. Onde isso deixa a Sociologia?" (BAUMAN, 2015, p.97).

Bauman retoma a fala sobre o projeto da Sociologia que passou a primeira parte de sua história, segundo ele, a serviço da construção da ordem. Nesse serviço, sua tarefa, explica ele, foi a de planejar "arranjos sociais adequados para o que Talcott Parsons, o codificador e principal apóstolo dessa fé, denominou de "a questão robbesiana": como induzir, forçar ou doutrinar os seres humanos, ao mesmo tempo abençoados e amaldiçoados como o são pelo dom ambíguo e endemicamente endiabrado do livre arbítrio, a serem orientados do ponto de vista normativo e a seguirem com rotina e ordem um curso de ação previsível, como obrigar as pessoas a involuntariamente com satisfação o que devem e/ou são compelidas a fazer. A Sociologia era, então, por assim dizer, uma "ciência e tecnologia da falta de liberdade". (BAUMAN, 2015, p.97).

E agora quais são os projetos e os alcances da Sociologia? Segundo o autor, a nossa sociedade líquida moderna é cada vez mais individualizada e a solução do problema criado socialmente é transferida dos poderes sociais para os ombros dos indivíduos. Ele admite que em face disso, e mais do que isso, a Sociologia teria a chance, além de ser uma obrigação moral dessa ciência, de se transformar numa ciência e tecnologia da liberdade. Ou seja, num conhecimento dos modos e formação pelas quais os indivíduos por decreto e por direito da era líquida moderna podem ser levados à condição de indivíduos por escolha e de fato (BAUMAN, 2015).

Já vimos esse projeto mais atrás no curso desse diálogo, da necessidade de a Sociologia se reestabelecer num esforço para ser uma política cultural a serviço da liberdade humana e precisando, para tanto, se envolver num diálogo vivo e contínuo com a experiência humana em sua vida cotidiana.

Aqui, o autor (2015, p. 97-98) ao reafirmar essa tese, fala algo que nos interessa como educadores; os sociólogos estariam nesse diálogo convocados para realizar dois papéis geminados,

[...] são os de desnaturalizar o habitual (desmentindo sua suposta autoevidência) e naturalizar (domar, domesticar e tornar controlável) o incomum. Ambos os papéis

exigem a habilidade de revelar e elucidar as influências e dependências com que os seres humanos precisam confrontar-se sempre que se deparam com tarefas que são forçados a realizar e que se espera que realizem (de modo contrafactual, em muitos casos), individualmente, com recursos individuais e por sua própria conta e risco.

Forma e conteúdo desse diálogo, segundo Bauman (2015, p. 98), o diálogo que ele tem em mente é algo difícil, pois,

[...] Envolve comprometer parceiros numa conversa com intenção de solucionar conjuntamente questões em vez de ganhar a discussão e impor seu próprio ponto de vista: de multiplicar as vozes em vez de reduzir seu número; de ampliar consequências possíveis em vez de desprezar todas as alternativas e, portanto, de buscar conjuntamente a compreensão em vez de tentar derrotar as outras provocações - e, no geral, ser animado pelo desejo de manter a conversa em andamento em vez de querer levá-la a um desfecho. Dominar essa arte leva um tempo enorme, embora menor que o tempo de praticá-la. Também exige humildade, abdica dos privilégios de especialista infalível, expor-se ao risco de os outros demonstrarem que você está errado.

Bom, toda essa citação é para sermos fiéis ao texto do autor e à sua proposta, particularmente. Aqui, nós temos algo anteriormente visto como metodologia de trabalho de investigação social, agora transposta para o todo social.

O autor fala do risco de perder qualidade técnica em tal processo. Diz ele que pode haver esse temor que se destaca entre as dificuldades e obstáculos que certamente aparecerão, às vezes, intransponíveis em escala maior. Adverte ainda que, como seres humanos, além de objetos de nosso estudo, também se tornam nossos parceiros no diálogo e num cálculo para atender suas necessidades e resolver seus dilemas, os sociólogos perdem o conforto desfrutado pela ciência voltada para o que não é “humano” (BAUMAN, 2015).

E o que conforta essa em relação a outras ciências? O privilégio de ignorar a quaisquer opiniões sustentadas por seus objetos de estudos e de exercer a plena, indivisível e inalienável soberania "profissional" sobre a criação de significado e separação de verdade e inverdade. A qualidade técnica do estudo ganha novo significado (BAUMAN, 2015).

Como essa qualidade técnica pode ser avaliada? Segundo Bauman (2015), ela será avaliada pela compreensão mútua e pelos interesses e tarefas dos objetos de pesquisa, e não pelos projetos dos pesquisadores. E essa perda (ou abdicção voluntária) do monopólio dos decretos de interpretação, assim como nossa concordância em compartilhá-los com nossos "objetos" que é equivocadamente interpretada por alguns como perda de qualidade técnica. (BAUMAN, 2015, p. 99).

O autor parece nos chocar na verdade, diante de uma problemática de educação, o melhor da formação de pessoa humana no que já se discutiu anteriormente, da tradição socrática da formação com base no diálogo e da formação no sentido alemão, de Bildung quando se discutiu "a ciência como vocação" para se viver, assim, segundo o autor (2015, p. 99),

[...] O propósito maior da educação em que os sociólogos então se empenhariam (já que a linha divisória, entre a comunicação em geral, e o diálogo em particular, e a educação recíproca está longe de ser fixa, clara e inegociável) é a preparação de nossos parceiros de conversa para a vida, e a sociologia do tipo que tenho praticado se dedica a prepará-los para a vida no tipo de sociedade em que nossos pupilos ou alunos estão fadados a viver e que eles próprios irão produzir ao mesmo tempo que serão produzidos por ela.

Assim, já tendo sido condenados à individualidade, diz o autor (2015, p. 99) que,

[...] nossos alunos ainda terão que acender por si mesmos da condição de indivíduos meramente por decreto do destino à condição de indivíduos de fato, capazes de se afirmar, de escolher o tipo de vida que desejam levar e de seguir essa escolha.

Dessa forma, conforme Bauman (2015), a Sociologia poderá “ajudá-los a ter consciência daquilo que essa empreitada deve ou pode envolver, e assim a expandir suas opções, da mesma forma que apoiar a causa de sua liberdade”. Vejamos que Bauman não está utilizando o sujeito, o sociólogo educador, mas a tarefa da Sociologia, logo, da ciência praticada, como política cultural e voltada para a liberdade dos seres humanos.

Para fecharmos este capítulo, concordamos plenamente com Bauman (2015, p. 114) quando diz que a Sociologia deve ser voltada para a arena pública,

[...] Creio que é vocação da Sociologia retirar o mundo humano da invisibilidade da "doxa" (o senso comum, irrefletido - o conhecimento com que pensamos, mas sobre a qual raramente refletimos) para torná-la foco de atenção, área de consciência e campo de ação deliberada - desnaturalizando o natural e problematizando o não problemático. Em vez de postular que a sociologia seja crítica, suponho que a sociologia leal a sua vocação, seja em si mesma crítica: ambigualmente, conscientemente ou não, pela pura lógica de sua atividade.

4. OS CAMINHOS DE NOSSA PESQUISA

Neste capítulo apresentaremos além dos procedimentos metodológicos utilizados durante a pesquisa de campo, o universo da pesquisa com seus respectivos atores. Nele, também discutiremos os problemas e limitações enfrentados durante a execução da pesquisa e a superação das barreiras, decorrentes da crise sanitária, para sua conclusão.

4.1 Procedimentos Metodológicos da Pesquisa de Campo

Iniciaremos descrevendo os métodos e técnicas de levantamento de dados que foram utilizados durante a pesquisa. Tentou-se realizar aqui uma pesquisa exploratória com método qualitativo, fazendo uso de aplicações de questionários e grupos focais. Em seguida, utilizamos o método da netnografia como único recurso para seguir desenvolvendo a pesquisa.

Nossa pesquisa possui um caráter exploratório onde o estudo de caso foi embasado pelo levantamento bibliográfico sobre as redes sociais e as relações líquidas da sociedade contemporânea decorrentes das relações cibernéticas. Esse tipo de pesquisa ocorre quando ela “se encontra na fase preliminar, tem como finalidade proporcionar mais informações sobre o assunto que vamos investigar, possibilitando sua definição e seu delineamento, isto é, facilitar a delimitação do tema da pesquisa” (PRODANOV e FREITAS, 2013, p. 51-52) A partir dessa delimitação de pesquisa, fixamos os objetivos e formulamos as hipóteses que nortearam nossa pesquisa.

Com abordagem qualitativa, a pesquisa centrou na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais, onde se trabalha com o universo de significados, motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes (MINAYO, 2001), que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis, considerando a subjetividade dos jovens estudantes a partir de seus relatos de experiência. Com a fase exploratória da pesquisa concluída, se estabelece o trabalho de campo que, conforme Minayo (2001, p. 26),

[...] consiste no recorte empírico da construção teórica elaborada no momento. Essa etapa combina entrevistas, observações, levantamentos de material documental, bibliográfico, instrucional etc. Ela realiza um momento relacional e prático de fundamental importância exploratória, de confirmação ou refutação de hipóteses e construção de teorias.

A aplicação de questionários fez parte de todas as etapas da pesquisa, desde os encontros presenciais na escola, antes da realização dos grupos focais, e no ambiente virtual através das plataformas digitais. Para isso, precisamos compreender do que se tratam os grupos focais, também conhecidos como *focus group*.

Essa técnica consiste no agrupamento de pessoas para avaliar conceitos ou identificar problemas (CAPLAN, 1990), de modo a contribuir com a compreensão de práticas relacionadas ao cotidiano, comportamentos e atitudes, além de promover o conhecimento das representações, percepções, crenças e valores por parte das pessoas que ali se fazem presente para partilhar e contribuir com a pesquisa (GATTI, 2012). A participação voluntária dos jovens foi decisiva para a realização dos grupos focais, além disso, a espontaneidade na comunicação que resultou em uma importante coleta de informações sobre o uso das tecnologias digitais, sobretudo das redes sociais.

Com a dificuldade em realizar encontros presenciais, outro método de pesquisa foi utilizado, a netnografia. Trata-se de uma proposta metodológica que amplia as potencialidades da etnografia a nível virtual. Baseada na observação participante e no trabalho de campo online, que utiliza as diferentes formas de comunicação mediada por computadores como fonte de dados para compreensão e a representação etnográfica dos fenômenos culturais e comunais (KOZINETS, 2014). Nela é possível adaptar inúmeras características da etnografia, onde se estuda de forma espontânea as manifestações sociais no universo cibernético, pode combinar diferentes instrumentos e técnicas de pesquisa e fazer uso de diferentes ferramentas de comunicação no universo virtual (KOZINETS, 2010).

Esse método, portanto, atende as necessidades da pesquisa voltada para todos os aspectos que permeiam as formas de interação social no ambiente virtual, desde as características dos interlocutores, a linguagem, a história e os significados presentes na observação são de inteira relevância para a pesquisa. Trata-se dos elementos contextuais que contribuem para compreender o objeto da nossa pesquisa.

Por se tratar de um trabalho cuja pesquisa se realizou em nosso próprio ambiente de trabalho, ora na sala de aula física, ora virtual, buscamos investigar situações do cotidiano escolar que identifique a forma como os estudantes utilizam e enxergam as redes sociais na vida e, conseqüentemente, nos estudos. Dessa forma, a pesquisa de caráter exploratória e qualitativa busca observar o cotidiano e dialogar com jovens de modo a conhecer suas vivências e experiências no universo cibernético, “é um exercício de interpretar as interpretações dos outros, buscando descrever, não tanto pelo explicar” (MONTEIRO, 1998, p. 11).

4.2 Universo da Pesquisa

O campo de pesquisa é constituído por uma escola da rede pública estadual de ensino do Estado da Paraíba, localizada no município de Montadas - PB, com público de 146 jovens alunos distribuídos nas três séries do Ensino Médio. Recentemente modificada para o modelo de ensino integral²⁴, ocasionou uma expressiva diminuição do número de alunos matriculados, que são oriundos da zona urbana do município de Montadas - PB e da zona rural, também de municípios circunvizinhos, a exemplo de Puxinanã - PB, Areial - PB e Lagoa Seca - PB.

A permanência dos estudantes nas dependências da escola se dá no período de 07h20minh da manhã até às 17h da tarde, todos os dias úteis da semana, com direito a três refeições diárias. Dividida em nove aulas diárias, a carga horária é distribuída entre disciplinas obrigatórias que contemplam a BNCC e com disciplinas da parte diversificada²⁵, além do horário reservado para aulas de projeto de vida e pós-médio, este último específico para alunos da terceira série do Ensino Médio.

Inicialmente, a pesquisa foi realizada a partir do levantamento dos dados fornecidos pelos pais na secretaria da escola, no período de matrícula do ano letivo vigente. As informações retiradas do sistema Saber²⁶ serviram para fazer o levantamento do perfil dos alunos matriculados nesta instituição de ensino. Dados como a faixa etária, gênero, domicílio e disponibilidade de transporte escolar foram necessários para conhecer quem são os agentes da pesquisa em questão.

Em seguida, durante as aulas de Sociologia, todos os alunos foram indagados sobre o usufruto de dispositivos no acesso à internet no ambiente familiar, em seus domicílios. Esse levantamento foi realizado entre todas as turmas da escola e foram questionados individualmente, tendo o objetivo de mapear o quantitativo de alunos que possuem e utilizam computador e aparelhos de smartphone e, além disso, que possuem e fazem uso da rede wi-fi

²⁴ A escola se tornou Cidadã Integral a partir de 2019.

²⁵ A parte diversificada é composta pelas seguintes disciplinas: Estudo Orientado, Colabore e Inove, Eletivas, Projeto de Vida e Pós-Médio, além de horário destinado para Avaliação Semanal.

²⁶ Ambiente Virtual de Apoio à Educação Estadual Paraibana, criado para auxiliar as ações dos dirigentes estaduais e das equipes escolares. Nele, além dos dados pessoais dos alunos e professores, são registradas as aulas ministradas, as frequências e avaliações dos alunos.

nas suas residências ou rede móveis de internet. Foi necessário dois dias para realizar essa pesquisa, o equivalente ao tempo de 1 hora/aula por turma.

Dessa maneira, os alunos foram convidados a participar de grupos focais em horários paralelos às aulas de Sociologia. Nosso objetivo era favorecer uma aproximação mais efetiva com os alunos e ouvir suas considerações, vivências e experiências sobre os usos comuns dos espaços digitais. O grupo focal favorece a compreensão das práticas cotidianas, dos comportamentos e atitudes dos agentes envolvidos na pesquisa, além de ser uma técnica importante para o conhecimento de representações, percepções e valores destes que fazem parte do transcurso investigativo.

A participação foi voluntária, os alunos que se sentiram a vontade para debater sobre o tema das redes sociais aceitaram o convite. Participaram um quantitativo de 26 alunos, divididos em dois grupos. Para a realização do encontro, contamos com a contribuição dos professores das disciplinas de Espanhol e Química, que liberaram os alunos nos seus respectivos horários de aula. Foi realizado apenas um encontro com cada grupo, devido à suspensão das aulas ocasionada pela crise sanitária proveniente do Coronavírus, que inviabilizou a continuidade dos encontros físicos e, conseqüentemente, a continuidade da pesquisa através dos grupos focais.

Os jovens, por sua vez, são os que potencializam o domínio dessas novas tecnologias, pois nasceram e cresceram cercados por elas, particularmente pela internet, e fluem livremente pelas redes, produzindo cultura, modos de ser e expressões diversas, reconfigurando relações sociais e propiciando uma nova forma de sociabilidade (OLIVEIRA, 2012). São eles a fonte de nossa pesquisa, jovens estudantes do Ensino Médio nascidos entre os anos de 1996 e 2005, que de maneira generosa cederam informações sobre suas rotinas e hábitos digitais, práticas comuns em suas vidas virtuais e seus reflexos na vida real e nos estudos.

Antes de iniciar o encontro com o grupo focal, os alunos-participantes responderam um questionário²⁷ sobre os principais sites visitados e aplicativos comumente utilizados por eles. Além disso, quais os conteúdos mais procurados por eles na Web. Diante das respostas, demos início ao debate, onde os alunos expuseram seus reais interesses pelas mídias digitais e suas inúmeras redes sociais. Evidenciaram interesses pessoais que se entrelaçavam com aspectos educacionais, estética, jogos e entretenimento, tudo isso detalhadamente transcrito para melhor compreensão das informações ali colhidas.

²⁷ Segue no Apêndice 2

Nesse encontro, explicamos o objetivo da pesquisa e enfatizamos a importância deles enquanto agentes participantes e representantes da classe estudantil e juvenil daquela entidade escolar, que é o foco de nossa pesquisa. Compreenderam o valor e o papel que estavam incumbidos de repassar com clareza, objetividade e veracidade as informações necessárias para uma melhor leitura sociológica do fenômeno das mídias digitais e seu emaranhado de redes sociais e dos impactos gerados na vida dos jovens.

Nesse sentido, para compreender os espaços de socialização digital no palco das redes sociais, precisamos entender a juventude, não apenas como uma passagem de vida do indivíduo dentro da sociedade, mas como uma categoria socialmente produzida, construída historicamente e determinada por limites geográficos e temporais (DAYRELL e CARRANO, 2014), que precisa ser reconhecido e identificado pelas múltiplas dimensões que a condição dos jovens está amparada, diante da apropriação juvenil da cultura (ROCHA e SILVA, 2008) pautada por processos efêmeros, condicionada a questões como a sociabilidade, trabalho, valores, identidade e tantos outros aspectos.

Com a suspensão das aulas presenciais, a Secretaria Estadual de Educação implementou uma nova modalidade de ensino via internet, e nos colocou numa nova realidade de trabalho e estudo, as aulas remotas. Utilizando o Google Classroom, foram formadas salas de aulas virtuais para todas as turmas da escola e semanalmente cada professor disponibilizaria atividades vinculadas a eixos norteadores determinados pela própria Secretaria do Estado. Para isso, os professores passaram por uma semana de formação em Educação Remota²⁸ utilizando desses mesmos recursos como forma de familiarizar-se com as tecnologias digitais de ensino. Tanto para o professor quanto para o aluno, foi criado um e-mail institucional que daria acesso direto à sua sala de aula.

Os eixos norteadores deveriam ser aplicados em todas as disciplinas, desde que atendessem às competências e habilidades dispostas na BNCC e que vinculasse as atividades a outras plataformas digitais de massa. Foram oito semanas de temas e conteúdos distribuídos entre todas as disciplinas, de maneira alinhada e interdisciplinar. No entanto, a acessibilidade da maioria não foi contemplada. O equivalente a 48,6% do público foi atendido, deixando mais da metade dos alunos da escola sem acesso às atividades escolares de forma remota. Para isso, outra estratégia foi lançada, a entrega de atividade impressas na própria escola, realizada semanalmente pelos funcionários de apoio da mesma.

²⁸ Disponível em: <<https://sites.google.com/prod/see.pb.gov.br/pbeduca/p%C3%A1gina-inicial/forma%C3%A7%C3%A3o-remota>>. Acesso em: 30 jul. 2020.

Nesse sentido, o papel da escola precisa ser repensado, pois é necessário reconhecer as particularidades, as assimetrias culturais e sociais, assim como as simetrias, as limitações e discrepâncias entre as partes, sabendo que esse posicionamento pedagógico tem reflexos na sua organização interna enquanto entidade política, e reflexos externos na vida dos discentes e suas relações além das escolares. Conforme afirma Correa (2012, p. 125), “[...] a educação aberta à diversidade cultural não emerge por razões pedagógicas exclusivamente, mas por motivos sociais, políticos e ideológicos [...]”, sendo uma prática que garante o reconhecimento de parte substancial de diversidades múltiplas e características próprias de grupos que, até certo ponto, encontram-se marginalizados nas discussões e fazeres escolares e da sociedade, a exemplo dos homossexuais, negros, mulheres e agora mais do que nunca, os pobres.

Ainda, na perspectiva da liquidez moderna de Bauman (2010), que assola os vínculos humanos, a educação enfrenta atualmente desafios ligados a sua gênese, de se manter enquanto produto viavelmente apropriado, útil e conservado diante da efemeridade das coisas e, além disso, manter-se diante da inconstância das coisas e da verdade do saber. Para o teórico (2010, p. 43),

[...] Em todas as épocas, o conhecimento foi avaliado com base em sua capacidade de representar fielmente o mundo. Mas como fazer quando o mundo muda de uma forma que desafia constantemente a verdade do saber existente, pegando de surpresa até os mais ‘bem-informados’?

De acordo com Bauman (2010), há uma nítida distinção histórica da representatividade da educação na sociedade moderna e na contemporânea. Criada para um mundo durável, a educação visava permear gerações e permanecer duradoura. Nesse sentido, uma memória seria sinônimo de durabilidade, pois quanto maior fosse, maior seu valor. “Hoje, uma memória tão solidamente ancorada parece ser potencialmente incapacitante, em muitos casos, desorientadora, outros tantos, quase sempre inútil” (BAUMAN, 2010, p. 46). No mundo volátil de hoje, isso representaria uma desvantagem diante das mudanças instantâneas e erráticas. Para o mercado do conhecimento, essas características da educação ortodoxa, junto aos esquemas cognitivos sólidos e as preferências por valores estáveis, precisariam ser removidas, pois se tornariam obstáculos para uma educação atual e desafiadora.

Quando se pensa na reforma das estratégias educacionais, Bauman (2010, p. 50) acena para um problema eminente, “neste mundo novo, pede-se aos homens que busquem soluções privadas para problemas de origem social, e não soluções geradas socialmente para problemas

privados”. Atribuem à escola e aos seus mestres uma responsabilidade de problemas (ou resolução deles) que estão fora dos muros das escolas. É o mundo lá fora que mudou comparado ao mundo que as escolas descreviam para seus alunos.

A comunicação entre a gestão escolar, professores e alunos era realizada via WhatsApp, inclusive para articular a inclusão dos discentes nas plataformas digitais e informar das atividades ali dispostas. Esse também foi outro instrumento utilizado para prosseguir com a pesquisa. Um novo questionário sobre a importância da internet e a função das redes sociais para os jovens estudantes foi respondido individualmente pelos alunos que participaram dos grupos focais. Nele, a exaltação da internet como suporte para os estudos e para a praticidade da vida real conectada às relações virtuais foi claramente apontada pelos jovens. Evidenciando a forma como usam as redes sociais e o que pensam sobre elas no seu cotidiano, mas, principalmente, trazendo para nossa análise suas vivências e experiências no ciberespaço.

Diante dessa experiência, desenvolvemos outro método de pesquisa, a netnografia, que se constitui num trabalho de campo etnográfico no ambiente virtual. Condicionados aos usos das plataformas digitais, fomos conduzidos à pesquisa virtual, que iniciou com o aplicativo do WhatsApp, mencionado acima, e concluiu com o questionário no *Google Forms*²⁹, onde levamos os alunos a indagar sobre sua própria vivência enquanto estudante virtual, bem como compreendê-los diante de tão brusca mudança no processo de ensino-aprendizagem.

Na verdade, diante de inúmeras reclamações dirigidas à gestão escolar por parte dos alunos com relação ao uso do ambiente virtual para o desenvolvimento de tarefas, o questionário, através do *Google Forms*³⁰, veio identificar as reais dificuldades e compreender esse novo cenário dos estudantes que se confronta com as informações cedidas no início do ano letivo para esta pesquisa. Haja vista, o número de alunos realizando as atividades na plataforma digital é pífio comparado ao número dos que alegaram possuir computadores e celulares e ter acesso em seu domicílio à rede de internet Wi-fi.

Nesse último questionário, destinado para compreensão da contribuição das mídias sociais na vida escolar dos jovens e os limites da primeira leitura a partir da experiência com a plataforma digital, perguntamos sobre qual dispositivo é mais utilizado, quais as principais dificuldades e vantagens encontradas nessa nova modalidade de ensino e quanto tempo eles

²⁹ O *Google Forms* é um serviço gratuito para criar formulários online. Nele, o usuário pode produzir pesquisas de múltipla escolha, fazer questões discursivas, solicitar avaliações em escala numérica, entre outras opções.

³⁰ Questionário apresentado do Apêndice 1

dedicam para os estudos durante o dia. Reconhecendo que, atualmente, o aparelho smartphone caracterizado até pouco tempo como instrumento de comunicação e divertimento, hoje se transformou em livro e lousa para atender uma nova necessidade global. Este questionário foi respondido por 74 alunos e estava aberto para todos aqueles que conseguiram acesso à plataforma e estavam desenvolvendo suas atividades escolares pelo *Google Classroom*. As respostas desse questionário nos forneceu uma primeira aproximação crítica da experiência.

A realização da pesquisa sofreu alterações no decorrer de sua aplicabilidade, ocasionada pelo Decreto Estadual nº 40.122, de 13 de março de 2020, que estipulou Situação de Emergência no Estado da Paraíba e paralisou todas as atividades escolares presenciais como medida de prevenção ao Covid-19. As aulas foram retomadas com regime especial de ensino após resolução nº 120/2020 do Conselho Estadual de Educação que orientava a reorganização das atividades curriculares e reelaboração do calendário escolar atendendo as normas excepcionais sobre o ano letivo vigente.

A pandemia limitou o acesso aos estudantes impossibilitando a comunicação com aqueles desprovidos de rede de internet Wi-fi nas suas residências e com poucos recursos financeiros para fazer uso de dados móveis através de suas operadoras de telefonia. Fez-nos conhecer e utilizar, também, outros métodos de pesquisa, a exemplo da netnografia. Através do uso das plataformas digitais como ferramenta de comunicação e conectividade, foi possível realizar as aulas remotas, dar continuidade a nossa pesquisa e seguir com a análise dos dados.

Diante desse detalhamento do cenário de pesquisa, antes delimitado por um espaço físico e estabelecido especificamente para o processo de ensino e aprendizagem, hoje sem delimitações espaciais e temporais, recebe uma nova roupagem e se vê obrigado a amoldar-se à nova realidade virtual frágil, baseada em tempos líquidos. Seguimos como a análise dos dados colhidos com a pesquisa.

5. JOVENS ESTUDANTES E REDES SOCIAIS: USOS, PENSARES E SIGNIFICADOS

Para entender o contexto em que os jovens da E.C.I.E.E.F.M. Maria José de Souza do município de Montadas/PB estão inseridos, apresentaremos um levantamento detalhado do perfil dos alunos ali matriculados, a partir das informações presentes na plataforma digital do

Sistema Saber. Com um público atual de 146 jovens alunos matriculados e distribuídos em seis turmas nas três séries do Ensino Médio, cuja idade varia entre 15 a 24 anos, conforme **Tabela 1** abaixo.

Tabela 1 – Faixa Etária dos alunos matriculados no ano letivo de 2020

FAIXA ETÁRIA	QUANTIDADE	PORCENTAGEM (%)
1996 (24 anos)	2	1,4
1998 (22 anos)	3	2,1
1999 (21 anos)	5	3,4
2000 (20 anos)	8	5,5
2001 (19 anos)	9	6,2
2002 (18 anos)	25	17,1
2003 (17 anos)	56	38,4
2004 (16 anos)	33	22,5
2005 (15 anos)	5	3,4

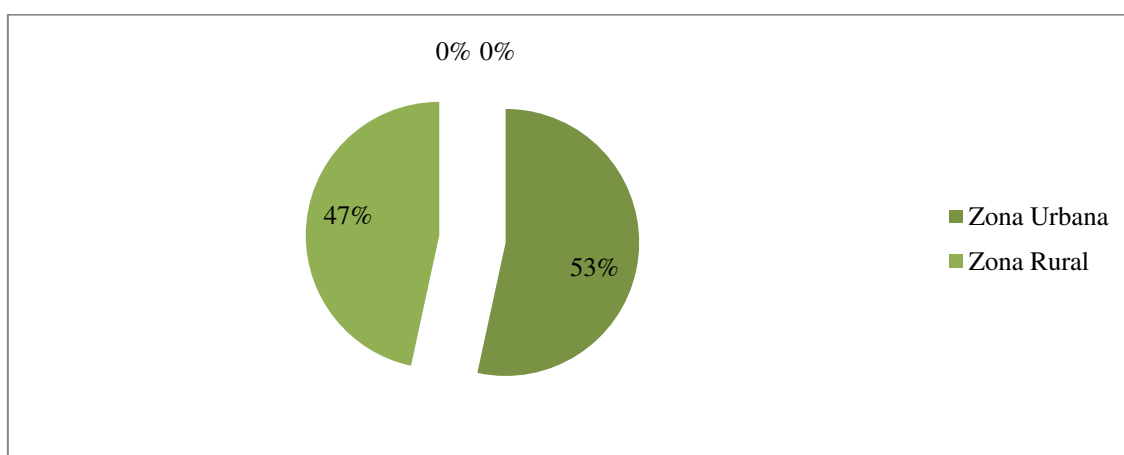
Fonte: Elaborada pela autora. Dados da pesquisa.

De acordo com o IBGE, indivíduos de faixa etária entre 15 e 29 anos são considerados jovens no Brasil e é justamente esse público que esta escola atende. A fase juvenil é marcada por um turbilhão de informações e responsabilidades, cobranças ainda mais pontuais não apenas pelas singularidades familiares, mas pela própria sociedade. Trata-se de uma etapa do ciclo da vida em que culmina o processo de socialização, pois prepara o indivíduo para a produção e reprodução da vida e da sociedade (ABRAMO, 2005), cujo ciclo vem acompanhado de atribuições sociais e culturais e suas características sofrem modificações de geração em geração.

Levando em consideração a legislação que organiza a oferta do ensino no Brasil, a Lei 9.394/1996, a faixa etária entre 15 e 17 equivale à idade dos jovens que devem encontrar-se matriculados no Ensino Médio, o que representa nesta escola 78,1% dos alunos. No que tange a situação de distorção idade-série da Educação Básica, 12,3% estão fora da faixa etária correta para a série cursada.

Situada no centro do município de Montadas - PB, a escola atende ao público da zona urbana e rural deste município, assim como da zona rural dos municípios circunvizinhos (Puxinanã, Areial e Lagoa Seca), conforme o Gráfico 1 que segue. Quase metade dos estudantes reside distante da escola, precisando se utilizar de meios de transporte diariamente para assistir aula, seja através de transporte coletivo cedido pelo poder público, seja em motocicletas particulares. Nenhum deles possui vínculo empregatício, pois durante 10 horas do seu dia útil está dentro da escola cumprindo com suas atribuições de estudante, assim como, todos se encontram com registro de estado civil solteiro.

Gráfico 1 – Porcentagem de alunos que residem na zona rural e urbana.



Fonte: Elaborada pela autora. Dados da pesquisa.

No início do ano letivo de 2020, os alunos foram indagados sobre a utilização de recursos de multimídias em seus domicílios, assim como do acesso à internet via Wi-fi. Dentre os 146 alunos, 47 possuem computador em casa, porém, a grande maioria dificilmente os utiliza, justificando esse dado à praticidade com que os aparelhos smartphone proporcionam aos mesmos na comunicação e aquisição de informação, substituindo, portanto, os computadores.

Além disso, o poder aquisitivo dos estudantes é limitado. Da totalidade dos alunos, 91 deles são atendidos pelo programa social do Governo Federal Bolsa Família, segundo dados da própria secretaria da escola. Esse número é equivalente a 62,3% dos estudantes com baixa renda, desencadeando em limitações na aquisição de meios tecnológicos e, conseqüentemente, encontrando barreiras na ampliação de conhecimento e utilização de diferentes acessos de informação; nítido cenário da desigualdade social.

Em entrevista nos grupos focais, os próprios alunos afirmam que:

Celular é mais prático, mais rápido e porque ninguém tem condição de está comprando um computador e computador não dá para levar para os cantos. Mais Rápido. Facilita tudo, mas não a todos (GRUPO FOCAL, 2020).

No caso o Manuseio é mais fácil. Pode se carregar em qualquer lugar. Fazer basicamente as coisas que um computador consegue fazer, usar o drive (GRUPO FOCAL, 2020).

Nem todo mundo sabe mexer em um computador né, aí já sabe. No celular é mais fácil de mexer, você só olhando você consegue desenrola tudo. E na maioria dos celulares de hoje em dia tem os programas que tem no computador, tipo como Excel, Word (GRUPO FOCAL, 2020).

Eu não tenho computador em casa (GRUPO FOCAL, 2020).

Eu tenho notebook só que eu não gosto muito, quer dizer não é meu, mas tem em casa, mas prefiro o celular, é mais prático. É pequeno, mais pratico e mais flexível. Uso o celular e o tablete só que o celular é mais pratico para fazer pesquisa (GRUPO FOCAL, 2020).

A leitura feita por Rocha e Silva (2008, p. 15) analisa bem os dados acima e a realidade que os jovens estudantes se deparam diante da aquisição e utilização de dispositivos de interação e pesquisa,

[...] o acesso aos meios tecnológicos é, hoje, menos desigual do que a posse do equipamento, a *lacuna* continua sendo enorme entre aqueles para os quais a tecnologia digital faz parte do ambiente familiar e cotidiano e para aqueles que só podem acessá-la ocasionalmente; isso se traduz – como afirma Bourdieu – na marca de classe que a posse deixa sobre o modo de relação com os dispositivos e recursos.

O uso das redes de acesso à internet tornou-se nos últimos tempos uma necessidade nas residências brasileiras. E, conforme declarado pelos alunos, representa 83,6% de presença nos lares desses jovens. No entanto, a dificuldade de usufruir de uma rede de internet com boa qualidade é notória em cidades interioranas e amplia ainda mais a disparidade do acesso às tecnologias digitais. Contudo, ao nos depararmos recentemente com a necessidade de realizar aulas remotas em plataformas digitais, o número de alunos com restrições ao acesso aumentou drasticamente, apenas 71 alunos conseguiram cumprir com as atividades.

Com a recente expansão do vírus SARS-CoV-2 no mundo, popularmente chamado de Coronavírus, as escolas foram forçadas a parar seu funcionamento presencial e os Estados tiveram que criar um Plano de Ação Emergencial baseada nas diretrizes do Conselho Nacional de Educação³¹ para atender as novas demandas e garantir o ensino e aprendizagem em tempo de pandemia.

³¹ Resolução nº 120/2020, que trata da reorganização das atividades curriculares e do calendário escolar.

No mês de maio do ano de 2020, as aulas remotas deram início com o uso da plataforma digital do Google Classroom. As aulas aconteciam baseadas em eixos norteadores e temáticas diversas (direitos humanos, saúde, sociedade, cultura e economia) que tornaram as atividades interdisciplinares e com o objetivo de serem mais atrativas, pois o uso de outras mídias sociais e redes sociais seriam possíveis de acrescentar às atividades. Para que os alunos tivessem acesso aos materiais disponibilizados pelos professores na plataforma, seria preciso gerar um e-mail institucional através do computador ou do aparelho smartphone, com o auxílio da secretaria da escola.

A escola contém 92,5% de seu alunado fazendo uso do aparelho smartphone, informação essa declarada pelos mesmos no questionário em sala. Porém, não equivalente ao número de alunos que garantiram seu acesso à plataforma digital para realização das atividades pedagógicas. O número de frequentadores nas salas de aula online reduziu radicalmente - o equivalente a 48,6% do alunado acessando as atividades -, e a justificativa utilizada era justamente a dificuldade no acesso à internet e aparelho ineficiente. Um número expressivo dos alunos que estava utilizando dados móveis da sua operadora de telefonia para cumprir com suas obrigações estudantis, dificultando, portanto, seu processo de aprendizagem. Outros, sem aparelho e sem acesso a internet recebiam semanalmente as atividades impressas na escola.

As queixas surgiram por parte dos alunos com o excesso de conteúdo e atividades para fazer em casa, pois antes utilizavam a internet em casa acessando sites de relacionamento e entretenimento, agora se viam com atividades escolares, dividindo, assim, seu tempo e o uso dos dados móveis. Internet essa que em muitos casos é limitada devido ao recurso financeiro escasso para adquiri-la. A tecnologia finalmente adentrou a sala de aula, aliás, o inverso aconteceu, a escola entrou no universo tecnológico.

Para Edna Brennand (2006, p. 2002), novas habilidades e aptidões deverão ser desenvolvidas, capacidades cognitivas de aprendizagem serão aprimoradas ao fazer uso das novas tecnologias. Afirma que,

[...] Os impactos desse processo [O uso da web e seus recursos, como as redes sociais] na capacidade de aprendizagem social dos sujeitos têm levado ao reconhecimento de que a sociedade em rede está modificando a maioria das nossas capacidades cognitivas. Raciocínio, memória, capacidade de representação mental e percepção estão sendo constantemente alteradas pelo contato com os bancos de dados, modelização digital, simulações interativas, etc.

A juventude, por sua vez, nascida nesse contexto do ciberespaço, interligadas numa sociedade em rede, está frequentemente adaptada às novidades da rede, interagem, se comunicam, estão conectados diariamente, prática incomum de gerações anteriores. Vivem em uma revolução tecnológica, para Castells (2000), onde seus usos e aspectos são incorporados pelo sistema capitalista.

Esses jovens não só produzem cultura, como os meios de comunicação produzem cultura para atender e criar novos desejos nesses jovens. É a sua representatividade que importa para conquistar ainda mais lucro. Segundo Rocha e Silva (2008, p. 126, *grifo dos autores*),

[...] O apelo à juventude e à juvenilização da cultura de massa (Morin, 1986), expressa nos meios da comunicação social hegemônicos, representa jovens que consomem material e simbolicamente, fabricam e são fabricados por imagens que sugerem formas de viver e agir. Jovens estão representados em revistas, jornais, programas de televisão, propagandas e *outdoors*, seus corpos vendem uma infinidade de produtos e serviços, e isso acaba por lhes conferir uma corporeidade singular, expressa através da produção e do consumo simbólico.

Nesse sentido, é possível listar uma série de conteúdos que comumente os estudantes têm acesso e buscam nas mídias sociais. Neles é nítida a produção de material que atende a representatividade dos jovens, e que induza ao consumo de produtos e serviços, alterando sua forma de ser e agir. Ao criticar essa situação, Bauman (2010, p. 36) afirma que “a cultura líquido-moderna não tem ‘pessoas’ a cultivar, mas clientes a seduzir”. O teórico (2010, p. 69, *grifos do autor*) continua afirmando que,

O que importa aos jovens é conservar a capacidade de *recriar* a ‘identidade’ e a ‘rede’ a cada vez que isso se fizer necessário ou esteja prestes a sê-lo. A preocupação de nossos antepassados com a *identificação* é substituída pela *reidentificação*. As identidades devem ser *descartáveis*; uma identidade insatisfatória, não satisfatória o bastante ou que revele sua idade avançada deve ser *fácil de abandonar*: Talvez a *biodegradabilidade* seja o atributo mais desejado da identidade real.

A novidade é atrativa para o jovem, a busca de conteúdos que reconstrua sua própria identidade, que reelabore suas práticas, que mostre o quão atualizado está diante dos demais, seja com modos novos de vida, hábitos alimentares, lançamentos de cosméticos, produções audiovisuais, jogos digitais e atividades esportivas e até novas e diferentes plataformas de estudo. O quadro abaixo mostra a lista apresentada nos grupos focais.

Tabela 2 – Conteúdos buscados nas mídias digitais pelos alunos entrevistados nos grupos focais

Conteúdos buscados pelos alunos entrevistados

Apostas;

Atualidades (Política, Resultados esportivos, livros, Automóveis e Moda);

Atividades esportivas (Musculação, Futebol e Judô/Jiu-Jitsu);

Culinária;

Curiosidades e Histórias;

Saúde;

Educação;

Entretenimento (Humor, Desenho Animados, Vida aquática);

Estética/Maquiagem;

Plataformas audiovisuais (Filmes, Séries, Músicas, Vídeo-aulas e vídeos de conteúdo adulto-Xvídeos);

Jogos on-line;

Notícias (especialmente sobre feminismo);

Reality show (Big Brother Brasil);

Teorias da conspiração.

Fonte: elaborada pela autora. Dados da pesquisa.

Ao serem indagados sobre quais os tipos de conteúdos costumam pesquisar no seu dia a dia, os alunos mencionaram uma variedade que retrata o perfil dos jovens atuais. De atualidades sobre acontecimentos políticos, esportivos, reality shows, modelos automotivos, modas, estéticas e teoria da conspiração, buscas e compartilhamento de aplicativos de jogos online até ao acompanhamento de plataformas de audiovisual com infinitas possibilidades de acessar a informações, grades de filmes e séries, além de vídeo-aulas e entretenimento para interagir e promover-se virtualmente. A incessante busca pelo acúmulo de informação por aquilo que for mais moderno, que garanta maior conectividade, aonde o universo on-line se sobressaia ao mundo off-line e reflete nas suas relações, sejam no ambiente familiar, escolar ou social.

A capacidade interativa da internet é feita sob medida para essa nova necessidade. É a quantidade das conexões, mais que sua qualidade, que faz a diferença entre as possibilidades de sucesso e fracasso. [...] Ao mesmo tempo, ajuda a atualizar os conteúdos, a redistribuir os traços característicos no retrato do próprio Eu e a apagar rapidamente os traços do passado, os conteúdos e características já vergonhosamente ultrapassados (BAUMAN, 2010, p.70).

Durante os encontros do grupo focal, os alunos foram questionados sobre quais plataformas das mídias digitais eles costumavam frequentar e, conseqüentemente, as respostas foram indicando a intencionalidade das visitas e da propagação do uso. Na **Tabela 3** que segue listamos as plataformas indicadas nos questionários.

Tabela 3 - Sites com maior frequência dos estudantes

Lista dos sites apontados nos grupos focais

Amazon;

Educacionais;

E-mail (Gmail);

Facebook;

Google;

Habbo (comunidade virtual);

Masterbet (jogos online);

MMHD Filmes;

Moda;

Realitys;

Youtube;

Fonte: elaborada pela autora. Dados da pesquisa.

Diante da lista construída pelos alunos, justificaram sua utilização da seguinte maneira:

Google, a gente procura qualquer informação que a gente quer, vai achar, mesmo sendo verdadeira ou falsa, mas a gente acha. Até sintomas de uma doença, a pessoa acha no Google (GRUPO FOCAL, 2020).

Sites educacionais que serve de apoio para estudar para o Enem (GRUPO FOCAL, 2020).

Youtube, né, que eu pesquiso muito música, maquiagens, os jogos de Free Fire e o Facebook também (GRUPO FOCAL, 2020).

Vídeo aulas, culinárias para aprender a cozinhar, porque tem coisas que você não sabe, aí vai lá, pesquisa, pega para dá certo. Tutorial de como cortar cabelo, as hidratação para cabelos, para crescimento, etc. (GRUPO FOCAL, 2020).

Eu pesquiso muito sobre livro que já li e acho interessante, e pesquiso sobre ele. Eu pesquiso muito sobre produtos assim caseiros para pele como arroz, café, utilizo muito, pesquiso muito (GRUPO FOCAL, 2020).

Na verdade eu estudo pelo Youtube, vejo assunto eu me interesse fico vendo vídeos dele, então qualquer coisa que tenha no Youtube assistindo, chamando meu interesse e de vez em quando isso acrescenta em sala de aula, conhecimento geral, sempre é bom (GRUPO FOCAL, 2020).

No geral, no Youtube, gosto muito de pesquisar o ramo da musculação e diferentes tipos, algumas receitas caseiras (GRUPO FOCAL, 2020).

Dentre as plataformas visitadas, o YouTube e o Google ganham destaque por se tratarem de plataformas que se tornaram aplicativos nos dispositivos móveis e de fácil manuseio, popularizados pela praticidade em pesquisa de conteúdos com variedade incalculável. Além de garantir suporte didático para material educativo e para as atividades diárias com habilidades diversas e suas curiosidades.

Outras plataformas foram citadas nos questionários, a saber: Instagram, Messenger, Netflix, Snapchat, Snaptube, Twitter e Whatsapp. Elas são comumente utilizadas para comunicação, exibição, publicação e aquisição de conteúdos, especialmente audiovisuais. No entanto, Han (2018, p. 106) nos alerta para o excesso de informação disponibilizada nas mídias digitais mencionando que, “quanto mais informação é liberada, mais o mundo se torna mais abrangível, fantasmagórico. A partir de um determinado ponto, a informação não é mais informativa, mas sim deformadora, e a comunicação não é mais comunicativa, mas sim cumulativa”.

Segundo o filósofo coreano, diferentemente das mídias eletrônicas que reunia as pessoas, a exemplo das rádios, as mídias digitais as singularizam. “A massa informativa e comunicativa multimidiática é mais um *conglomerado misturado* do que um ‘com-posição’”. (HAN, 2017, p. 94, *grifo do autor*) O número incalculável de informações que a internet proporciona aos jovens através dos diversos sites e plataformas não comprova sua veracidade e legitimidade, conforme vimos nas respostas dos alunos descritas acima. O pesquisador Han (2017, p. 96, *grifos do autor*) afirma ainda que,

[...] Mais informações e mais comunicação não *clarificam* o mundo; a transparência tampouco o torna clarividente. A massa de informações não gera *verdade*, e quanto mais se liberam informações tanto mais intransparente torna-se o mundo. Por isso, a hiperinformação e a hipercomunicação não trazem *luz* à escuridão.

Quando tratado sobre as informações obtidas através do uso das mídias digitais, muitos especialistas mencionam o quão vislumbrado e atraído ficam os indivíduos diante das

redes sociais. Ao questionar os alunos sobre as razões que os motivam ao uso dessas redes, eles responderam assim:

Para vê a vida do povo, com certeza (PEDRO, 2020)³².

Comunicação, para distração mesmo (MARIA, 2020).

Para mim é seguir páginas de filosofias (RITA, 2020).

Entretenimento, informações, músicas (JOSÉ, 2020).

No WhatsApp para conversar, já no Instagram é mais para vê, claro, a vidas das digitais influencers, BBB e o que está acontecendo no momento (SALETE, 2020).

Notícias pelo Facebook também que você sabe bastante. Curtir páginas. Futebol. Jogos. Seguir famosos (PAULO, 2020).

De certa forma, os jovens não assistem jornal, as redes sociais notifica a gente com ‘bocado’ de coisas, ‘bocado’ de notícias. E que a maioria dos jovens não assistem televisão, mas sempre está conectados com o celular e vai ter as mesma informações que a televisão passa. E bem mais rápido e bem mais prático, em qualquer lugar, em qualquer hora, na hora que quiser. E muitas das vezes, os aplicativos, os sites dão a notícia de uma forma diferente do que e dada no jornal. Mais agradável menos tediosa. Às vezes por brincadeiras para você entender. E sempre de forma descontraída (JOAQUIM, 2020).

Ao tratar sobre a Sociedade da Transparência e do Enxame numa perspectiva digital, Byung-Chul Han (2017) analisa o novo modo de viver das pessoas conectadas digitalmente e apropriando-se do termo *homo eletronicus* de McLuhan, Han (2017) atribui àqueles que reduzem sua identidade ao espaço digital, que mesmo vivendo no enxame, deixam as relações eletrônicas determinadas pela coletividade da massa para a singularidade do anonimato, marcado pela volatilidade e efemeridade, se encaixando perfeitamente às falas dos alunos da pesquisa.

A frequente vivência dos jovens no universo on-line é caracterizada nestas falas. A hipercomunicação estabelecida pelo engajamento e pela conexão ganha uma nova categoria, a vigilância passiva e legítima. Para ele, o panóptico digital do século XXI não é mais uma vigilância centralizada pelo olhar despótico, pois “a permeabilidade transparente aperspectivística é muito mais eficiente do que a supervisão perspectivística, visto que é possível ser iluminado e tornado transparente a partir de todos os lugares, por cada um” (HAN, 2017, p. 106). Quando se percebe as reais intenções da inserção no mundo digital, ao visualizar e acompanhar as publicações alheias com propósito de sondar, julgar, controlar.

³² Os nomes dos alunos são fictícios para preservar a identidade dos entrevistados.

Não há, portanto, agressão à liberdade, pois as pessoas estão se expondo livremente, deixando transparecer suas intimidades e seus sentimentos. Essa “intimidade é a *fórmula psicológica da transparência*; imagina-se alcançar a transparência da alma revelando-se os sentimentos e emoções íntimos, desnudando-os” (HAN, 2017, p. 81). Ainda, segundo ele (2017, p. 109),

[...] A sociedade do controle atual apresenta uma estrutura panóptica bastante específica. Contrariamente à população carcerária, que não tem comunicação mútua, os habitantes digitais estão ligados em rede e têm uma intensiva comunicação entre si. O que assegura a transparência não é o isolamento, mas a hipercomunicação. A especificidade do panóptico digital é sobretudo o fato de que seus frequentadores colaboram ativamente e de forma pessoal em sua edificação e manutenção, expondo-se e desnudando a si mesmos, expondo-se ao mercado panóptico.

Na era da informação, as relações estabelecidas em rede são mantidas pela forte comunicação e inter-relação com o mundo off-line. Aquilo que aparentemente é entretenimento para os jovens, torna-se um instrumento de mercadoria atendendo aos interesses capitalistas de compra e venda. O controle dos corpos é determinado de maneira sutil através das mídias sociais. De acordo com Han (2017, p. 124),

[...] A vigilância e o controle são uma parte *inerente* da comunicação digital. O característico ao panóptico digital consiste em que a distinção entre o Big Brother e os prisioneiros dilui-se cada vez mais. Aqui, todos observam e vigiam a todos. Não são apenas serviços secretos do governo que nos espionam. Empresas como o Facebook ou o Google trabalham elas mesmas como serviços secretos. Elas expõem a nossa vida para conseguir capital em troca das informações espionadas.

Quando o aluno menciona a obsolescência das mídias eletrônicas, a exemplo da televisão, em detrimento do uso das plataformas digitais, como o Facebook para aquisição de notícias e informações relevantes, compreendemos a ruptura temporal entre as gerações evidenciada pela interação e informatização das relações que marcam a identidade dessa nova categoria de jovens, em que acabam adaptando seu cotidiano à realidade virtual. Segundo Bauman (2010), as referências dos principais conceitos ligados às relações interpessoais e aos laços sociais, que marcam o mundo em que vivem e sobrevivem os jovens, aquele mundo experimentado pessoalmente, tem sido transplantado do mundo off-line de modo gradual para o mundo on-line.

[...] Uma das principais consequências da nova localização desses referentes é que os laços e os compromissos sociais correntes são percebidos mais como fotos instantâneas batidas no âmbito de um processo de negociação contínua do que como condições estáveis destinadas a durar um tempo indeterminado (BAUMAN, 2010, p.70-71).

As relações sociais perdem sua solidez graças à líquida racionalidade moderna do consumo, o enfraquecimento dos laços se estabelece quando uma plataforma que serviria para aproximar os indivíduos acaba por distanciá-los ainda mais, quando o compartilhamento tem o propósito de ser vitrine, de ser exposto como mercadoria. “Hoje, o mundo não é um teatro no qual são *representadas e lidas* ações e sentimentos, mas um *mercado* onde se expõem, vendem e consomem intimidades. O teatro é um lugar de *representação*, enquanto que o mercado é um lugar de *exposição*” (HAN, 2017, p. 80, *grifos do autor*). Complementando a análise de Bauman (2010, p. 68, *grifos do autor*) ao afirmar que,

[...] Para os jovens, a principal atração do mundo virtual deriva da ausência de contradições e objetivos contrastantes que infestam a vida off-line. O mundo on-line, ao contrário de sua alternativa off-line, torna possível pensar na infinita multiplicação de contatos como algo plausível e factível. Isso acontece pelo *enfraquecimento* dos laços – em nítido contraste com o mundo off-line, orientado para a tentativa constante de *reforçar* os laços, limitando muito o número de contatos e aprofundando cada um deles.

Numa entrevista através das redes sociais, especificamente pelo WhatsApp, destinada aos participantes dos grupos focais sobre a importância da internet e sua contribuição na vida de cada um deles, as respostas por unanimidade afirmam que a comunicação e aquisição de conhecimento são fundamentais para seu uso, sobretudo para os estudos. Selecionamos algumas respostas:

A internet é importante na minha vida porque ela me disponibiliza acesso a diversas tarefas ao mesmo tempo de forma prática, ela tem contribuído para meu desenvolvimento intelectual e social com uso de aplicativos que me proporcionam vídeo aulas e chats online (KARLA, 2020).

Imensa, pois com ela me sinto conectado com o mundo, ela tem me ajudado a entender muitas coisas que normalmente não aprenderia (JOSÉ, 2020).

Pra mim eu não vivo sem internet, eu passo praticamente o dia inteiro conectado, me ajuda muito. Estudar pela nova plataforma da escola, diversão, desabafar às vezes, bem hoje em dia é difícil não ter acesso a Internet pra mim ela tem me contribuído de maneira Boa, mas em alguns casos ruins (SALETE, 2020).

A importância da internet é que por ela posso me comunicar com outras pessoas, posso assistir algo para entretenimento e ainda posso estudar. Como já foi dito, contribui de formas positivas, porém a que mais está contribuindo nesse momento é nos estudos (GILSON, 2020).

A internet pra mim é um meio rápido de adquirir informações nas quais eu tenho dúvidas, além de proporcionar diversões e prazeres (FLÁVIA, 2020).

O entrosamento com as plataformas digitais é nítido entre os nativos da era da informação, seria leviano acreditar que a inserção das redes sociais nas atividades escolares, no ambiente escolar fosse inviabilizada pelos estudantes. Independente da implementação ou não do uso de redes sociais dentro do ambiente educacional, isso já acontece de forma transparente, onde basta só observarmos a comunicação dentro da sala de aula através dos celulares, computadores e demais dispositivos de comunicação onde a rede social já funciona entre eles, inclusive com assuntos pertinentes ao dia a dia da escola como provas, avaliações, trabalhos e paralelamente seus assuntos pessoais. Podemos não aceitar, mas essa realidade e interatividade já existem.

Outro aspecto muito corriqueiro nas falas dos alunos é a individualização do ser. Na modernidade líquida, essa individualidade é inventada, não descoberta, sobretudo para atender aos comandos mercadológicos. A necessidade individual de manter-se conectado como força motriz para a vida social, para atualizar os estudos, são características de uma realidade moderna de consumo, com desejos passageiros e diversões transitórias.

Contrariando o pensamento de Flusser sobre estarmos vivendo a era do ócio, Han (2018, p. 63) afirma ser a era digital a era do desempenho, pois “o próprio jogo se submete à coação do desempenho”. O homem do futuro se destacará não como um trabalhador, mas aquele que soube jogar e aproveitar as oportunidades. “A sociedade atual não é uma sociedade do ‘amor ao próximo’, na qual nos realizaríamos reciprocamente. Ela é, muito antes, uma sociedade do desempenho, que nos individualiza” (HAN, 2018, p. 87).

Ao mencionar os estudos como motivação para manterem-se conectados, os alunos apontaram as plataformas como instrumento de aquisição de conhecimento e colocaram em xeque o papel da escola e a função do professor. Bauman (2010, p. 54, *grifo do autor*) ao falar da delicada relação entre professor e aluno e sua mudança de paradigma, diz,

[...] este é o gênero do conhecimento (ou de *inspiração*, melhor dizendo) ardentemente desejado por homens e mulheres dos tempos líquido-modernos. Eles procuram consultores que os ensinem a caminhar, e não professores que os orientem num percurso único e já superlotado.

Mostrando a mudança de postura que a figura do professor tem estabelecido na atualidade. Diante de tantos questionamentos e críticas proferidas recentemente ao papel do professor no Brasil, colocando em dúvida sua conduta ética e profissional, é possível compreender como esse profissional sofreu uma série de variantes ao longo dos anos que

alterou sua funcionalidade e identidade, tornando-se multifuncional, versátil, adaptável e plurivalente. Acrescenta o teórico (2010, p. 60) ainda que,

[...] No passado, a educação assumia muitas formas e era capaz de adaptar-se às circunstâncias mutáveis, de definir novos objetivos e projetar novas estratégias. Mas, se me permitem a insistência, as mudanças presentes são diferentes das que se verificam no passado. Em nenhum dos momentos decisivos da história humana os educadores enfrentaram um desafio compatível ao que representa esse ponto limite. Nunca antes nos deparamos com situação semelhante. A arte de viver num mundo hipersaturado de informação ainda não foi aprendida. E o mesmo vale também para a arte ainda mais difícil de preparar os homens para esse tipo de vida.

Ao serem indagados sobre a importância das redes sociais para os estudos, os alunos foram incisivos quanto à sua funcionalidade diante da comunicação entre os estudantes e professores. A conexão entre eles ultrapassa os limites espaciais dos muros da escola, conectando diariamente o universo escolar às práticas cotidianas dos alunos. Para eles,

A função que a rede social tem na minha vida, é que de maneira ou outra estamos ali, conectados. Ela também nos ajuda com os estudos, oferecendo diversas oportunidades de aprender ou tirar dúvidas de algo, com isso nós estudantes temos diversas maneiras de aprender, seja ela em vídeos ou até mesmo em textos, tirando todas as dúvidas do aluno naquele momento. Além disso, uso pra diversão, um modo de distrair, uma forma de hobby (JESSICA, 2020).

As redes facilitam com que eu consiga me comunicar com os amigos e familiares de forma rápida, por chamada ou não. Consigo ver o que acontece no mundo real e ter informações sobre aquilo, posso fazer compras online, e outros milhares de coisas. Nos estudos, algumas redes são bem úteis por questão de serem mais práticas para fazer trabalhos, enviar links/documentos, vídeoaula e tirar dúvidas com professores e se comunicar com amigos de turma também, como é o nosso caso nesse momento com aulas EAD (JOSÉ, 2020).

A principal função de uma rede social para mim é a de conectar pessoas dentro do mundo virtual, seja para construir novas conexões sociais ou apenas manter já existentes. Redes sociais são grandes contribuintes para o desenvolvimento da aprendizagem ainda mais nessa pandemia a comunicação pelas redes sociais se torna muito eficiente (JOAQUIM, 2020).

Uma das críticas mais comuns ao excesso de conteúdo nas mídias digitais é o grau de veracidade na qual elas contêm. Informação e verdade não são as mesmas coisas, esta é seletiva e exclusiva, enquanto que a informação é acumulativa. De acordo com Han (2018, p. 74-75),

Não há massas de verdades, [mas] há, em contrapartida, massas de informação. Sem a negatividade se chega a uma massificação do positivo. Por causa da sua positividade, a informação também se distingue do saber. O saber não está simplesmente disponível. Não se pode simplesmente encontra-lo como a informação. A informação é explícita, enquanto o saber toma, frequentemente, uma forma implícita.

A conexão que as redes sociais proporcionam aos indivíduos reflete as efemeridades das relações sociais nessa modernidade líquida. A facilidade de conectar-se é tão comum quanto à de desconectar-se. “Essa é sem dúvida uma qualidade elogiável e conveniente numa sociedade em que as redes substituem as estruturas, em que um jogo de apego/desapego e uma infinita sucessão de conexões e desconexões substituem a atividade de ‘determinar’ e ‘fixar’” (BAUMAN, 2010, p. 35). Não há um elo concreto e fixo nas relações, inclusive na educação. A eficiência dos estudos pode está ligada muito mais com o desempenho do estudante diante das novas ferramentas de estudo, através das inúmeras plataformas digitais, que de certa maneira descarta a presença tradicional da figura do professor, mediador do conhecimento e pronto para depositar no aluno todo conteúdo estabelecido pelos currículos.

Ao longo do mês de maio do ano de 2020, os alunos vivenciaram um novo formato de estudo, através das plataformas digitais precisaram aprender a aprender, utilizando terminologias do modelo das escolas cidadãs integrais, atribuindo habilidades aos quatro pilares da educação, que são princípios norteadores deste modelo de escola. Não apenas os alunos, mas também os professores precisaram aprender a lidar com os recursos tecnológicos para exercer seu papel de educador através do computador, substituto da lousa e caneta. Os alunos, por sua vez, aprendendo a utilizar uma plataforma para estudar, resolver e postar atividades diariamente, dependendo de um computador, ou aparelho celular que nesse momento substitui os lápis e cadernos.

Essa nova realidade, proporcionada pela pandemia que assola nossos dias, é claramente vislumbrada por Bauman quanto à efemeridade dos laços. Segundo o autor (2010, p. 44-45),

[...] Bem diverso do labirinto usado pelos behavioristas, o mundo dos nossos dias parece mais um mecanismo para esquecer, do que um ambiente para aprender. Os compartilhamentos podem ser intransponíveis, como no labirinto experimental, mas não montados os percursos já testados e explorados. Azar de quem tem boa memória: os percursos confiáveis de ontem podem em pouco tempo acabar numa parede branca ou em areias movediças; e os esquemas habituais de comportamento, antes infalíveis, transformam-se em mensageiros de fracasso, e não de sucesso.

Daquelas habilidades que determinavam ser um bom professor e um bom aluno, não necessariamente representaria as habilidades atuais. A transitoriedade das práticas educacionais tornaram-se ainda mais fortes nos últimos tempos, criando novas necessidades para o cumprimento de tarefas antes facilmente exercidas. O fracasso apontado por Bauman

(2010) é resultado do não acompanhamento das evoluções tecnológicas que muitos não conseguiram acompanhar.

Nesse sentido, apontamos para o número concreto de alunos que não conseguiram acompanhar as atividades na plataforma do Google Classroom. São exatamente 75 alunos, representa 51,4% do total de alunos matriculados, que não realizaram as atividades on-line por diversos motivos apontados acima e que ficaram à margem dos avanços tecnológicos que as novas necessidades vêm impondo às escolas para manterem ativos sua equipe escolar.

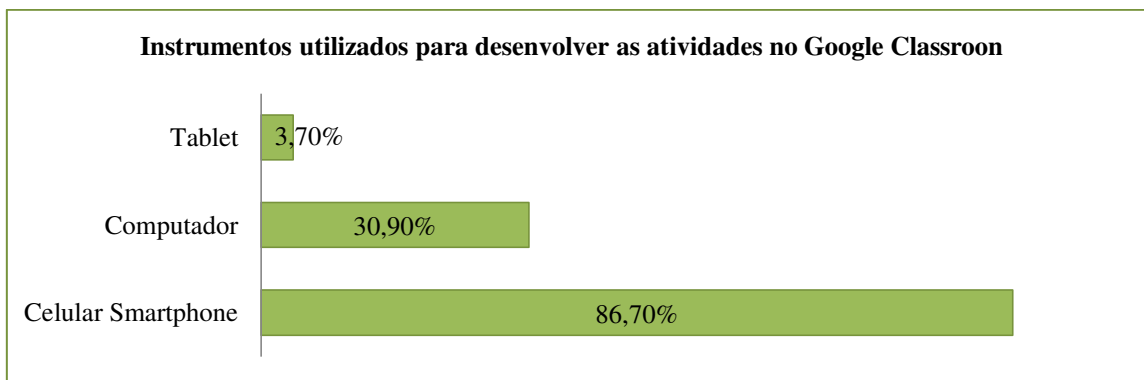
Durante as semanas de aula pelo Google Classroom, os alunos foram monitorados por toda equipe escolar, desde a criação dos e-mails institucionais através das redes sociais, especialmente pelo WhatsApp, acompanhando e informando as novidades na plataforma, convocando os pais no acompanhamento dentro do ambiente familiar, identificando os problemas de acesso, disponibilizando tablets e desenvolvendo atividades impressas para os estudantes sem acesso à rede de internet. Os alunos que recebem as atividades impressas representam 13,7% dos alunos.

As mídias sociais e sites de busca utilizados para atender a essa nova realidade, acabam por excluir outros que não conseguem acompanhar a evolução tecnológica. Quando por um lado aproxima e estabelece laços, por outro marginaliza e dificulta sua inserção. Essas mídias para Han (2017, p. 81, *grifos do autor*),

[...] constroem um *espaço de proximidade* absoluto onde se elimina o *fora*. Ali encontra-se apenas o si mesmo e os que são iguais. (...) Com isso, ela derruba o caráter público, a consciência pública; sim, a consciência *crítica*, privatizando o mundo. A rede se transforma em esfera íntima ou zona de conforto. A proximidade pela qual se elimina a distância também é uma forma de expressão da transparência.

Através de um questionário na plataforma do Google Classroom, pelo Google Forms, fizemos um levantamento do perfil dos alunos que estão conseguindo acesso às atividades pela plataforma. Foram 81 alunos participantes, ou seja, 55,5% dos estudantes responderam o questionário. Deste que conseguem realizar as atividades, fazem uso dos seguintes instrumentos/aparelhos tecnológicos descritos no gráfico abaixo.

Gráfico 02 - Quais os instrumentos utilizados para realizar as atividades na plataforma digital?



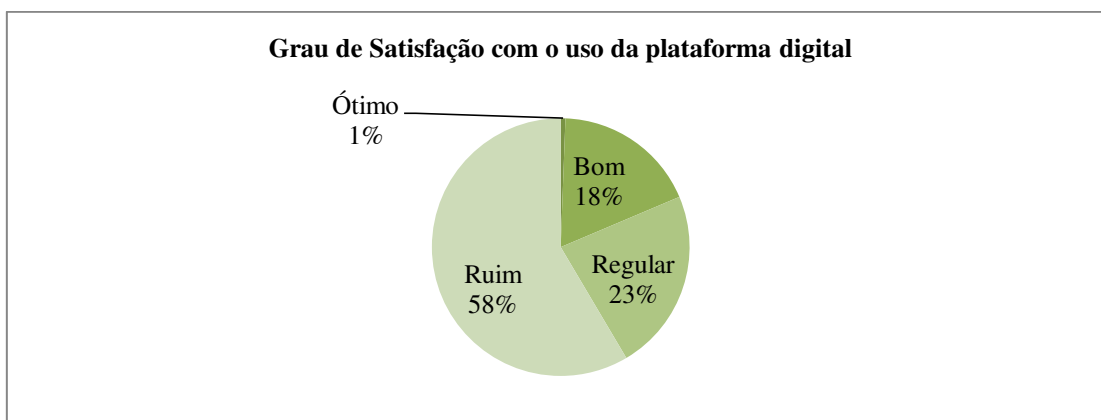
Fonte: Elaborado pela autora. Dados da pesquisa.

O aparelho celular foi o instrumento mais utilizado entre os estudantes, devido sua facilidade no manuseio e pela sua maior frequência entre os jovens. Porém, para o acesso às atividades, o uso mais frequente entre eles é pelas redes de internet Wi-fi, que representa 88,9% dos estudantes que responderam o questionário e 9,9% utilizam os dados móveis de suas operadoras de telecomunicação.

Os alunos afirmaram que passam entre 01 e 07 horas por dia para realizar as atividades, tendo um número maior de alunos que alegaram precisar de 02 a 04 horas por dia, representando 60% deles, distribuídos ao longo do dia, preferencialmente pela manhã e tarde. Além disso, dividem as atividades escolares com outras atividades que não cumpriam enquanto estavam na escola por tempo integral, dentre elas as atividades domésticas (84%), agrícolas (16%) e cursos: presenciais (2,5%) e on-line (13,6%). Outros quatro alunos começaram a desempenhar atividades remuneradas no turno oposto aos horários da realização das atividades digitais.

Quanto à satisfação dos estudantes no tocante a atividades através da plataforma digital, as queixas se repetem mesmo reconhecendo a necessidade desse modelo de ensino. Conforme gráfico abaixo, a maioria dos alunos avaliaram como regular (46,9%) o uso desse instrumento e as justificativas foram variadas, desde dificuldades no manuseio da plataforma e compreensão do conteúdo, até limitações comportamentais com o cansaço.

Gráfico 03 - Grau de satisfação com o uso da plataforma



Fonte: Elaborado pela autora. Dados da pesquisa.

As respostas dos alunos foram:

Tenho dificuldades com a plataforma, e tenho consciência de que nem todos tem acesso a internet, mas como é a única alternativa para não perdermos o ano, estou aprendendo a lidar (GUSTAVO, 2020).

Acredito que não tem como substituir aulas presenciais por on-line, ela ajuda sim, em partes do aprendizado, mas não como antes na escola, pois não consigo aprender completamente como presencialmente (DAMIANA, 2020).

Não é tão eficiente quanto às aulas presenciais (ARTHUR, 2020).

Acredito que se torna exaustivo (psicologicamente) por não ser assunto que naturalmente estudaríamos na escola, me preocupa como aluna do terceiro ano, já que penso muito no Enem e em motivo da pandemia estamos perdendo matérias importantes e se torna pouco estimulante – em algumas matérias e atividades, não todas – assim como sei que não é fácil para professores e que fazem o que podem para passar essas atividades da melhor forma possível e que independe de vocês os assuntos abordados (NICOLLAS, 2020).

Os alunos passam a se deparar com a realidade do ensino a distancia e começam a reconhecer as dificuldades que envolvem esse novo modelo de estudos, as limitações individuais diante das cobranças, as responsabilidades e a ausência da presença física dos colegas e professores, como estímulo para resolução das tarefas e cumprimento dos deveres enquanto estudante. É importante destacar as dificuldades que os alunos relatam no processo de aprendizagem com a presença física do professor. Mesmo diante de um grupo nascido no contexto de cibercultura, a resistência e ineficiência dessas plataformas digitais na transmissão do conhecimento, decorrente da ausência física do profissional da educação, do professor.

Dentre os apontamentos feitos, há aspectos que na perspectiva deles foram indicados como vantajosos. Destacamos algumas respostas:

Porque com a plataforma é mais fácil de dá mais mobilidade a quem tem acesso a internet, porque dá pra pesquisar um assunto se você tem dificuldade (JOÃO, 2020).

Testar um novo método além do acesso on-line aos conteúdos a turma também pode interagir e trabalhar temáticas diferentes em relação às trabalhadas na sala de aula (CAMILLA, 2020).

Bom, as vantagens são boas porque a gente fica em casa para de fazer as atividades e vai fazer outras coisas e assim vai (JOYCE, 2020).

A vantagem é de ser uma plataforma que consigo fazer a atividade tendo contato com o professor, podendo mandar atividades de forma escrita e por fotos (RODRIGO, 2020).

A comodidade de estar em casa e fazer as atividades no seu próprio tempo, de organizar horários e dividi-los para o cumprimento de tarefas outras além dos estudos, as facilidade e praticidade para os adeptos da era da informação e conhecedores desses dispositivos digitais são aspectos relevantes que contribuem para que os estudos fluam nesse momento, nem que seja para uma parcela pequena destes integrantes da era digital.

Por fim, afirmaram no questionário que, mesmo sobrecarregados com as atividades on-line da escola, havia tempo e disposição para acessar as redes sociais populares, como o Instagram, WhatsApp, Facebook, além das mídias digitais, como YouTube, Google e outros sites de entretenimento, sobretudo para cumprimento de atividades escolares que publicitavam em outras plataformas digitais.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o intuito de compreender os impactos gerados pelas redes sociais virtuais na educação e entender como os jovens usam e pensam as redes sociais de modo a refletir na sua vida, especialmente a escolar, nos debruçamos sobre o estudo desse fenômeno cibernético em busca de suas origens, fazendo um levantamento conceitual e uma construção histórica dos precursores dessas mídias sociais.

Como consequência de uma revolução científica tecnológica da informação oriunda da terceira fase do capitalismo, as redes sociais adentraram no universo juvenil e construíram novas formas de relacionamento em todos os âmbitos da vida humana, com uma roupagem

mercadológica e fluída devido ao seu caráter virtual e pela busca da padronização cultural provocada pela globalização.

Ao analisar essas relações típicas da sociedade contemporânea numa perspectiva sociológica, apontamos o sociólogo polonês Zigmunt Bauman como o teórico mais indicado para embasar nossa discussão, que além de evidenciar as gritantes diferenças entre a sociedade moderna e a contemporânea a partir da terminologia da liquidez, propõe pensar a Sociologia como uma ciência do diálogo com as vivências e experiências dos atores sociais, nos fazendo perceber o mundo a partir de sua necessidade imediata e dos saberes sobre ele, de reconhecer as orientações e os diferentes papéis desempenhados pelo ator no mundo e, principalmente, de reconhecê-lo como agente no mundo cibernético que está conectado em redes.

Para essa discussão, foi necessário compreender a figura do jovem estudante que por ora é passivo às mudanças sociais decorrentes dos processos de modernização tecnológica e que ao mesmo tempo não se isenta de atribuições e corresponde às inúmeras transformações culturais, modificando o seu modo de ser, viver e se relacionar com os outros. Nesse sentido, ainda, adentrando a um novo formato de estudo, mediante uma necessidade emergencial global causada pela pandemia, que alterou suas práticas escolares a ponto de desenvolver uma nova modalidade de ensino através das plataformas digitais, com ensino remoto a distancia.

A “cibercultura” é mais presente no cotidiano dos jovens, que, aliás, é o público-alvo desta instituição escolar. Diz-nos Palfrey (2011, p. 14) que, “para esses jovens, as novas tecnologias digitais são os principais mediadores das conexões humanos-com-humanos”, pois não conseguem distinguir entre sua identidade digital e a sua identidade real, devido ao excesso de tempo destinado ao usufruto tecnológico, independente de onde e quando utilizar a sua tendência à multitarefas, padronizando assim seu modo de ser, sua maneira de adquirir conhecimento e criar novos através da tecnologia digital. Denominados por Palfrey (2011, p. 15, *grifos do autor*) como “nativos digitais”³³, os jovens estão constantemente conectados, pois,

[...] eles têm muitos amigos, tanto no espaço real quanto nos mundos virtuais – uma coleção crescente de amigos que eles computam, para o resto do mundo ver, em seus *sites* de contato *online*. Mesmo enquanto dormem, - conexões são realizadas *online* e ficam arquivadas para eles as encontrarem a cada novo dia quando despertam. [...] Mas durante esta conectividade incessante, a própria natureza dos relacionamentos – até mesmo o que significa tornar-se ‘amigo’ de alguém – está mudando. As amizades *online* são baseadas em muitas das mesmas coisas que as amizades tradicionais – interesses compartilhados, interação frequente -, mas não obstante têm

³³ Este termo foi criado e difundido pelo pesquisador Marc Prensk para caracterizar os nascidos na era digital.

um teor diferente: elas são frequentemente passageiras, fáceis de começar e fáceis de acabar.

Para Bauman (2010), foi só com o advento da modernidade que as novas gerações romperam com a contínua partilha de habilidades e condições de vida que suas antecessoras carregavam. A nítida divergência temporal de permanecer na normalidade, de manter confortavelmente os padrões de comportamento e percepção das coisas se tornou perceptível àquilo que o sociólogo polonês denomina por uma insatisfação entre gerações. De fato, afirma Bauman (2010, p. 64),

[...] o resultado é que as velhas e as novas gerações tendem a se olhar reciprocamente com um misto de incompreensão e desconfiança. Os mais velhos temem que esses recém-chegados ao mundo estejam prontos a arruinar e destruir a acolhedora, familiar e decorosa 'normalidade' que eles, os pais, construíram com esforço e conservam com amoroso cuidado; os jovens, ao contrário, sentem um forte impulso de endireitar o que os antigos estragaram e desequilibraram. Nem uns nem outros estão satisfeitos (pelo menos não completamente) com o modo como as coisas vão e com a direção que seu mundo parece tomar, acusando-se mutuamente por essa insatisfação.

Numa história recente, gladiando-se com seus antepassados, incompreendidos diante de mudanças sociais entranhadas nas novas oportunidades de vida, os complexos jovens contemporâneos, para Rocha e Silva (2008), são definidos a partir da ambivalência que se constituem como uma parte essencial dessa cultura fragmentada, parcelada e do seu caráter múltiplo e plurivocalizado.

Diante da análise aqui desenvolvida, os jovens estudantes do Ensino Médio no município de Montadas/PB reconhecem o poder que essas mídias exercem sobre seu cotidiano e, especialmente, sobre seu processo de ensino-aprendizagem, mantendo-os conectados entre si e com o mundo virtual, com inúmeras possibilidades de adquirir conhecimento, ao mesmo tempo em que coloca em xeque a relevância e o papel da escola tradicional e a figura do professor, agora compreendidos como mediadores do conhecimento. A obsolescência da educação, também é entendida aqui através da ausência de espaço que permita o jovem estudante refletir sobre suas experiências e vivências e, conseqüentemente, questione sobre o senso comum, elevando-o a condição de uma percepção crítica capaz de esclarecer sobre sua própria realidade. Trata-se de uma postura de estranhamento diante daquilo que é normalizado e padronizado entre os indivíduos.

Bauman (2010) nos alerta para a vocação da Sociologia em voltar-se para o *Lebenswelt* (mundo vivido) como o nosso verdadeiro objeto de estudo, capaz de produzir conhecimento a partir da reflexão da vida cotidiana e estimular a liberdade de escolha diante

dos problemas e dos dilemas vivenciados. Considerar que a subjetividade humana deve ser entendida como vitrine de suas percepções e que compreendê-la é tão complexo quanto compreender suas relações sociais.

É importante mencionar que, os estudos voltados para a relação entre as redes sociais e a educação no âmbito da Sociologia têm sido extremamente escassos, o que representa pouca discussão para uma realidade tão vívida e presente nas sociedades contemporâneas, sobretudo entre os jovens. Sendo, portanto, uma verdadeira lacuna no universo acadêmico das ciências sociais, diante de tantas transformações sociais decorrentes dessas mídias digitais de comunicação e de relacionamentos, e que nossa pesquisa vem a contribuir na reflexão sobre o ensino da Sociologia frente à revolução tecnológica.

Além disso, as redes sociais tornaram-se ainda mais presentes no universo escolar e junto a ela, as plataformas digitais, nesse período de crise sanitária. O que antes sua presença era tímida e por vezes reprovada pelos demais membros da comunidade escolar, agora com a inserção do ensino remoto tornou-se necessária e obrigatória para todas as escolas. Conectou gestão, professores, pais e alunos a uma mesma rede e disseminou as plataformas como ferramenta pedagógica imprescindível para a continuidade das atividades curriculares e conclusão do ano letivo, sem perspectiva de retorno das aulas presenciais e a espera de uma nova normalidade de convívio social.

Essa nova realidade nos mostrou a discrepância social e econômica dos nossos alunos, o acesso às plataformas não foi generalizado, tão pouco reduziu a desigualdade. Mesmo com alternativas criadas pela escola para sanar tamanha dificuldade para cumprir com as atividades escolares, através de atividades impressas, distribuição de tablet's e atividades enviadas via WhatsApp, muitos desses alunos residem distante da escola, em localizações que o sinal de internet não alcança, com dispositivos ineficientes e sem recursos financeiros para custear os dados móveis das operadoras de telefonia.

A pandemia, por sua vez, gerou uma série de limitações ao desenvolvimento da pesquisa, impedindo a continuidade dos encontros dos grupos focais e do contato físico com os alunos no ambiente escolar, reduzindo o número de participantes na pesquisa, nos levando a alterar o planejamento da pesquisa, no entanto, nos conduziu a experimentar novas técnicas de pesquisa, a exemplo da netnografia, fazendo uso das plataformas utilizadas nas aulas para dar continuidade ao levantamento de dados sobre os estudantes.

Sendo assim, nossa pesquisa possibilitou uma discussão sobre o impacto que as redes sociais podem provocar na teia de relacionamentos dos jovens, sobretudo no universo escolar, na forma como eles enxergam e utilizam essas mídias, de modo a se beneficiar e se

reconhecer diante do mundo através da conexão virtual. E nos levou, enquanto docentes da disciplina de Sociologia, à verdadeira vocação dessa ciência, que é dialogar com os agentes sociais, nesse caso, com os próprios alunos, fazendo-os refletir sobre suas vivências e dando sentido a elas, de forma crítica e esclarecedora, gerando um espaço, por conseguinte, de construção de conhecimento.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel. O uso das noções de adolescência e juventude no contexto brasileiro. 2005. pp. 19-39. In: _____. FREITAS, Maria Virgínia de. (Org.). **Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais**. 2005. São Paulo: Ação Educativa. Disponível em: <<https://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/05623.pdf>>. Acesso em: 28 jul. 2020.

ABRAMOVAY, Ricardo. **Muito além da economia verde**. São Paulo: Editora Abril, 2012. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/87829/mod_resource/content/1/Livro%20ABRAMOVAY,%202012.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2020.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

BAUMAN, Zygmunt. **Capitalismo parasitário: e outros temas contemporâneos**. Rio de Janeiro: Zahar. 2010.

_____. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias/ Zygmunt Bauman; tradução Carlos Alberto Medeiros**. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual / Zygmunt Bauman; tradução Plínio Dentzien**. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003

_____. **Globalização: as conseqüências humanas / Zygmunt Bauman; tradução Marcus Penchel**. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999

_____. **Nascidos em tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2018.

_____. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. **Para que serve a sociologia?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2015.

_____. 44 Cartas do Mundo Líquido Moderno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011

_____. Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. *Zygmunt Bauman*; tradução Carlos Alberto Medeiros. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004

_____. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. La Sociedad Sitiada. Buenos Aires: Fondo de Cultura Economica, 2008

_____. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt; MAY, Tim. Aprendendo a Pensar Sociologicamente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010

BAUMAN, Z.; LYON, D. Vigilância líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

BRENNAND, Edna G. G. Hipermídia e novas engenharias cognitivas nos espaços de formação. In: _____. SILVA et al. (Org.). Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino. Políticas educacionais, tecnologias e formação do educador: repercussões sobre a didática e as práticas de ensino, 13., 2006, Recife. **Anais eletrônicos do XIII ENDIPE – Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino. Políticas educacionais, tecnologias e formação do educador: repercussões sobre a didática e as práticas de ensino**. Recife, ENDIPE, 2006.

CAPLAN, S. Using focus group methodology for ergonomic design. *Ergonomics*, v. 33, n. 5, p. 527-33, 1990.

CASTELLS, Manuel. A Sociedade em rede. In: _____. **A era da informação, economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

CASTELLS, Manuel. O poder da identidade. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

CATANI, Afrânio Mendes. O que é capitalismo. Coleção primeiros passos. 7ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense S/A, 1981.

CORREA, Rosa Lydia Teixeira. **Cultura e diversidade**. Curitiba: Ibplex, 2008.

COSTA, Thatyane Roberta de Castro. A mundialização da cultura e os processos de homogeneização e formação da cultura global. *Universitas - Relações Int.*, Brasília, v. 2, n.1, p. 255-267, jan./jun. 2004

DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo. Juventude e Ensino Médio: quem é este aluno que chega à escola? In: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla L. (orgs.) **Juventude e Ensino Médio: sujeitos e currículos em diálogo**. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educação & Sociedade**, Campinas, ano XXIII, n. 79, ago. 2002. p. 257-272. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/es/v23n79/10857.pdf>>. Acesso em: 28 jul. 2020. 125

GATTI, Bernardete Angelina. **Grupo Focal na Pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília: Liber Livros, 2012.

HAN, Byung-Chul. **No enxame: perspectiva do digital**. Petrópolis – RJ: Vozes, 2018.

_____. **Sociedade da Transparência**. Petrópolis - Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

ILLOUZ, Eva. O Amor nos tempos do Capitalismo. Eva Illouz; tradução Vera Ribeiro. – Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

KOZINETS, Robert V. Netnografia: a arma secreta dos profissionais de marketing: como o conhecimento das mídias sociais gera inovação. 2010. Disponível em: http://kozinets.net/wp-content/uploads/2010/11/netnografia_portugues.pdf

KOZINETS, Robert V. Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Penso, 2014

LÉVY, P. A Inteligência Coletiva: por uma antropologia do ciberespaço. Editora Loyola: 2000

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LOPES, Sonia Aguiar. **Redes Sociais e tecnologias digitais da informação e comunicação: Relatório final de Pesquisa**. São Paulo: Núcleo de Pesquisas, Estudos e Formação para o Terceiro Setor/ NUPT-RITS, 2006. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/download/Redes_sociais_e_tecnologias_digitais%20.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2020.

LORENZO, Eder Wagner Cândido Maia. A utilização das Redes Sociais na Educação: Importância, Recursos, Aplicabilidade e Dificuldades: Clube de Autores – Editora, 2011. 105 p.

MARTELETO, Regina Maria. Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 30, n. 1, p. 71-81, jan./abr. 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade*. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

OLIVEIRA, Reinaldo José. **Juventude e Ciberespaço**: implicações do uso da internet na construção da sociabilidade juvenil. Dissertação do Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação Stricto Sensu em Educação da Universidade Católica de Brasília. Brasília, 2012.

PALFREY, John. *Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração de nativos digitais/ John Palfrey, Urs Gasser; tradução: Magda França Lopes; revisão técnica: Paulo Gileno Cysneiros*. – Porto Alegre: Grupo A, 2011.

PRADO, José Luiz. Aidar. A naturalização da rede em Castells. In: _____. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 23., 2000, Manaus. **Anais eletrônicos do Intercom - XXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Manaus, 2000. Disponível em:

<

<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/8edfdec821e24e074c15484053eb83c8.pdf> >.

Acesso em: 28 jul. 2020.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: Métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Meridional, 2009. 191 p.

ROCHA, Rose de Melo e SILVA, Josimey Costa. Cultura Juvenil, violência e consumo: representações midiáticas e percepção de si em contextos extremos. In: BORELLI, s.h.s., e FILHO, J.F. (Orgs) **Culturas Juvenis no século XXI**, São Paulo: Educ. 2008

ROCHA, Gilmar; TOSTA, Sandra Pereira. *Antropologia & Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009

ROSADO, Luiz Alexandre da Silva; TOMÉ, Vitor Manuel Nabais. As redes sociais na internet e suas apropriações por jovens – brasileiros e portugueses em idade escolar. **Rev. Bra. Estud. Pedagog (online)**, Brasília, v. 96, n. 242, p. 11-25, jan/abr. 2015 disponível em:

<<https://www.scielo.br/pdf/rbeped/v96n242/2176-6681-rbeped-96-242-00011.pdf>>. Acesso em: 28 jul. 2020.

ROSA, Gabriel Artur Marra; SANTOS, Benedito Rodrigues dos. Repercussões das redes sociais na subjetividade de usuários: uma revisão crítica da literatura. **Trends in Psychology/Temas em Psicologia [online]**, v.23, n.4, pp. 913-927, 2015. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v23n4/v23n4a10.pdf>>. Acesso em: 28 jul. 2020.

STRATTON, Peter. Dicionário de Psicologia. São Paulo: Pioneira, 1994.

TELLES, André. A revolução das mídias sociais: cases, conceitos, dicas e ferramentas. São Paulo: M. Books, 2010.

APÊNDICE

APÊNDICE 1 – Questionário aplicado pelo Google Forms

USANDO A FERRAMENTA DIGITAL PARA O ESTUDO

1. Quais os instrumentos utilizados para realizar as atividades na plataforma? *

Você pode marcar mais de um instrumento

- Aparelho celular
- Computador
- Tablet
- Outro:

2. A conexão da internet é feita através de:

- Wi-fi
- Dados móveis
- Outro

3. Quanto tempo do seu dia é dedicado para realização das atividades na plataforma? *

Você pode fazer uma média de quantas horas por dia

4. Quais outras atribuições você tem desempenhado ao longo dessa quarentena? *

- Cursos presenciais
- Cursos on-line
- Atividades domésticas
- Serviços remunerados
- Atividades agrícolas
- Outro:

5. Para medir o grau de satisfação com o uso da plataforma digital nos seus estudos, levando em consideração os problemas sanitários que nos impede de realizar as aulas presenciais, qual alternativa você escolhe?

- Ótimo
- Bom
- Regular
- Ruim

6. Justifique sua resposta da pergunta acima.

7. Caso tenha DIFICULDADES com a plataforma. Aponte as dificuldades que você tem enfrentado para realizar as atividades.

8. Aponte as VANTAGENS que tem encontrado nas plataformas para realizar as atividades

9. Quais as mídias sociais você tem conseguido agregar a sua rotina de estudo e de vida durante a pandemia? *

Das mídias que você já frequentava, se você mantém a mesma frequência

APÊNDICE 2 – Questionário aplicado com o grupo focal

REDES SOCIAIS E A ESCOLA: UMA REFLEXÃO POSSÍVEL!

MESTRANDA: Kaline Gomes Fernandes

DADOS PESSOAIS:
NOME COMPLETO:
IDADE:
ESTADO CIVIL:
GÊNERO:
COR/RAÇA:
RESIDÊNCIA: () Zona Rural () Zona Urbana
RELIGIÃO:
RENDA FAMILIAR: () abaixo de um salário mínimo () entre 1 salário e 3 salários mínimos () acima de 4 salários mínimos
INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES
QUAIS OS <u>SITES</u> VOCÊ COSTUMA TER MAIOR ACESSO NO SEU DIA A DIA?
QUAIS OS <u>APLICATIVOS</u> VOCÊ COSTUMA TER MAIOR ACESSO NO SEU DIA A DIA?
QUAIS OS TEMAS QUE VOCÊ COSTUMA PESQUISAR NA INTERNET?